

Pontifícia Universidade Católica

PUC – SP

Faculdade de Teologia

Diego Willian dos Santos

Espiritualidade litúrgica em “tempos líquidos”

Mestrado em Teologia

São Paulo

2019

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC - SP

Faculdade de Teologia

Diego Willian dos Santos

Espiritualidade litúrgica em “tempos líquidos”

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia Sistemática, área de concentração em Liturgia, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa.

SÃO PAULO

2019

Banca Examinadora

Dedico este trabalho a todos os que amam a Sagrada Liturgia.

AGRADECIMENTOS

“Agradeço Àquele que me deu forças Cristo Jesus, tomando-me para o seu serviço.”¹

Gratidão aos meus pais que me iniciaram na fé e me conduziram para as celebrações litúrgicas em nossa comunidade paroquial. Agradeço aos amigos que compartilharam comigo as angústias e alegrias da confecção desta obra. Na pessoa da professora Ivenise Terezinha Gonzaga Santinon e do padre Rodolfo Gasparini Morobiolo agradeço aos professores e padres amigos que com seu conhecimento e incentivo me ajudaram a compreender a necessidade de nossa participação no campo da pesquisa teológica, para melhor servir ao povo de Deus.

Agradeço também à Diocese de Itapeva na pessoa de sua Excelência Reverendíssima Dom José Moreira de Melo, nosso bispo emérito, que me autorizou a aprofundar meus estudos no campo da Liturgia. Com a mesma reverência agradeço a Dom Arnaldo Carvalheiro Neto, nosso bispo diocesano, que permitiu que eu continuasse com esta pesquisa, mostrando sempre seu apoio e entusiasmo.

Minha gratidão aos paroquianos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida, de Nova Campina, minha atual paróquia, que souberam compreender minhas ausências durante todo este trabalho. A eles meu respeito e consideração, a eles dedico também este trabalho, na esperança de que esta pesquisa nos ajude a bem celebrar os mistérios da nossa salvação.

Por fim, agradeço ao meu orientador professor Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa, porque enamorado de Zygmunt Bauman e ao mesmo tempo com uma profunda espiritualidade, me impulsionou para a realização desta pesquisa.

¹ 1 Tm 1, 12.

RESUMO

SANTOS, Diego W. **Espiritualidade litúrgica em “tempos líquidos”**

É inegável que as mudanças culturais e o avanço científico tecnológico trazem um impacto na vida das pessoas, seja no modo como concebem as relações, os relacionamentos e as amizades, até mesmo na maneira como interagem com objetos e bens materiais. Tal mudança traz também uma transformação no âmbito eclesial mudando a maneira como as pessoas se relacionam com Deus e consequentemente com a fé e a espiritualidade. A presente pesquisa visou analisar, portanto, o impacto que a liturgia do pós-Concílio Vaticano II e as pessoas que dela participam, sofrem atualmente na sua espiritualidade. Para tal, a reflexão aqui estabelecida se pautou pelo espírito imbuído do Documento Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, na interface com o pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman, que definiu essa sociedade como líquida. Sendo assim, buscou-se analisar como a mentalidade consumista e mercadológica tem invadido a esfera eclesial, apresentando uma compreensão errônea da espiritualidade, e por conseguinte, do modo como se relacionar com Deus e com as demais pessoas no exercício da fé cristã católica. Bem como os impactos que tal mentalidade pode causar na vivência da espiritualidade litúrgica. Analisou-se também o que de sólido a liturgia apresenta como baliza, para que as pessoas permeadas pela cultura da sociedade líquido moderna, não sucumbam frente a tantos convites efêmeros e fugazes, que não conduzem ao verdadeiro exercício da espiritualidade cristã católica. Ao mesmo tempo essa pesquisa buscou refletir um possível diálogo com o mundo atual, a fim de resgatar a espiritualidade litúrgica, que constitui um caminho sólido para o seguimento de Jesus Cristo.

Palavras-chave

1.Espiritualidade; 2. Espiritualidade litúrgica; 3. Liquidez; 4. Consumismo; 5. Solidez;

ABSTRACT

SANTOS, Diego W. **Liturgic spirituality in “liquid times.”**

It is undeniable that cultural changes and technological scientific development impact people's lives in the way they perceive relationships, friendships, or even how they interact with objects and worldly goods. Such change also creates a transformation on the ecclesiastical sphere, altering one's relationship with God and, consequently, with belief and spirituality. Therefore, the present research aimed for the analysis of the current spirituality impact borne by the post Vatican II council liturgy and its partakers. The established reflection here was based on the spirit imbued within the Conciliar Sacrosanctum Concilium document, merged with sociologist Zygmunt Bauman's thought process, which defined our society as liquid. Thus, this essay is going to study how the consumerist and marketing-oriented mentality has been overrunning the ecclesiastical environment, exhibiting an erroneous comprehension of spirituality and, as a result, of the relationship with God and further catholic Christianity practitioners. In addition, impacts that such mentality may create on the liturgical spirituality experience will be analyzed, as well as the concrete aspects that are presented as goals by the liturgy, in order for people who are permeated by the culture of modern liquid society not to succumb to numerous ephemeral and fleeting invitations, which do not lead to the real exercise of catholic Christian spirituality. Simultaneously, this research reflects about a possible dialogue with the modern world, with the purpose of rescuing the liturgical spirituality, which builds a solid path to follow Jesus Christ.

Key words: 1.Spirituality; 2. Liturgic spirituality; 3. Liquidity; 4. Consumerism; 5. Solidity;

ABREVIATURAS

AL	<i>Amoris Laetitia</i>
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CV	<i>Christus Vivit</i>
DAp	Documento de Aparecida
DCE	<i>Deus Caritas Est</i>
DD	<i>Dies Domini</i>
DV	<i>Dei Verbum</i>
EE	<i>Ecclesia de Eucharistia</i>
EV	<i>Evangelii Gaudium</i>
GE	<i>Gaudete et Exsultate</i>
IGRM	Instrução Geral do Missal Romano
LG	<i>Lumen Gentium</i>
MD	<i>Mediator Dei</i>
MV	<i>Misericordiae Vultus</i>
PF	<i>Porta Fidei</i>
RH	<i>Redemptoris Hominis</i>
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1.Capítulo: Tempos líquidos e seus desdobramentos na liturgia do Vaticano II.....	14
1.1. A modernidade na perspectiva de Zygmunt Bauman.....	14
1.2. Consequências para o mundo religioso.....	19
1.3. A liturgia confrontada pela sociedade líquida.....	25
1.4. A liturgia na ótica do subjetivismo híbrido.....	34
2.Capítulo: Espiritualidade litúrgica.....	50
2.1. O que é espiritualidade?.....	50
2.2. Espiritualidade bíblico-cristã.....	54
2.3. Espiritualidade litúrgica.....	72
3.Capítulo: Espiritualidade litúrgica em tempos líquidos: educar para o diálogo com à liquidez da modernidade.....	82
3.1. Encontro com o Ressuscitado: solidez ao se unir à Cristo.....	82
3.2. Mistagogia: caminho de aprofundamento da celebração litúrgica.....	89
3.3. Redescobrir a oração litúrgica na vivência eclesial e existencial.....	103
Considerações finais.....	115
Referências bibliográficas.....	118

INTRODUÇÃO

Observam-se atualmente as mudanças históricas pelas quais passa a sociedade, forçando os pensadores a definirem um conceito que melhor expresse o momento presente. A sociedade fez a transposição da manufatura até a informatização, processo esse marcado por inúmeras transformações no modo de pensar e agir. A sociedade sempre mudou, está em processo constante de evolução, todavia, nunca a sociedade evoluiu de forma tão rápida. A rapidez da sociedade atual faz parecer haver um esvaziamento do tempo, trazendo um novo conceito de tempo e espaço e certamente uma revolução nas relações.²

Nessa sociedade tudo está em estado permanente de transformação, não havendo mais espaço para barreiras, fronteiras ou alguma espécie de contenção. Isso traz ao homem uma sensação de liberdade, pois ele não precisa ficar restrito a determinados lugares ou padrões, pode nesse sentido facilmente se locomover, experimentar novas sensações, pode ter acesso a lugares até então restritos. Nessa nova configuração da sociedade os territórios são altamente questionáveis e a extraterritorialidade ou a desterritorialização parecem ser o caminho mais plausível para se adequar aos novos moldes da cultura moderna.³

Nessa perspectiva, a ideia de liberdade traz um certo empoderamento do sujeito, pois tudo parece ser acessível e ágil, tudo se encontra nas palmas de suas mãos, haja vista que com um clique ele é capaz de fazer inúmeras coisas, de modo prático e fácil. Fala-se agora no pós-humano,⁴ nas palavras de Santaella: “os corpos vivos estão borrados, moldados e transformados pela tecnologia, e a cultura está tomando conta da biosfera.”⁵ Essa concepção apresenta ao homem a possibilidade de ação, já que ele não precisa apenas sonhar, mas a tecnologia lhe possibilita realizar o desejado.

² Cf. GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo, SP: Editora Unesp, 1991.

³ Cf. SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2007.

⁴ Cf. Idem, p. 31-54.

⁵ Idem, p. 39.

A subjetividade e a identidade ganham força, fazendo com o sujeito se perceba nessa sociedade como alguém de direitos e deveres, alguém que merece ser respeitado na sua condição seja ela qual for. A reflexão acerca do indivíduo enquanto pessoa eleva a discussão a um patamar mais elevado e mais avançado do que no passado, contribuindo de maneira eficaz para o desenvolvimento pessoal e social.

Acontece uma mudança significativa no modo de se relacionar, surgindo as chamadas comunidades virtuais⁶ que por um lado aproximam as pessoas que estão distantes, propicia o reencontro de amizades, ajuda a manter e até estreitar os laços afetivos, colabora para execução de trabalhos profissionais ou sociais, facilita a comunicação e até o agrupamento das pessoas, que se unem em torno de uma causa comum, seja para reivindicar algo ou até mesmo para protestar sobre alguma coisa.

Por outro lado, o mau uso da tecnologia pode fazer com que as pessoas permaneçam isoladas, sem um contato físico, sem o calor humano tão necessário para o desenvolvimento. O conceito de rede⁷ se estabelece, fazendo com o que o ser humano atual esteja conectado a todos os lugares, muito mais informado, ainda que correndo o risco de estar conectado a um avatar disfarçado,⁸ uma vez que nem sempre é possível constatar a veracidade dos fatos ou das pessoas com quem se está conectado.

Santaella apresenta o surgimento do conceito de “não lugares,”⁹ que ao mesmo tempo em que apresentam a abrangência do alcance tecnológico, com todas as possibilidades positivas que esse propicia, são também geradores de experiência de solidão para muitas pessoas. Faz-se assim uma oposição aos chamados “lugares antropológicos,”¹⁰ doravante lugares de experiência de encontro com o outro, de troca de afetos e de humanização.

Dentre os vários autores que se empenharam em conceituar esse fenômeno da sociedade moderna, destaca-se Deleuze, Guattari e Sloterdijk que em sua trilogia escreveu *Schäume*, traduzido por Espumas,¹¹ que constitui já um pequeno aceno para a mudança da sociedade antes tida como sólida. O sociólogo Bauman por sua vez,

⁶ Cf. SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo, SP: Paulus, 2003, p. 121-125.

⁷ Cf. SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. p. 270.

⁸ Cf. SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. p. 203.

⁹ Cf. SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. p. 174-178.

¹⁰ Cf. Idem, p. 176.

¹¹ Cf. Idem, p. 19-24.

aprofundou o conceito definindo a sociedade como sendo líquida, na célebre obra *Modernidade Líquida*, cujo conteúdo em partes nesta dissertação será analisado.

Partindo do pensamento de Bauman,¹² constata-se que a sociedade vive novamente uma mudança cultural que apresenta novos paradigmas, ocorrendo assim uma liquefação de valores até então vigentes, transformando o modo de pensar e de agir do homem atual. Os desdobramentos dessa nova forma de compreender a dinâmica existencial, desemboca também na liturgia, pois, do mesmo modo como a teologia parte de um contexto, emergindo de uma realidade, a liturgia também está sujeita a indivíduos que estão marcados pela realidade que vivem.

Desse modo o sujeito histórico eclesial é impactado, se não influenciado por essa cultura híbrida, podendo desenvolver uma compreensão errônea da fé, concebendo-a como uma mercadoria que se pode adquirir e, na esteira do pensamento do mundo líquido-moderno, consequentemente, descartar. Ao ser humano dessa sociedade líquida pode ocorrer a ideia de uma fé que pode ser consumida, de um “Deus mercadoria” ou de uma espiritualidade intimista.

Para muitos a comunidade não é mais um local para criar vínculo e estabelecer relação, mas sim apenas um lugar para frequentar em busca de milagres e curas. Em muitas situações não se presta mais um culto a Deus, todavia, a comunidade se autocelebra, invertendo a lógica da celebração litúrgica. O florescimento de “missas shows”, missas por “cura e libertação” entre outras, podem ser um sinal de uma compreensão reduzida e limitada da fé.

Dessa maneira ao ver a liturgia e a espiritualidade serem questionadas, o fiel que participa das assembleias litúrgicas, pode chegar à conclusão que também elas podem ser líquidas. Por essa razão, esta dissertação visa analisar a espiritualidade litúrgica em meio à sociedade que se liquefaz, esfacelando os valores e quebrando paradigmas pré-estabelecidos. As redes sociais, a inovação tecnológica, o avanço científico, ao mesmo tempo em que ajudam no desenvolvimento humano, também colocam o homem numa cadeia alimentar de consumo imediato, rápido e prático.

Nesse horizonte o ser humano busca o sagrado como meio para se encontrar e ordenar a sua vida. Assim, pensar a espiritualidade litúrgica na interface com Bauman é

¹² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

estabelecer um diálogo entre a solidez da liturgia e a cultura atual, marcada pela dissolução de valores, pelo consumismo e a transitoriedade.

A espiritualidade cristã católica tem sua fonte na liturgia que celebra, tornando-se, portanto, uma espiritualidade litúrgica, lugar onde o fiel alimenta sua fé e nutre sua espiritualidade. Nela ele pode aprender o alcance universal do mistério pascal e ao mesmo tempo dela poderá retirar elementos para a sua vivência diária.

Sendo assim, o primeiro capítulo examinará os pressupostos teóricos da cultura líquida que tem se instalado na sociedade. Para isto, o referencial teórico é o sociólogo Bauman, sendo analisadas questões acerca da sociedade líquida e seus desdobramentos na vida litúrgico-celebrativa, suas consequências para o mundo religioso e como a liturgia é confrontada por essa cultura, cuja característica marcante é o consumismo.

O segundo capítulo apresentará o conceito de espiritualidade, os fundamentos da espiritualidade cristã como caminho para viver os valores do Evangelho no cotidiano da vida e a espiritualidade litúrgica que oferece ao homem atual a possibilidade de viver de modo integrado sua espiritualidade, atuando no mundo a partir dos ensinamentos recebidos na celebração litúrgico-celebrativa.

O terceiro capítulo considera o que foi discutido anteriormente e apresenta pistas e propostas de como viver uma espiritualidade litúrgica consistente em tempos líquidos. Nesse horizonte a dissertação atém-se ao que brota da Escritura e é explicitado pela Tradição da Igreja e proposto por Jesus Cristo como caminho de vida e libertação do ser humano. Intui também as propostas apresentadas pelo Concílio Vaticano II que constituem a base para a reflexão aqui estabelecida.

CAPÍTULO 1

TEMPOS LÍQUIDOS E SEUS DESDOBRAMENTOS NA LITURGIA DO PÓS CONCÍLIO VATICANO II

Introdução

Observa-se hoje a transformação no modo de agir e de se relacionar das pessoas no âmbito familiar, social e eclesial. Nota-se ainda que essa transformação se dá justamente pelo advento da tecnologia e o avanço das ciências, que trouxeram ao ser humano contemporâneo a possibilidade de se relacionar de um modo mais rápido e ao mesmo tempo passageiro. O sociólogo Zygmunt Bauman definiu essa sociedade como líquida, tendo como característica causal o consumismo. Buscando fazer uma interface com o pensamento de Bauman, esse capítulo visa analisar o conceito de modernidade líquida e seus desdobramentos na liturgia pós Concílio Vaticano II.

1.1. A modernidade na perspectiva de Zygmunt Bauman

É notório que ao longo dos séculos o homem vai se transformando e sua forma de perceber e atuar no mundo muda de acordo com a evolução da sociedade. Analisando a sociedade hodierna, o sociólogo Bauman cunhou uma metáfora para melhor compreender as mudanças no pensamento e no agir dos homens e mulheres atuais, e assim achou por bem definir essa sociedade como sendo líquida¹³, em oposição ao que ele chamou de sociedade sólida¹⁴, modo até então vigente.

Uma das características marcantes dessa sociedade líquida é a rapidez¹⁵ com que tudo se transforma, pois existe uma rapidez desde o processo de aquisição de um bem até o descarte do mesmo. Assim definiu Bauman: “Os fluídos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’,

¹³ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 9.

¹⁴ Cf. Idem, p. 144.

¹⁵ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009, p. 15.

‘borrifam’, ‘pingam’; ‘são filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos.”¹⁶

Vivemos a era dos *fastfoods*, do *whatsApp*, do *twitter*, do *facebook*, inovações que trazem uma maior agilidade e celeridade, seja nas notícias vinculadas nos meios de comunicação, nas redes sociais, no intercâmbio de conhecimento e informação, seja nos relacionamentos afetivos e familiares. Também o emprego adquire uma nova forma, pois, é possível se comunicar muito mais rápido, além de ser possível trabalhar em casa, na rua, viajando ou se deslocando de um lugar para outro.

A agitação e rapidez com que tudo acontece trouxeram consigo a ideia de que as coisas podem ser passageiras e efêmeras, descartáveis e provisórias.¹⁷ Nessa sociedade híbrida parece não haver lugar para aquilo que é sólido e duradouro, pois, a velocidade, a mudança e a validade são os baluartes nesse mundo líquido moderno. Tudo parece ter prazo de validade, tempo para iniciar e tempo para terminar.

Segundo Bauman: “Para que as expectativas se mantenham vivas e novas esperanças preencham o vazio deixado por aquelas já desacreditadas e descartadas, o caminho da loja à lata do lixo deve ser curto, e a passagem, rápida.”¹⁸ No mundo líquido moderno a sociedade faz uma transição entre sociedade de produtores, aquela que gera e acumula aquilo que é necessário, para uma sociedade de consumidores.

Assim desponta outra característica dessa modernidade líquida que é justamente o aumento do consumo de tudo aquilo que está no mercado, posto na vitrine, para ser visto, adquirido e descartado.¹⁹ Bauman percebe que a sociedade atual imprime nas pessoas o desejo de consumir por consumir, o consumismo torna-se um fim em si mesmo. Numa sociedade em que nada é durável, os seus bens são voláteis e desaparecem gerando a grande força motriz que alimenta e mantém a nova configuração da sociedade.

Bauman, recorda que: “A vida líquida é uma vida de consumo. Ela projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade (e portanto o viço, a atração, o poder de sedução

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. p. 8.

¹⁷ Cf. Idem, p. 109.

¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 107.

¹⁹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. p. 99.

e o valor) enquanto são usados.”²⁰ Tratar de modernidade líquida é tratar de consumismo, ou melhor, é se relacionar com indivíduos consumistas, sendo assim, não é de se estranhar que essa seja uma sociedade de pessoas cheias de desejos e ao mesmo tempo insatisfeitas.²¹ O consumismo desperta para o querer, o desejar, entretanto, ao adquirir o desejado, aquilo que se desejou perde o seu valor, até porque muitas vezes aquilo que é desejado não é necessariamente o imprescindível para a existência do sujeito. O ato de possuir traz consigo implicitamente o ato de desejar, colocando a pessoa num ciclo de adquirir e desejar.

Os indivíduos são notados e possuem lugar somente à medida em que consomem. Bauman destaca que há também o que ele chamou de “consumidores falhos,”²² pois não tendo crédito suficiente, não são capazes de participar do movimento que essa sociedade imprime a partir do consumismo.

A sociedade de consumidores é aquela que não acumula, diferente da sociedade dos produtores, e por isso ela produz muito lixo, pois o que perde a validade ou a utilidade, bem como o que deixa de ser novidade, precisa ser descartado. Esse fenômeno, Bauman, chamou de “síndrome consumista”: “a ‘síndrome consumista’ é uma questão de velocidade, excesso e desperdício. Os consumidores experientes não se incomodam de destinar as coisas ao lixo.”²³ Partindo desse pensamento, parece não haver apego entre aquele que consome e a coisa consumida, pois ela será descartada de um jeito ou de outro.²⁴

Nessa perspectiva, solidez segundo Bauman, torna-se sinônimo de lixo: “só o lixo tende a ser (infelizmente) sólido e durável. ‘Solidez’ agora é sinônimo de lixo”²⁵. Isso leva à compreensão do porquê a sociedade questiona ou tenta contrapor tudo aquilo que é ou que lhe parece sólido. Se tudo o que é sólido é considerado lixo e deve ser descartado, todas as instituições, normas, definições, valores e demais “sólidos”, serão por ela combatidos ou rejeitados.

²⁰BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 17.

²¹ Cf. Idem, p. 105.

²² Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2005, p. 53.

²³ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 110.

²⁴ Cf. Idem, p. 110.

²⁵ Ibidem, p. 117.

No mundo líquido moderno aparecem em maior destaque as palavras: vida leve, vida menos densa, individualidade, flexibilidade,²⁶ mobilidade, uma certa exaltação do eu, não há fronteiras, aparece assim a expressão extraterritorialidade,²⁷ e palavras como: durabilidade, estabilidade, perenidade, desaparecem do vocabulário cotidiano. A cultura líquida se instala no agir e no falar dos indivíduos de modo sorrateiro e perspicaz, fomentando desejos e gerando insatisfação.

Uma das marcas dessa sociedade é produzir indivíduos insatisfeitos que se tornam o dispositivo fundamental para o consumismo, “a vida líquida alimenta a insatisfação do eu consigo mesmo.”²⁸ Alimentar desejos ao extremo, cria a insatisfação com o trabalho, com as relações, com as amizades, com os amores, com a família. Logo, a insatisfação fará com que o descarte seja iminente, aparecendo com ele a sensação de não pertença: “a imagem de uma ‘cultura híbrida’ é um verniz ideológico sobre a extraterritorialidade atingida ou declarada.”²⁹ Uma vez que nada nem ninguém pertence a esse indivíduo, ao passo que também ele não se sente parte de um grupo ou de uma comunidade, cria-se a ilusão de estar numa “bolha”, sozinho ou ilhado.

Bauman, destaca que esse mundo líquido moderno produz também o medo³⁰ e a insegurança,³¹ sobretudo, no âmbito do ser aceito, que está ligado ao poder de consumo. O medo da invisibilidade é marca distintiva da cultura consumista, uma vez que nessa sociedade só é visto aquele que tem poder para consumir. Entretanto, o nosso autor enfatiza que nessa cultura o indivíduo ora consome, ora é consumido, ou seja, o consumidor também vira mercadoria. Isso coloca a sociedade híbrida em constante movimento, haja vista que o ser humano está inserido num ciclo de desejo - consumo – desejo – descarte - consumo- desejo, possibilitando assim que não haja uma estabilidade ou uma permanência.

Partindo do pensamento de Bauman, percebe-se que a vida nas suas mais variadas formas está se liquefazendo e escorre pelas mãos dos indivíduos dessa sociedade. As transformações da vida líquido-moderna acontecem de modo tão rápido que as pessoas não conseguem acompanhar as mudanças. Para bem exemplificar este

²⁶ Cf. Ibidem, p. 123.

²⁷ Cf. Ibidem, p. 189.

²⁸ Ibidem, p. 19.

²⁹ Ibidem, p. 42.

³⁰ Cf. Ibidem, p. 96.

³¹ Cf. Ibidem, p. 100.

fenômeno, Bauman, fala do derretimento dos sólidos, cujo momento a modernidade atravessa:

O ‘derretimento dos sólidos’, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo nesse momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro.³²

Analisando o excerto acima, é possível reconhecer na sociedade esse movimento que parece derreter aquilo que era tido como valor e como algo durável, numa velocidade tão rápida que não é possível conter. Na cultura líquido-moderna que se estabelece, aquilo que é sólido tende a assustar.³³ Pensar um casamento a longo prazo, uma amizade duradoura, um emprego vitalício, os mesmos relacionamentos, as mesmas pessoas e os mesmos lugares, fornecem aos indivíduos com características líquidas uma sensação de fracasso.³⁴ No mundo em que tudo se liquefaz, tudo se torna ao mesmo tempo passageiro e frágil. Os móveis já não são fabricados para durarem gerações, os objetos sólidos e maciços aos poucos desaparecem. Bauman, destaca essa transitoriedade:

Se a vida pré-moderna era uma recitação diária da duração infinita de todas as coisas, com exceção da existência mortal, a vida líquido-moderna é uma recitação diária de transitoriedade universal. Nada no mundo se destina a permanecer, muito menos para sempre. Os objetos úteis e indispensáveis de hoje são, com pouquíssimas exceções, o refugio de amanhã. Nada é necessário de fato, nada é insubstituível. Tudo nasce com marca da morte iminente, tudo deixa a linha de produção com um ‘prazo de validade’ afixado. As construções não têm início sem que as permissões de demolição (se exigidas) tenham sido emitidas, e contratos não são assinados a menos que se fixe a sua duração ou que se permita serem anulados, dependendo de sua sorte no futuro. Nenhum passo e nenhuma escolha é de uma vez para sempre, irrevogável. Nenhum compromisso dura o bastante para alcançar o ponto sem retorno. Todas as coisas, nascidas ou feitas, humanas ou não, são até a segunda ordem indispensáveis.³⁵

Essa transitoriedade descrita nas palavras de Bauman, faz com que as pessoas estejam em constante trânsito, sempre se deslocando de um lugar para outro, seja nos espaços físicos, cibernéticos ou espirituais. Assim as pessoas permeadas por essa cultura líquida que produz consumo, descarte, insatisfação, medo, insegurança, provisoriedade

³² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. p. 13.

³³ Cf. Idem, p. 157.

³⁴ Cf. Ibidem, p. 185.

³⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. p. 122.

e “ensimesmamento”, ao procurar o seio intra eclesial, tragam consigo essa mentalidade que pode distorcer a realidade da fé e a autêntica espiritualidade que brota da liturgia.

Na sociedade do espetáculo tudo precisa ser transformado em atos apoteóticos, o simples se transforma em exótico, o pequeno se faz grande, e se coloca na vitrine as mazelas, sofrimentos e tragédias da vida humana. A cotidianidade da vida vira espetáculo no palco das mídias sociais, na televisão e nos meios de comunicação em geral. Nesse sentido, a sociedade deixa de ver a importância de ser pessoa, ser sujeito com raízes históricas e passa a preferir o parecer, o aparentar, o parecer ser. É preciso parecer estar bem, parecer ser feliz, parecer ser bom e solidário, parecer ser honesto, parecer ser fiel e parecer ser religioso, enfim, a sociedade do espetáculo também é a sociedade da aparência.

A estabilidade e durabilidade apavoram o ser humano do mundo líquido moderno, pois a possibilidade de permanência lhe causa uma angústia, lhe transmite a ideia de retrocesso, uma vez que a sociedade líquido moderna é mais veloz, mais rápida e mais dinâmica. Nessa linha de reflexão desenvolvida, pensar em algo duradouro lhe confere o conceito de prisão, contrária ao conceito de liberdade do homem e da mulher, que pela sua líquida condição não podem ser retidos.

O ser humano é por natureza alguém de desejo, ele por si só os produz. Deseja ter uma vida agradável, uma saúde estável, alguns desejam uma casa, um carro, cursar uma faculdade, outros desejam ter filhos, uma família numerosa, há quem não deseje nada do que foi citado aqui, mas certamente tem outros desejos. O ser humano é por excelência um ser de desejo, isso o coloca inclusive em movimento. Entretanto, a ênfase no consumismo dado por essa sociedade híbrida, produz indivíduos insatisfeitos, inconsistentes e em constante migração. O consumo desenfreado aparece como a grande resposta a esses indivíduos fragilizados que ao consumirem se percebem num processo de existência e notoriedade, parafraseando Descartes: consumo, logo, existo.³⁶

1.2. Consequências para o mundo religioso

O consumismo penetrou de tal maneira na sociedade que muitos podem olhar para a fé como uma mercadoria e Deus um “objeto” a ser consumido. As religiões se

³⁶ Cf. DESCARTES. *Descartes V: vida e obra*. Coleção os pensadores. 4. ed. São Paulo, SP: Editora Nova Cultural, 1987, p. 15. v.1.

tornaram pequenas lojas onde se “compra” Deus, relegando à marginalização a teologia da filiação divina e em virtude disso, a fraternidade universal desaparece fazendo com que o outro passe a ser olhado como um possível concorrente e não como um irmão, de modo que a desconfiança é um fato recorrente nessa vida líquida moderna. Bauman enfatiza que consumista a sociedade sobre foi e este não é o problema, a grande questão levantada por ele é que nessa sociedade líquida os indivíduos passam a existir somente na medida e na proporção em que consomem: “isso implica que as coisas deveriam ser ‘como mercadorias’, devendo ser encaradas com suspeita, ou melhor ainda, rejeitadas e evitadas, caso se recusem a se enquadrar no padrão do objeto de consumo.”³⁷

Esse pensamento é comprovado na sociedade hodierna, onde a religião e a fé passam a ser produtos de consumo, e isso inclui um prazo de validade para elas e um posterior descarte. As propagandas visando atrair mais adeptos, ainda que mediante promessas que não são possíveis cumprir, abundam pelas ruas e pelos meios de comunicação. As diversas bênçãos e curas elencadas nessas mesmas propagandas evocam a ideia de um possível “comércio de Deus”, de um “*self-service*” da fé. Boff, quando se refere ao consumismo sacramental, alerta:

No universo sacramental verificou-se uma infiltração do espírito capitalista. Há pessoas que aproveitam toda e qualquer ocasião para receber o sacramento, porque querem acumular graças sobre graças. A preocupação não é um encontro pessoal com o Senhor. Mas o acumular em termos coisísticos, como se a graça divina fora uma coisa que pudesse ser acumulada e colecionada. O consumismo sacramental, sem a reta compreensão da estrutura dialogal do sacramento que supõe sempre a conversão e a fé, invadiu desastrosamente a mentalidade do catolicismo popular.³⁸

Algumas pessoas vão ao encontro dos sacramentos para supostamente acumular as graças de Deus, como se de alguma forma isso as fizesse mais perfeitas, outras buscam os sacramentos como se fossem ao supermercado, à feira livre, à quitanda, aproximando-se porque querem receber as graças de Deus, mas não querem mudar de vida. Buscam as bênçãos de Deus, todavia, não há um comprometimento com esse mesmo Deus. Tal qual os homens e mulheres alimentados após a multiplicação dos pães, que ao perceberem as exigências do discipulado, concebem as palavras de Jesus

³⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 116.

³⁸ BOFF, Leonardo. *Sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: mínima sacramentalia*. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 79.

como sendo duras³⁹ demais e preferem voltar para suas casas ao invés de se converterem.

Nesse horizonte, Arenas, explicita que a busca dos milagres de Jesus deve levar a mudança da vida e a preocupação com a transformação social:

Como na época de Jesus, também hoje o milagre é um chamado à conversão e à fé. Certamente não é o chamado principal, nem é o sinal mais eloquente para o homem contemporâneo, especialmente em nosso continente onde a Igreja se torna sinal crível particularmente por seu amor preferencial pelos pobres e por seu compromisso na libertação integral, constituindo-se, assim, no ‘milagre’ permanente da fraternidade e do amor. De qualquer modo que seja, a apresentação dos milagres de Jesus, nos quais precisamente se ressalta de modo especial seu amor e sua misericórdia para com os pobres, os enfermos, os marginalizados pela sociedade e os que sofrem a miséria do pecado, é um chamado permanente à conversão evangélica para que nos transformemos em continuadores da mesma atitude amorosa e libertadora do Senhor.⁴⁰

Observar os milagres de Jesus é perceber o quanto sua ação era de transformação, seja das pessoas ou das estruturas e se abeirar dessa realidade é buscar transformar a realidade onde se vive. Na vertente do consumismo, encontra-se atualmente na Igreja Católica do Brasil, uma conduta errônea de alguns sacerdotes e bispos que temendo a “concorrência” religiosa, se aventuram nesse universo danoso de práticas mágicas.

Observa-se a prática do cerco de Jericó, conhecido por “derrubar muralhas”, em referência a muralha de Jericó.⁴¹ O gesto que se realiza dando sete voltas dentro da nave da igreja com o Santíssimo Sacramento no ostensório, atribui nada mais, nada menos, do que um caráter mágico a Eucaristia. Pessoas se debruçam umas sobre as outras, porque querem tocar o ostensório ou o véu umeral usado por quem conduz o ostensório e não percebem que o mesmo Cristo eucarístico que está no ostensório é o que doravante por ela foi comungado no momento da distribuição da comunhão.

Negligenciando a sobriedade e autenticidade requerida pelo Vaticano II, num amálgama de gestos, símbolos e rituais que não pertencem ao rito latino, induzem os fiéis ao erro de uma consciência e vivência superficial da fé, apresentando não o Deus verdadeiro de Jesus Cristo, Verbo Encarnado que é uma realidade concreta. Para

³⁹ Jo 6,60.

⁴⁰ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2001, p. 387.

⁴¹ Js 6, 1- 21.

Taborda: “cedemos a tentação de tudo fazermos para agradar ao público considerado então como consumidores a conquistar para o nosso supermercado.”⁴²

Se Deus se torna mercadoria para consumo, é necessário comprá-lo e, portanto, pagar pela aquisição. Ao criar o consumo da fé, se estabelece também a divisão e separação das classes, pois, aqueles que podem pagar mais estão amparados espiritualmente, já os menos afortunados estão a mercê da própria sorte. Logo, nessa sociedade não há lugar para os mais pobres e desprovidos, eles sequer são notados. O Papa Francisco, apresenta a questão do consumismo e como consequência do egoísmo, o isolamento:

O consumismo hedonista pode nos enganar, porque, na obsessão de divertir-nos, acabamos por estar excessivamente concentrados em nós mesmos, em nossos direitos e na exacerbação de ter tempo livre para gozar a vida. Será difícil que nos comprometamos e dediquemos energias a dar uma mão a quem está mal, se não cultivarmos certa austeridade, se não lutarmos contra esta febre que a sociedade de consumo nos impõe para nos vender coisas, acabando por nos transformar em pobres insatisfeitos que tudo querem ter e provar. O próprio consumo de informação superficial e as formas de comunicação rápida e virtual podem ser um fator de estonteamento que ocupa todo nosso tempo e nos afasta da carne sofredora dos irmãos. No meio deste turbilhão atual, volta a ressoar o Evangelho para nos oferecer uma vida diferente, mais saudável e mais feliz.⁴³

Esse fechamento citado pelo papa pode se dar na forma de uma oração pessoal intimista que apresenta a Deus unicamente as suas necessidades particulares, se esquecendo da dimensão universal que a oração possui. Não por acaso se multiplicam nas paróquias os movimentos de oração, as peregrinações a santuários, as caminhadas penitenciais. Isso é bom, mas, contudo, não se percebe o mesmo número de ações sociais, práticas de caridade e assistência aos necessitados. O Espírito suscita práticas de experiência da fé no âmbito eclesial, restrito ao templo, mas não inspira ações para transformar a realidade do povo sofredor?

Observa-se então, que o fechamento produz indivíduos com um olhar reduzido e limitado que não conseguem olhar para questões além de suas próprias necessidades. Na sociedade de consumidores, Bauman, define os excluídos e marginalizados como “consumidores falhos” nesse sistema líquido moderno, segundo o autor:

Numa sociedade de consumidores, elas são os ‘consumidores falhos’ – pessoas carentes do dinheiro que lhes permitiria ampliar a capacidade do mercado consumidor, e que criam um novo tipo de demanda a que a indústria

⁴² TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2015, p. 43.

⁴³ GE, n. 108.

de consumo, orientada para o lucro, não pode responder nem ‘colonizar’ de maneira lucrativa. Os consumidores são os principais ativos da sociedade de consumo, enquanto os consumidores falhos são os seus passivos mais irritantes e custosos.⁴⁴

Não consumir ou não ter dinheiro para consumir quebra o ciclo do desejo e consumo, fazendo com que as pessoas sejam excluídas ainda mais nessa sociedade em que o consumo e o lucro são os pilares. Consumidores falhos, assim denominados por Bauman, não estabelecem relação com a sociedade líquida e por conseguinte atrapalham o processo de desenvolvimento desejo, consumo e lucro.

Bauman, percebeu que essa mudança ocorre em todas as áreas da vida das pessoas. É o ser humano total, integral quem é impactado com a síndrome consumista:

Dizer ‘sociedade de consumidores’ é dizer mais, muito mais, do que apenas verbalizar a observação trivial de que, tendo considerado agradável o consumo, seus membros gastam a maior parte de seu tempo e esforços tentando ampliar tais prazeres. É dizer, além disso, que a percepção e o tratamento de praticamente todas as partes do ambiente social e das ações que evocam e estruturam tendem a ser orientados pela “síndrome consumista” de predisposições cognitivas e avaliativas. A ‘política da vida’, que contém a Política com ‘P’ maiúsculo, assim como a natureza das relações interpessoais, tende a ser remodelada à semelhança dos meios e objetos de consumo e segundo linhas sugeridas pela síndrome consumista.⁴⁵

A percepção de uma sociedade consumista, não se dá porque ela compra mais ou consome mais, todavia, se dá justamente porque essa forma de se relacionar com as coisas, passa também para a relação com as pessoas e demais relações. Nesse aspecto, as amizades, os relacionamentos afetivos e amorosos, a religião e todas as esferas da existência humana, passam pelo crivo do consumismo, descartando amigos, amores, filhos, pais, emprego, religião e afins.

A sociedade consumista também é aquela que produz muito lixo, aquela que usa e descarta, para continuar adquirindo. Bauman, ressalta como acontece o descarte das coisas no mundo líquido:

Não é preciso acrescentar, pois isso deveria estar óbvio, que essa nova ênfase no descarte das coisas – em abandoná-las, se livrar delas – e não na sua aquisição se encaixa bem na lógica de nossa economia orientada pelo consumo. As pessoas apegadas às roupas, computadores, celulares e cosméticos de ontem representariam um desastre para uma economia cuja principal preocupação, e condição *sine qua non* para sua existência, é a rapidez com que os produtos vendidos e comprados são jogados fora. E nessa economia o despejo de lixo é a indústria de vanguarda.⁴⁶

⁴⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. p. 53.

⁴⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 108.

⁴⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2007, p. 108.

O apego, a estimação, a afetividade para com os objetos, não tem lugar nessa sociedade consumista. Não seria estranho, portanto, se esse pensamento chegasse à Igreja e desembocasse justamente nas lojas de paramentos e objetos litúrgicos. Encontra-se hoje uma variedade de lojas com uma imensidão de tecidos, modelos, estampas, rendas, bordados. Linhas simples, econômicas e até uma “*griff*” dos paramentos, contrariando o ensinamento do Mestre acerca da pobreza evangélica.⁴⁷ É um fenômeno que se constata em alguns ministros ordenados, pois desde os sacerdotes mais jovens aos mais experientes, grande tempo se gasta na procura do paramento ideal, da medida certa, da renda mais bonita, da casula com mais brilho ou da estola com mais brocados.

Nessa sociedade consumista a forma de encarar a dor e o sofrimento também sofrem alteração. Queiruga, esclarece: “pede-se ao divino a cura ou – indo adiante na nova consciência – não se pede a cura, mas antes as forças para suportá-la ou para ajudar o doente.”⁴⁸ Na oração não se pede de imediato, ou exclusivamente a cura, mas a relação profunda com Deus, adquira sobretudo na oração, indicará que acima de tudo, deve-se pedir a força para suportar tais dificuldades da vida.

Assim a inabilidade para lidar com a dor, a frustração e o sofrimento, tem gerado pessoas fragilizadas psíquica e espiritualmente. Pessoas que não toleram sofrer e fazem o possível para excluir a enfermidade, a deterioração ou o envelhecimento. A teologia da prosperidade, da felicidade sem fim aqui na terra, do não ao sofrimento, contradizem a teologia da cruz. Cantalamessa, faz um questionamento:

Mas como fazer compreender o mistério da cruz a uma sociedade como a nossa, que à cruz contrapõe, em todos os níveis, o prazer; que julga ter finalmente resgatado o prazer, subtraindo-o à suspeita injusta e à condenação que pesam sobre ele; que entoia hinos ao prazer como outrora se entoavam à cruz. Uma cultura do prazer, em grego *edonè*, recebeu acertadamente o nome de ‘hedonística’ e dela, infelizmente, todos fazemos parte, quem mais, quem menos, pelo menos de fato, embora a condenemos por palavras? Nisto se enraízam muitos embaraços, muitas incompreensões entre a Igreja e a pretensa cultura moderna. Nós podemos ao menos tentar detectar onde está o verdadeiro núcleo do problema e descobrir que talvez haja um ponto de partida para um diálogo sereno. O ponto comum é a constatação de que nesta vida prazer e dor se alternam mutuamente com a mesma regularidade com que, no mar, ao intumescer de uma onda sucede uma depressão e um vazio

⁴⁷ Lc 10,4.

⁴⁸ TORRES QUEIRUGA, André. *A teologia depois do Vaticano II: diagnósticos e propostas*. São Paulo, SP: Paulinas: 2015, p. 62.

que repuxa o náufrago que tenta alcançar a praia. Prazer e dor estão contidos um no outro, inextricavelmente.⁴⁹

Urge resgatar essa consciência de que prazer e dor, alegria e tristeza fazem parte da vida e se alternam, percebendo que a vida contempla essas duas realidades, não há uma vida totalmente sem sofrimento, sem dor, sem frustrações, ou sem decepções. Ao mesmo tempo, não é possível conceber uma vida inteira de lamentos e tristezas, assim como o bem e o mal, o trabalho e o descanso, a noite e o dia, se alternam, dor e alegria também. Todavia, há que se mudar a ótica com a qual o ser humano enxerga e se relaciona com o sofrimento. Cantalamessa, prossegue:

Mas nem tudo acaba aqui. Cristo ressuscitou. A cruz é tragada pela vitória. Ele inaugurou uma nova alegria, um novo tipo de prazer: o que não precede a dor, com sua causa, mas o segue como seu fruto; aquele que encontra na cruz o seu manancial e a esperança de não acabar sequer com a morte, de ser eterno. E não só o prazer puramente espiritual, mas qualquer prazer honesto, também aquele que o homem e a mulher sentem no dom recíproco, na geração da vida e em ver crescer os próprios filhos, o prazer da arte e da criatividade, da beleza, da amizade, do trabalho felizmente concluído. Qualquer alegria. [...] A cruz não te obriga a renunciar ao prazer, mas a submeter o prazer à vontade de Deus, a procurá-lo e vivê-lo em obediência à sua Palavra e à lei que ele deu não para frustrar o homem do prazer, mas para preservá-lo da dor e da morte. Para que, mediante as pequenas alegrias que o homem encontra em seu caminho, aspire à alegria que não tem fim.⁵⁰

O mistério da cruz de Cristo traz ao sofrimento e a dor uma nova característica, com sua morte Ele muda o conceito do sofrimento pelo sofrimento, possibilitando que aquele que sofre o ofereça por uma causa justa. É preciso dar um novo sentido aos pequenos martírios diários que os homens e a mulheres padecem, somente dessa forma se perceberá a beleza que há na alternância entre a dor e a alegria. A medida em que o sofrimento ganha um novo sentido, se percebe que ele não é o fim em si mesmo e que ele não tem a última palavra na vida, desse modo, para o homem e a mulher de fé a cruz sempre será um lugar para haurir a presença de Deus que padece junto as mazelas do seu povo.⁵¹

A compreensão distorcida da fé leva o fiel a buscar a liturgia como um bem de consumo, que constitui uma das grandes características da sociedade líquido moderna alimentando nas pessoas o desejo desenfreado de adquirir e possuir. Nesse cenário, a fé, a espiritualidade e a liturgia estão marcadas por esse agente principal da modernidade

⁴⁹ CANTALAMESSA, Raniero. *O poder da cruz: meditações para a sexta-feira santa na Basílica de São Pedro*. 7. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2013, p. 123 – 125.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Ritual da Unção dos enfermos e sua assistência pastoral*. São Paulo, SP: Paulus, 2012, p. 13-15.

líquida. Na linha da reflexão desenvolvida por Bauman, analisar-se-á de que modo a cultura líquida confronta a liturgia.

1.3. A liturgia confrontada pela sociedade líquida

Nesse sentido, floresce uma sociedade com dificuldade de suportar as demoras de Deus, de perceber o seu agir salvífico-libertador que se dá de modo gradual e nem sempre conforme a vontade humana. A urgência de um milagre, de uma graça ou de uma cura não pode esperar o tempo oportuno e os designios de Deus, mas precisa ser alcançado de modo rápido e eficaz assegurando a credibilidade de Deus, bem como a satisfação do fiel consumidor.

Ao mesmo tempo assiste-se a diversidade de inovações litúrgico-rituais que têm aflorado, destoando e até contrariando as intuições do Concílio Vaticano II, presente na Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Multiplicam-se missas com diversas temáticas para atrair mais fiéis e angariar mais fundos, como se Jesus Cristo por si só não bastasse. Vive-se o comércio da fé, o consumismo do sagrado, cujo produto buscado não é o Deus dos milagres e sim os milagres de Deus.

Outrossim, encontramos muitos presbíteros e até mesmos agentes de pastorais, que em resposta a essa demanda, têm oferecido o sagrado como algo que realmente deve ser consumido. Observam-se “missas shows”, missas por “cura e libertação,” missas com fantoches e seres inanimados, os objetos de devoção tornam-se verdadeiros amuletos. Nota-se a invenção de novos gestos e ações que simulam ritos litúrgicos, convertendo a liturgia em mercadoria e como tal quem mais oferta recebe “graça” maior. O sentimentalismo aos poucos se sobrepõe à autêntica espiritualidade litúrgica fecunda, que leva à conversão.

É inegável que a sociedade atravessa um movimento de profunda mudança. Os pressupostos teóricos e metodológicos, bem como os valores sociais, religiosos e familiares estão novamente sendo questionados, por vezes transgredidos e/ ou rejeitados. Pergunta-se qual o papel das Instituições, qual sua real necessidade, se elas são mesmo necessárias, quais deveriam existir e quais deveriam ser suprimidas.

Uma vez que a sociedade está marcada por essa cultura e os membros das comunidades advêm dessa sociedade, a liturgia, bem como o espaço celebrativo não estão imunes a essa nova forma de ver e viver a vida. Costa, enfatiza:

Por isso não se pode aprofundar a sacramentalidade da liturgia sem a compreensão do contexto. Já que o regime de sinais que faz parte da dimensão cultural da liturgia está intrinsecamente inserido numa determinada cultura. Se vivemos numa cultura líquido-global, isto é, instantânea, pragmática e passageira, o sistema simbólico, enquanto elemento essencial do regime de sinais que define a dimensão ritual da liturgia, também pode estar líquido e, assim, cria-se um problema cujo tamanho ainda nem somos capazes de avaliar.⁵²

Se a referência para a vivência e experiência passa pelo crivo do líquido, se instalam duas percepções: ou se olha para a liturgia como algo também instantâneo e passageiro, ou a sua solidez pode repelir aqueles que olham. A cultura líquida tem penetrado o ambiente litúrgico-celebrativo, nota-se o aparecimento de cálices, âmbulas, galhetas, ambão, entre outros objetos, confeccionados com vidro descaracterizando o princípio de durabilidade dos objetos litúrgicos. Assim recomenda a Instrução Geral do Missal Romano:

A juízo da Conferência dos Bispos, com aprovação da Sé Apostólica, os vasos sagrados podem ser feitos também de outros *materiais sólidos*⁵³ e considerados nobres em cada região, por exemplo, o ébano ou outras madeiras mais duras, contanto que convenham ao uso sagrado. Neste caso, prefiram-se sempre materiais que não se quebrem nem se alterem facilmente. Isso vale para todos os vasos destinados a receber as hóstias como patena, cibório, teca, ostensório e outros do gênero.⁵⁴

Desse modo penetra no ambiente de celebração bens não duráveis confeccionados com plástico, com vidro ou com gesso, elementos que não mais invocam ou remetem ao duradouro e eterno que a liturgia deve conduzir. Ao inserir objetos não duráveis ou quebradiços, o espaço de celebração transmite a ideia de que a vida espiritual e litúrgica também pode ser passageira, líquida, consumista e meramente humana. Com relação a esse pensamento, Costa, destaca:

O espaço litúrgico constitui uma resistência a esta invasão técnica e preserva por natureza a sobriedade e o predomínio do simbólico sobre o funcional. O funcional na liturgia está, portanto, subordinado ao simbólico. Não se imagina um espaço litúrgico inflacionado de objetos, empestado de cartazes, quebrando a comunhão entre eles e as pessoas que participam da celebração. Na liturgia e no seu espaço não se trabalha com objetos descartáveis,

⁵² COSTA, Valeriano dos Santos. *Liturgia em “tempos líquidos”*. In. Revista de Cultura Teológica. São Paulo: ano XXIV, n. 87, jan./jun., 2016, p. 70-95. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i87.28552> Acesso em: 14. mai. 2017.

⁵³ Grifos nossos.

⁵⁴ IGMR, n. 329.

justamente para que a nossa comunhão com eles seja duradoura. Por isso, quando se fala de alfaías litúrgicas se recomenda que sejam nobres e duráveis (IGMR 326). Os vasos sagrados também devem ser nobres e consistentes (IGMR 328-330).⁵⁵

Observa-se que a mesma fluidez se aplica a objetos como sédia, altar, ambão, pia batismal, que passam a ser móveis e não fixos, objetos de plástico usados para festas, teatros, coquetéis, são inseridos no espaço celebrativo e usados para execução de ritos sacramentais. O Missal Romano, enfatiza: “Segundo tradicional e significativo costume da Igreja, a mesa do altar fixo seja de pedra, e mesmo de pedra natural. Contudo, pode-se também usar outro material digno, sólido e esmeradamente trabalhado, a juízo da Conferência dos Bispos. Os pés ou a base de sustentação da mesa podem ser feitos de qualquer material, contanto que digno e sólido.”⁵⁶

Assim se constata a preocupação da Igreja para que os objetos e lugares sacramentais, sejam sempre sólidos, a fim de revelar a perenidade da vida em Cristo celebrada nos sacramentos. Costa, recorda que: “O ambão deve ser fixo, não artificial ou provisório; deve ser anúncio e memória da ressurreição, mesmo depois da celebração. Também, por isso, se requer a mesma estabilidade para o altar e para a pia batismal.”⁵⁷ Ao dar importância à solidez, a Igreja visa exaltar a estabilidade que a vida ordinária requer e a liturgia oferece.

Os objetos litúrgicos, tais como altar, ambão e pia batismal, ao serem movidos de um lado para outro, retirados quando não usados, inseridos quando necessários, transmitem de modo subliminar uma impressão de transitoriedade e porque não dizer, mero utilitarismo de objetos que detém em si um simbolismo e uma referência profunda ao mistério pascal. Nesse sentido específico, Costa, aponta:

Os objetos ou peças litúrgicas vieram para ficar e não para serem substituídos facilmente. Se a nossa relação com os objetos técnicos hoje é tão fugaz, justamente precisamos ter no âmbito litúrgico uma outra relação que possa nos integrar, curar, pacificar. Mais do que nunca talvez isso seja terapêutico. A estabilidade do espaço litúrgico concorre para a estabilidade da alma. Estamos já dominados pela ideia de que o novo é sempre melhor, como o carro, o computador, etc. No entanto, na questão litúrgica o novo é o evento

⁵⁵ COSTA, Valeriano dos Santos. *O espaço litúrgico em sua sacramentalidade Pascal*. In: Revista de Cultura Teológica. v. 14, n. 54 – jan./mar. 2006, p. 59. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/viewFile/14968/11164> Acesso em: 15 ago. 2017.

⁵⁶ IGMR, n. 301.

⁵⁷ COSTA, Bernardino Ferreira. *Espaço celebrativo*. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de liturgia, 2017, p. 43.

pascal perenizado no tempo, e não os seus símbolos fundantes. Estes, através da sua durabilidade, devem representar a eternidade do evento pascal.⁵⁸

Essa consciência de que o novo é o evento pascal, atualizado na história da humanidade, é fundamental para que a novidade da vida líquido-moderna não invada os ambientes de celebração, pois a busca constante por novidade e atualidade traz ao ser humano a inquietude e a agitação. O lugar da celebração litúrgica precisa ser o oposto daquilo que se encontra fora das paredes do templo, pois, quem o procura, o faz justamente para tranquilizar a sua vida. Costa, continua:

Os objetos que compõem um espaço litúrgico são determinados pelo seu aspecto sagrado relacionado com a fé, tendo o altar como símbolo eucarístico central. Tudo no espaço litúrgico concorre para a eternidade do mistério pascal. Por isso, a beleza, a nobreza e a durabilidade dos objetos e peças devem ser respeitadas. No mundo atual, cada vez mais, os objetos são técnicos, funcionais e de pouca durabilidade. Então, a nossa relação com eles se tornou fugaz e vazia. Essa forma de relação com as coisas criou uma mentalidade contrária à teologia do espaço litúrgico, onde tudo tem sabor de eternidade, vida e comunhão.⁵⁹

No âmbito da fé causa certo incômodo o discurso duradouro e observa-se que as palavras Deus eterno, vida eterna e eternidade, são baluartes descrentes e estranhos a experiência de transitoriedade. Palavras até que a morte os separe, descanso eterno, são ouvidas com certa desconfiança e indiferença, já que a sociedade líquido moderna está preocupada com o espetáculo, com a aparência, com a vida estampada nas redes sociais e nos meios de comunicação, que ora existem, ora desaparecem rapidamente.

No âmbito religioso constata-se também uma certa espetacularização da fé, tomando como exemplo o exorcismo, nota-se que ele não é visto mais como uma libertação do mal, todavia, é apresentado e ridicularizado na televisão sem o menor pudor ou responsabilidade. Alguns pastores de forma jocosa e torpe conduzem uma pregação, dão determinadas ordens a uma pessoa, que com seus gestos beira a histeria e ela imediatamente está exorcizada. A suspeita de tudo ser uma farsa leva a desacreditar em todo o processo e ao mesmo tempo acaba por afastar de cultos sérios e verdadeiros, os mais céticos com relação à vida religiosa. O famoso “show da fé” ganha espaço e audiência num momento em que muitas pessoas procuram por uma espiritualidade que agrada, que se adequa as suas convicções, que se adapta aos seus desejos e caprichos, mas que por vezes não é a verdadeira espiritualidade encarnada que gera transformação.

⁵⁸ COSTA, Valeriano dos Santos. *O espaço litúrgico em sua sacramentalidade Pascal*. p. 60.

⁵⁹ Idem, p. 60.

O Papa Francisco, destaca: “Concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada em uma enciclopédia de abstrações. Ao desencarnar o mistério, em última análise preferem ‘um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo.’”⁶⁰ Essa mentalidade tem penetrado na Igreja Católica e constata-se a proliferação de santuários, recentemente construídos ou erigidos, que trazem consigo uma certa propaganda de cura e milagres, como se Deus “curasse mais”, ou ali agisse de modo mais eficaz.

Os desvios litúrgicos oriundos desse contexto mostram como a fé tem sido espetacularizada, nas palavras de Taborda: “Pensa-se erroneamente que, com o espetáculo, se vence a rotinização de liturgias sem apelo ao sagrado.”⁶¹ O aparecimento de “missas shows,” missas por cura e libertação, missas sertanejas, entre outras, mostram como aos poucos isso tem florescido no meio das celebrações litúrgicas. Beckhäuser, em sua reflexão, enfatiza:

Por isso, pode haver Missa cantada, mas também Missa simples, recitada, na recitação do Mistério Pascal de Cristo. Por isso, também não corresponde à sua natureza e autenticidade instrumentalizar a Celebração Eucarística para isso ou para aquilo. Neste sentido, não existe Missa de ... A Missa é sempre o memorial do Cristo morto e ressuscitado atualizado pela Igreja em favor de toda a Igreja e do mundo inteiro. Não tem sentido, pois, lançar mão da Missa para justificar ou realçar um evento social ou político ou celebrar Missa de protesto, de cura, de libertação. Toda Missa é de libertação, toda Missa é de cura, toda Missa é, por si mesma, profética, porque anuncia o amor, a reconciliação e a paz e denuncia todo mal, todo pecado, toda injustiça.⁶²

Instrumentalizar a celebração eucarística é uma ação dia-bólica, pois, tal ação divide e classifica o evento pascal. Os fiéis que frequentam essas celebrações podem facilmente chegar à conclusão de que uma missa é melhor do que a outra, ou que esse padre tem mais poder do que aquele. Alimenta-se a concepção errônea de que Deus é fantoche que obedece a ordens humanas, realizando aquilo que querem com dia e hora marcados. Boff, observa que há, em muitos, uma compreensão mágica do sacramento:

Vigora ainda um outro momento dia-bólico no sacramento: o espírito mágico. O rito não é entendido e vivido como expressão cultural da fé, expressão que Cristo assume para Ele se fazer presente e comunicar por ela seu amor e sua graça (*ex opere operato*). Mas o sacramento – pensa-se erroneamente – age por si mesmo em virtude de uma força misteriosa inerente aos próprios elementos sacramentais. Não é mais Cristo quem causa,

⁶⁰ GE, n. 37.

⁶¹ TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia*. p. 44.

⁶² BECKHÄUSER, Alberto. *Celebrar bem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 87.

mas a cerimônia nela mesma. É uma interpretação e vivência mágica do sacramento.⁶³

Desse modo transforma-se o evento do Calvário, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, a atualização do mistério Pascal, em mero espetáculo efêmero e fugaz. Ao atribuir poder mágico sobre a celebração, automaticamente se estabelece uma concepção de relação mágica entre Deus e a pessoa que a Ele recorre, podendo ocorrer inclusive uma inversão no modo de se relacionar com o transcendente, na esperança de que suas preces sejam atendidas rápida e magicamente. Nesse horizonte, Costa, esclarece:

Assim quando nos reunimos para celebrar a liturgia cristã, o fazemos circunscritos a um acontecimento histórico que baliza e concretiza o passado, o presente e o futuro, pois o mistério pascal traz no seu bojo a plenitude do tempo. Celebrá-lo é sempre voltar ao essencial e definitivo passo da salvação. É um acontecimento histórico que não pode ter leituras divergentes daquela que dão os Evangelhos e todo o Novo Testamento na linha do amor de Deus que, na pessoa do Filho, que se fez mártir pela humanidade [...] Então o fulcro do mistério pascal é denso e sólido, algo que não pode ser reduzido nem desfeito pelo tempo. Não suporta a ideia de consumo nem mesmo dentro da praticidade mais lógica da vida. Então a liturgia não é tarefa comum nem se enquadra no regime de coisas práticas. Por isso não suporta ser reduzida à dimensão cerimonial, e atravessará os séculos sendo o que é: ação ritual e momento de excelência na economia da salvação e na realização da felicidade cristã.⁶⁴

Instrumentalizar o mistério pascal, faz com que o culto que deveria ser prestado a Deus seja prestado ao homem (presidente da celebração) que atrai para si toda a atenção durante os ritos. Não é mais o Senhor o centro e o destinatário do louvor e da glória, todavia, paulatinamente o homem vai assumindo este espaço, e ao invés de celebrar o Deus uno e trino, o homem se autocelebra. Por essa razão o presidente da celebração deve ser condutor, deve conduzir as pessoas para adentrar o mistério celebrado, ele não pode ser um sedutor, não pode seduzir as pessoas para si, não é ele o destinatário da glória.

Nas palavras de Boselli: “na liturgia, aquilo que é espetacular encanta os olhos de todos, mas não converte o coração de ninguém.”⁶⁵ A partir da ótica de Boselli não é preciso que as celebrações sejam espetaculares, majestosas, faraônicas, entretanto, na nobreza e na simplicidade devem converter os corações. A liturgia é um lugar teológico e teofânico, nela Deus fala, se comunica e se manifesta. Nesse sentido, a comunidade eclesial, não pode se autocelebrar, porque é convocada para celebrar o mistério que foi

⁶³ BOFF, Leonardo. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: mínima sacramentalia*. p. 79.

⁶⁴ COSTA, Valeriano dos Santos. *Liturgia em “tempos líquidos.”* p. 75.

⁶⁵ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília, DF: Edições CNBB: 2014, p. 190.

entregue por Cristo Jesus. Taborda, assim define: “O ser humano não pode pretender oferecer nada a Deus. O único culto só pode ser aquele que Deus nos dá em nosso proveito.”⁶⁶ A celebração pascal é dom para a comunidade, ela não é dona, é depositária. Numa comunidade que se autocelebra Deus não se manifesta, não porque não quer, mas porque a comunidade não permite.

Assim, a liturgia vai sendo desvirtuada, perdendo sua natureza, sua essência e sua finalidade, desembocando num misticismo, ganhando características de magia ou até mesmo idolatria. Não poucos concebem uma fé mágica capaz de resolver todos os problemas e dificuldades rapidamente. Isso fica caracterizado nas palavras de Boff:

O sacramento constitui a forma mais lídima de expressão dialogal com Deus. Esta expressão se articula em dois movimentos: por um lado é o homem que pelo e no sacramento se expressa a Deus, venera-o, glorifica-o e suplica-lhe vida e perdão; por outro é Deus que pelo e no sacramento se expressa ao homem dando-lhe carinho, vida e perdão. Se o sacramento não é expressão de fé, degenera em magia ou em ritualismo. Esvai-se sua dimensão simbólica.⁶⁷

Através da liturgia o ser humano se une a Deus, e isso é a razão principal da liturgia: o encontro entre o humano e o divino. Não por outro motivo Deus se revelou a humanidade, revelou-se porque queria criar relação com os seus escolhidos, para fazê-los o seu povo. Dessa maneira o povo é chamado por Deus para experimentá-lo nas vivências e acontecimentos do dia a dia, não de modo mágico, mas sim de modo concreto e coerente, atravessando todas as situações corriqueiras da vida, sabendo que existe um Deus que os acompanha e os fortalece.

A visão imediatista da intervenção divina atribui um caráter mágico ao agir salvífico que, na linha de reflexão de Queiruga, ao pensar a teologia depois do Concílio Vaticano II, não favorece a fé, assim ele afirma: “A isso responde a imaginação – tão corrente – de um ‘deus’ que está no céu, aonde nos dirigimos para invocá-lo e a partir de onde ele intervém de vez em quando: vai-se ao médico, mas, sobretudo se a doença for grave, assume-se o encargo de uma novena.”⁶⁸ Imediatamente se faz uma promessa, que na maioria das vezes será paga com muito sacrifício, ou assume-se um propósito de mudança radical de atitudes em função da cura desejada, propósito esse que muitas vezes não será cumprido porque se fez um propósito grande demais ou difícil ao

⁶⁶ TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia*. p. 281.

⁶⁷ BOFF, Leonardo. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: mínima sacramentalia*. p. 77.

⁶⁸ TORRES QUEIRUGA, André. *A teologia depois do Vaticano II: diagnósticos e propostas*. p. 62.

extremo, pensando que com um maior sacrifício, se adquire a graça com mais facilidade.

O ambiente celebrativo também é impactado pela cultura líquido moderno. É inegável que o culto divino requer um cuidado, um preparo, um zelo, entretanto, a mera suntuosidade destoa a celebração litúrgica, transformando-a em algo efêmero. A *Sacrosanctum Concilium* se referindo à construção de templos ou aquisição de vestes sagradas, definiu: “Cuidem os ordinários que, promovendo e incentivando a arte verdadeiramente sacra, visem antes à nobre beleza que à mera suntuosidade. Aplique-se isto também às vestes e ornamentos sagrados.”⁶⁹ A reflexão que se estabelece aqui não é o uso ou não das vestes, mas sim, qual a intenção do ministro ao escolher e adquirir certo tipo de paramento, analisando se está pautando sua conduta pela cultura híbrida.

As coleções lançadas pelas lojas copiam as coleções de verão, outono e inverno de estilistas do ramo da moda. Bauman, averiguou que o consumismo se instala não para acumular bens, mas sim pelo fato de adquirir, usar e em seguida descartar. Na cultura consumista tão logo os modelos se tornem obsoletos, será preciso abrir no armário espaço para as novas casulas que acabam de serem lançadas. Verificou-se esse fenômeno quando o Papa Francisco iniciou seu pontificado, adotando um modelo de paramentos mais simples, imediatamente as lojas de paramentos brasileiras, multiplicaram seus estoques fornecendo casulas “estilo” Papa Francisco. Muito rápido vários padres aderiram ao seu uso invertendo o pensamento do papa, de uma liturgia mais sóbria e transformaram o seu gesto austero, num gesto de um jogador de futebol, um artista de televisão, que lança moda de acordo com o que veste ou com o que usa.

Bauman, ressalta que nessa sociedade de consumidores, não se consome aleatoriamente, qualquer coisa e em qualquer situação, mas as pessoas consomem apenas aquilo que tem certeza que é o melhor naquele momento. Segundo o próprio autor:

Os clientes, confusos pelo turbilhão da moda, pela atordoante variedade de ofertas e o ritmo vertiginoso de sua mudança, não podem mais recorrer à capacidade de aprender e gravar – e assim precisam (e o fazem com gratidão) aceitar as garantias de que o produto atualmente em oferta é ‘a coisa’, ‘a coisa mais quente’, o ‘must’, aquilo ‘(com/ em) que devem ser vistos.’⁷⁰

⁶⁹ SC, n. 124.

⁷⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. p. 149.

Assim o ato de consumir se estabelece num ciclo de aquisição de objetos que devem ser usados naquele momento e daquela maneira, pois, as demais pessoas também desejam tal coisa e a constatação de existência pessoal depende do possuir tal objeto. A relação com a coisa que se adquiriu durará até que ocorra a satisfação do desejo que, uma vez suprido, dará lugar a outro desejo. Bauman, apresenta o conceito da satisfação instantânea:

O modo consumista requer que a satisfação precise ser, deva ser, seja de qualquer forma instantânea, enquanto o valor exclusivo, a única “utilidade,” dos objetos é a sua capacidade de proporcionar satisfação. Uma vez interrompida a satisfação (em função do desgaste dos objetos, de sua familiaridade excessiva e cada vez mais monótona ou porque substitutos menos familiares, não testados, e assim mais estimulantes, estejam disponíveis), não há motivo para entulhar a casa com esses objetos inúteis.⁷¹

Uma vez satisfeito, o ser humano líquido moderno não encontra mais razão para se relacionar com objeto antes adquirido e não vendo necessidade em possuí-lo, descarta-o. Não há vínculo estabelecido, não há valor afetivo, não há porque ocupar um espaço seja no armário, em casa ou na vida, para algo ou alguém que já cumpriu sua finalidade. A satisfação põe fim ao uso dos objetos e conseqüentemente é a causadora do descarte, consequência da relação utilitarista que se estabeleceu durante o período.

Diante das concepções do mundo líquido moderno, surge a dificuldade em lidar com o subjetivismo, o individualismo e a questão da identidade. Na reflexão de Bauman o consumidor passa também a ser consumido e assim a liturgia é posta diante do embate entre essa cultura híbrida e o papel do presidente da celebração, o lugar da dimensão comunitária da fé e a espiritualidade autêntica que brota da celebração do Mistério Pascal.

1.4. A Liturgia na ótica do subjetivismo híbrido

A sociedade consumista atribui preço a tudo aquilo que encontra, questionando os valores da sociedade vigente e estabelecendo outros valores, passou a atribuir valor de mercado a situações triviais da vida cotidiana. Nesse horizonte a liturgia em muitos aspectos pode atingir uma conotação mercadológica e muitos padres por medo da inadequação acabam cedendo as “modinhas” e novidades na liturgia. Bauman, chama

⁷¹ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benetto Vecchi. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2005, p. 70.

atenção para a necessidade de realizar as ações sempre de um modo diferente imposta pela nova cultura:

A modernidade refere-se à rejeição do mundo tal como ele tem sido até agora e à decisão de transformá-lo. A moderna forma de ser consiste na mudança compulsiva, obsessiva: na refutação do que ‘meramente é’ em nome do que poderia – e no mesmo sentido deveria – ser posto em seu lugar. O mundo moderno é um mundo que contém um desejo e uma determinação: desafiar sua *mêmeté* (como diria Paul Ricoeur) – sua mesmidade. O desejo de se fazer diferente do que se é, de se refazer, e de continuar se refazendo. A condição moderna é estar em movimento. A opção é modernizar-se ou perecer. A história moderna tem sido, portanto, a história da produção de projetos e um museu / túmulo de projetos tentados, usados, rejeitados e abandonados na guerra contínua de conquista e/ ou desgaste que se trava contra a natureza.⁷²

A não compreensão ou a compreensão errônea da perenidade da liturgia faz com que as inovações litúrgico-pastorais abundem no seio das assembleias litúrgicas. Nota-se uma certa insatisfação com a repetição dos ritos, com o ciclo litúrgico e com as rubricas estabelecidas. Surge a tentação da inovação, inovar por inovar, inovar por conceber que determinado gesto não serve mais, desconsiderando sua história e seu valor. A repetição dos ritos parece trazer um certo cansaço ou uma monotonia para aqueles que participam das celebrações, nesse sentido específico, Taborda, recorda que: “[...] substituímos tudo que eleva e enleva o ser humano pela verborreia de explicações e comentários, pela comunicação de experiências subjetivas, pela multiplicação de pseudo-homilias.”⁷³

Diante dessa situação, desponta uma outra característica da sociedade líquido-moderna: o medo, que também tem seu lugar nessa sociedade híbrida. Medo de ser abandonado, medo de não ser notado, medo de não consumir ou não ter o que consumir. Assim, a missa pode ser transformada em mercadoria para que consumidores famintos venham prová-la, isso pode ser suscitado quando o ministro do sagrado por medo de ser descartado, acaba por instrumentalizar a celebração. Powell, analisa a temática das defesas que o ser humano usa para não sucumbir frente a situações limites, com as quais se vê confrontado, assim descreve:

Queremos descrever aqui como essas marcas e as defesas que usamos para nos proteger de uma vulnerabilidade maior tendem a formar padrões de ação e reação. Esses padrões podem se tornar tão enganosos que acabamos perdendo todo o senso de identidade e integridade. Desempenhamos ‘papéis’, usamos ‘máscaras’ e montamos ‘jogos’. Nenhum de nós deseja ser fraude ou viver uma mentira; nenhum de nós quer ser uma pessoa falsa ou fingida. Mas

⁷² BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. p. 34.

⁷³ TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgicos-teológicos sobre a eucaristia*. p. 43.

os medos que experimentamos e os riscos envolvidos numa autocomunicação honesta parecem-nos tão intensos que se torna quase uma ação reflexa e natural buscar refúgio em nossos papéis, máscaras e jogos. Depois de um certo tempo, torna-se até mesmo difícil distinguirmos o que realmente somos do que mostramos ser, num momento qualquer de nosso desenvolvimento como pessoa. Este é um problema humano tão universal que podemos chamá-lo, com razão, de ‘a condição humana.’⁷⁴

Movidos pelo medo da desaprovação, muitos ministros revestem-se de uma máscara ou de um personagem para interpretar algo que não pertence a eles, muito menos ao mistério pascal. É nesse momento que a celebração litúrgica passa a ter uma conotação teatral e fantasiosa, porque deixa de refletir o mistério da salvação, para refletir o rosto da clientela que ali se encontra. É uma defesa natural do organismo a interpretação de papéis, todavia, os ministros sagrados agem em *persona Christi* que não admite inovações a bel prazer, porque não constitui uma farsa ou um personagem, é o modo salvífico com que Deus quis perpetuar a sua presença junto à humanidade. Bauman, tratando desse medo de não ser visto nem ouvido, esclarece:

Para a mente sensata, a atual ascensão espetacular dos fundamentalismos não guarda mistério. Está longe de ser intrigante ou inesperada. Feridos pela experiência do abandono, homens e mulheres desta nossa época suspeitam ser peões no jogo de alguém, desprotegidos dos movimentos feitos pelos grandes jogadores e facilmente renegados e destinados à pilha de lixo quando estes acharem que eles não dão mais lucro. E assim têm medo de serem abandonados, sem acesso a um coração afetuoso ou uma mão amiga, e sentem muita falta de calor, conforto e segurança do convívio.⁷⁵

É justamente o medo de ser trocado ou substituído que cria a ilusão de que é necessário inovar por si só a forma de celebrar, supostamente tornando-a mais atrativa ou acessível. A insegurança permeia grande parte desse cenário e a extraterritorialidade que se observa na sociedade e é vista também no âmbito paroquial, acentua o medo, a insegurança e a criatividade equivocada. Bauman, analisando o rompimento das fronteiras, a queda dos muros e o alargamento das relações, reflete:

Ser local no mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades estão perdendo a capacidade de gerar e negociar sentidos e se tornam cada vez mais dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam – chega dos sonhos e consolos comunitaristas dos intelectuais globalizados. [...] Os centros de produção de significado e valor são hoje extraterritoriais e emancipados de restrições locais – o que não se aplica, porém, à condição humana, à qual esses valores e significados devem informar e dar sentido.⁷⁶

⁷⁴ POWELL, John. *Por que tenho medo de lhe dizer quem sou? Insights sobre o crescimento pessoal*. 30. ed. Belo Horizonte, MG: Crescer, 2013, p. 19.

⁷⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. p. 53.

⁷⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1999, p. 8.

Temendo essa exclusão, dobrar-se aos caprichos de muitas pessoas que estão em busca apenas e unicamente de satisfazer a suas vontades, parece ser o único caminho ou pelo menos o caminho mais fácil, afagando o ego dos ministros muitas vezes fragmentados e fragilizados. Do ponto de vista mercadológico vale ressaltar que “igreja cheia” traz consigo uma maior arrecadação, seja no dízimo ou nas coletas, por isso, há de se questionar em que medida a fé não está sendo vendida por alguns ministros que não mais possuem a dimensão do sagrado ou não mais acreditam no transcendente, no seu poder e na sua ação, e na ânsia de atrair multidões sepultam a teologia e aprisionam o Mistério Pascal, reduzindo a obra da redenção.

Segundo Bauman, esse fenômeno da globalização produz o que ele chama de “comunidades de ocasião” que ocupam cada vez mais o que ele também chamou de “comunidades da mesmice”. Para o autor, a extraterritorialidade facilita o encontro dessas comunidades de ocasião:

As ‘comunidades da mesmice’, predeterminadas, mas aguardando serem reveladas e preenchidas com matéria sólida, estão cedendo vez a “comunidades de ocasião”, que se espera serem autoconstruídas em torno de eventos, ídolos, pânico ou modas. Mais diversificadas como pontos focais, porém compartilhando a característica de uma curta, e descrente, expectativa de vida. Elas não duram mais que as emoções que as mantêm no foco das atenções e estimulam a conjunção de interesses – fugaz, mas não por isso menos intensa – a se coligar e aderir ‘a causa’.⁷⁷

Comunidades de ocasião, portanto, são comunidades que não agregam, não criam vínculos, não fecundam e não geram, justamente pelo caráter passageiro que elas possuem. Partindo da perspectiva cristã de comunidade, elas podem ser vistas como comunidades estéreis, que não fecundam, nem fazem brotar a vida. Comunidades que reúnem pessoas cuja motivação nem sempre pode ser o Cristo da fé, nem sempre estão dispostas a celebrar suas lutas, conquistas, ou partilhar suas angústias e esperanças. Comunidades formadas por esse grupo de pessoas, podem se tornar comunidades ocas, secas, vazias, infrutíferas porque não estão em busca do Deus verdadeiro, e sim da imagem do deus que elas criaram e que se projeta no ministro que preside a celebração.

Bianchi, faz um alerta para a tentação pela qual o ministro ordenado pode passar:

Vindo aos ‘abusos’, uma primeira tentação que pode atingir o presbítero no exercício da *ars celebrandi* é a do protagonismo, que às vezes assume traços de verdadeiro e autêntico exibicionismo. Como se costuma exigir dos que

⁷⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2004, p. 51.

não são habituados na dinâmica do espetáculo, o presbítero se faz animador da assembleia de várias maneiras: multiplicando palavras, enfatizando gestos de sua própria piedade pessoal ... Resultado: já não são levadas em conta as ações de Deus, e os fiéis são levados a receber os gestos litúrgicos como ações que pertencem a quem as cumpre. É o que acontece, infelizmente, quando aquele que preside deixa de 'ser sinal', pois de fato seduz (do latim *se-ducere*: atrai para si), despertando admiração pela pessoa que preside, e assim pervertendo o escopo da liturgia, que consiste em levar para Cristo e, através dele, para Deus Pai, graças à ação do Espírito Santo.⁷⁸

Ao assumir a postura de sedução muitos presbíteros destoam a celebração, esvaziam o mistério que está sendo celebrado e acabam não cumprindo a sua real função de conduzir para Deus e não de seduzir para si. Seduzir e não conduzir pode arrastar os seduzidos para fora da comunidade quando se depararem com as fraquezas de quem os seduziu. Por isso a liturgia é um convite a ser conduzido para Aquele que não tem fraquezas, nem pecados, Aquele em quem se pode confiar plenamente, sem medo de ser confundido ou enganado, e assim a liturgia dia após dia conduz para o dia sem ocaso,⁷⁹ onde a humanidade redimida por Cristo poderá eternamente descansar.

Os presbíteros frente a tantas exigências são questionados inclusive acerca de sua identidade, haja vista que no mundo líquido moderno há que se redescobrir a identidade sacerdotal para não sucumbir frente a esses desafios. Assim descreve Bauman:

Por outro lado, o verdadeiro problema é atualmente a maior preocupação é a incerteza oposta: qual das identidades alternativas escolher e, tendo-se escolhido uma, por quanto tempo se apegar a ela? Se no passado a 'arte da vida' consistia principalmente em encontrar os meios adequados para atingir determinados fins, agora se trata de testar, um após o outro, todos os (infinitamente numerosos) fins que se possam atingir com a ajuda dos meios que já se possui ou que estão ao alcance. A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação.⁸⁰

Assim o problema da identidade se instala e as pessoas no âmbito geral padecem dessa inquietação de questionar-se sobre qual o seu papel, qual a sua função e como se impor nessa sociedade híbrida. Os sacerdotes não estão fora dessas inquietações, uma vez que a sociedade os interpela e os desafia na sua função sacerdotal. Vale ressaltar o pensamento de Cozzens, acerca da identidade sacerdotal:

⁷⁸ BIANCHI, Enzo. *Presbíteros: palavra e liturgia*. São Paulo, SP: Paulus, 2010, p. 99.

⁷⁹ Cf. DD, n. 84.

⁸⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. p. 91.

A questão da identidade do sacerdote agarra-se às raízes de sua alma e, ao mesmo tempo, alicerça-o em seu papel eclesial como presbítero e inspira-o a entrar no mistério de quem ele está se tornando como pessoa chamada a esse caminho de vida único e extraordinário. Sendo uma questão um tanto existencial como teológica, essa indagação leva-o além das teologias tradicionais e correntes do sacerdócio [...] Embora alguns sacerdotes neguem a preocupação com a identidade sacerdotal, quase todos admitem que a questão paira sobre as cabeças como uma nuvem de tempestade, roubando-lhes a confiança que antes sentiam, tornando-se desajeitados e intimidados em algumas situações paroquiais e sociais.⁸¹

A nova maneira de ser da sociedade desinstala os presbíteros, que outrora possuíam um *vade mecum* não só para a vida paroquial, todavia, também para a vida pessoal. Desafiados pela cultura híbrida os ministros são chamados a repensar sua atuação e dinâmica paroquial sem, contudo, perder a essência do ministério. Se abrir ao dinamismo do Espírito Consolador pode ser o melhor caminho para resgatar e afirmar a identidade sacerdotal. É inegável que o consumismo é um drama que atinge diretamente a vida dos presbíteros que não só consomem, compram, adquirem coisas, mas também eles mesmos em certa medida são consumidos e se transformam em mercadoria.

A partir dessa sedução observada em alguns ministros se coloca em pauta o papel da presidência da celebração depois do Concílio Vaticano II, uma vez que se corre o risco de se esquecer que a missa é um culto prestado a Deus e não ao homem. Importa, pois, celebrar do modo como ensina a Igreja e não à maneira de ceder aos caprichos do povo ou a vaidade do próprio ministro. Melo, enfatiza:

O que se põe à frente da celebração cristã, pois, a preside não em seu próprio nome, mas apenas no lugar e em nome do Senhor Jesus, Esposo e Cabeça da Igreja. [...] Isso, porém, não significa que o ministro domina ou monopoliza a assembleia. Pelo contrário, seu dever é prestar um serviço a toda a comunidade. É preciso então que o que preside esteja em unidade com o sentir de toda a Igreja. Deve ele preocupar-se incessantemente em fazer com que inteira comunidade se torne um povo de celebrantes, ativo, alegre, confiante e profundamente participante.⁸²

Urge recuperar a compreensão da liturgia como um serviço e não como efêmera manipulação, pois não foi com essa intenção que a Igreja milenarmente a sistematizou. Nesse aspecto, Beckhäuser chama a atenção para a proliferação de “missas *shows*” que destoam do verdadeiro espírito da celebração eucarística. O próprio autor, indica: “Nos dias que correm, verifica-se a tendência de transformar a Celebração Eucarística numa

⁸¹ COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2003, p. 28.

⁸² MELO, José Raimundo de. *A riqueza de ministérios na Igreja toda ministerial*. In: Revista de Cultura Teológica. v. 16. n. 63. abr./jun. 2008, p. 81. Disponível em: [file:///C:/Users/dws/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/15617-38038-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/dws/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/15617-38038-1-SM%20(1).pdf) Acesso em: 17 de fev. 2018.

plateia de *show*, num espetáculo. Este tipo de Missa está se tornando sempre mais frequente.”⁸³ Conceber a celebração litúrgica sem a dimensão do mistério, pode levar a esses desvios litúrgicos que refletem uma má formação acerca daquilo que se celebra.

Na linha de reflexão desenvolvida, Beckhäuser, continua: “Perde-se a centralidade da comemoração do Mistério Pascal, do Sacrossanto Mistério da Eucaristia como Ceia pascal da Nova Aliança e como memorial do Sacrifício da cruz, conforme o artigo 47 da *Sacrosanctum Concilium*.”⁸⁴ Ao perder a centralidade do mistério pascal, o presidente da celebração pode incorrer no equívoco de colocar-se como o centro, de comportar-se como um animador de torcida ou ainda como um ator desempenhando um papel. Nas palavras de Beckhäuser, assiste-se hoje a uma distorção da função do presidente da celebração:

O centro da celebração, muitas vezes, não mais se encontra em Cristo, no Mistério Pascal atualizado no seu memorial, mas no presidente da assembleia, transformado em comunicador, em *showman* ou em catequista. Entra aqui o problema do culto do personalismo na celebração, particularmente, na função da presidência. É um desastre. Faz surgir entre os fiéis a discriminação do sacerdote, a procura de Missa do padre tal. Gosto da Missa do padre tal. A Missa do padre tal é mais bonita. O padre bom é aquele que satisfaz os sentimentos religiosos dos ‘assistentes’ ou dos ‘espectadores’. No caso, o padre se apossa da celebração, é o dono da celebração e não mais o representante de Cristo, o mediador entre Deus e os homens, o principal celebrante e dispensador dos mistérios. Perde-se o caráter orante do rito e de todos os ritos, de toda a celebração: todos voltados para Pai, por Cristo, no Espírito Santo, mergulhados no mistério da Trindade. É preciso, pois, evitar o subjetivismo na Liturgia, garantindo a objetividade dos ritos comemorativos dos mistérios.⁸⁵

O culto ao personalismo e o subjetivismo fazem com o ministro ordenado se entenda como dono da liturgia, como se ela fosse sua propriedade. Não se entende a liturgia num caminho de sinodalidade pela qual passou durante a sua formulação e na qual deve ser aplicada, uma vez que não se crê sozinho, não se celebra sozinho, não se é igreja sozinho. A individualidade e subjetividade só tem sentido se estiverem orientadas para o “nós” da comunidade.⁸⁶ Centralizar a liturgia na pessoa do ministro é um desvio, contudo, centralizá-la somente na assembleia também o é. Sendo assim, Beckhäuser, aponta para outro perigo também recorrente que nessa sociedade líquido moderna pode acontecer: a tentação de centralizar a ação litúrgica na assembleia. Segundo o autor:

⁸³ BECKHÄUSER, Alberto. *Celebrar bem*. p. 81.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Ibidem, p. 83.

⁸⁶ Cf. VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo, SP: Loyola, 2009, p. 180-182.

Outras vezes, tudo está centralizado na própria assembleia, na satisfação dos sentimentos dos participantes, sentimentos, muitas vezes, meramente humanos, sem sequer atingir o nível religioso. A relação e a comunhão que se estabelecem não são com Deus, não são com o Cristo, mas consigo mesmo, quando não é a alienação de si mesmo e da assembleia, numa relação pouco personalizada, pelo fato de ser massificada. Na massa costuma-se cair no individualismo, no subjetivismo e no intimismo. Por vezes, o sacerdote presidente aparece como simples consagrador do pão e do vinho, ao invés de presidir toda a celebração.⁸⁷

Com essa compreensão a celebração litúrgica é transformada em culto do homem em si mesmo, culto de suas ideologias, de suas posturas, de sua conduta, que talvez não esteja em sintonia com a verdade revelada. A consequência dessa compreensão equivocada no modo de celebrar, é a procura de um Deus mercadoria e de uma fé consumista. É notável o quanto a sociedade pode transformar os indivíduos em sujeitos egoístas e egocêntricos e é inerente que esse sujeito, mesmo no seio intra eclesial, continue a olhar exclusivamente para si, para suas necessidades, transformando-o num sujeito de fé intimista.

É o seu sucesso, o seu progresso, a sua felicidade que importa. Com esse pensamento o outro não tem espaço, ele não é importante, sua presença nem mesmo é notada. Numa vida intimista as pessoas se agarram a si mesmas, se tornam autorreferenciais, Bauman, constata:

Houve uma produção de significado e de identidade: meu bairro, minha comunidade, minha cidade, minha escola, minha árvore, meu rio, minha praia, minha capela, minha paz, meu meio ambiente. ‘Indefesas diante do furacão global, as pessoas se agarram a si mesmas’. Observe-se que quanto mais estiverem ‘agarradas a si mesmas’, mais indefesas tenderão a ficar ‘diante do furacão global’, assim como mais desamparadas ao determinarem os significados e identidades locais, e portanto ostensivamente seus – para grande alegria dos operadores globais, que não tem motivos para temer os indefesos.⁸⁸

Na perspectiva do autor esse tipo de sociedade intimista forja indivíduos fracos e indefesos, sujeitos que podem ser manipulados e subjugados. Essa fragilidade faz com que as pessoas busquem o sagrado, não pelo sagrado, mas sim o busquem para satisfazer suas carências nas mais variadas formas. Observa-se como essa mentalidade errônea aparece de forma sutil nas celebrações, quando se busca desenfreadamente graças e bênçãos única e exclusivamente para si, ou para os seus. Em contra partida, muitos encontram também nas igrejas um discurso que repete e acentua essa mentalidade. A pregação enfatiza que a graça “é para você,” é preciso que “você tome

⁸⁷ BECKHÄUSER, Alberto. *Celebrar bem*. p. 83.

⁸⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. p. 124.

posse da graça,” Deus realizará o milagre “para você,” a salvação é “para você,” “hoje a vitória é sua.”

Assim o eu torna-se mais importante que o nós, o individualismo toma o lugar do comunitário e a dimensão de povo de Deus fica relegada ao passado. Esquece-se que Deus quis para si um povo, libertou da casa da escravidão o seu povo,⁸⁹ resgatou a humanidade na Cruz como povo, e quer a todos como seu povo. O Concílio Vaticano II, assim enfatiza:

Em qualquer época e em qualquer povo é aceito por Deus todo aquele que O teme e pratica a justiça (cf. At 10,35). Aprouve, contudo a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituiu-os num povo, que O conhecesse na verdade e santamente O servisse. Escolheu por isso a Israel como o Seu povo. Estabeleceu com ele uma aliança. E instruiu-o passo a passo. Na história deste povo, de Deus Se manifestou a Si mesmo e os desígnios da Sua vontade. E santificou-o para Si. Tudo isso, porém, aconteceu em preparação e figura para aquela perfeita aliança que se estabeleceria em Cristo, e para transmitir uma revelação mais completa através do próprio Verbo de Deus feito carne [...] Foi Cristo quem instituiu esta nova aliança, isto é, o novo testamento em seu sangue (cf. 1 Cor 11,25), chamando de entre judeus e gentios um povo, que junto crescesse para a unidade, não segundo a carne, mas no Espírito, e fosse o novo Povo de Deus. Na verdade os que creem em Cristo, os que renasceram não de semente corruptível mas incorruptível pela palavra do Deus vivo (cf. 1 Pd 1,23), não da carne mas da água e do Espírito (cf. Jo 3,5-6), são finalmente constituídos ‘em linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido ... que outrora não eram, mas agora são povo de Deus’ (1 Pd 2,9-10).⁹⁰

As ações litúrgicas, portanto, são ações comunitárias de todo o povo de Deus, uma vez que, a liturgia é da Igreja, a assembleia dos chamados, é o povo reunido pelo e em nome do Senhor que eleva a Ele os seus louvores, a partir do “nós” da fé. Não é um conjunto de indivíduos dispersos, não é uma agremiação onde cada um, luta por seu próprio interesse, não é um clube para divertimento pessoal com uso de espaços coletivos. Pelo contrário, é a reunião daqueles que são convocados por Deus, povo que Ele conquistou com seu sangue, chamados na liberdade da fé para prestar-lhe um culto agradável. O Papa Bento XVI destacou:

A profissão de fé é um ato simultaneamente pessoal e comunitário. De fato, o primeiro sujeito da fé é a Igreja. É na fé da comunidade cristã que cada um recebe o batismo, sinal eficaz da entrada no povo dos crentes para obter a salvação. Como atesta o Catecismo da Igreja Católica, ‘Eu creio’: é a fé da Igreja, professada pessoalmente por cada crente, principalmente por ocasião do Batismo. ‘Nós cremos’: é a fé da Igreja, confessada pelos bispos reunidos em Concílio ou, de modo mais geral, pela assembleia litúrgica dos crentes.

⁸⁹ Ex 3,10.

⁹⁰ LG, n. 9.

‘Eu creio’: é também a Igreja, nossa Mãe, que responde a Deus pela sua fé e nos ensina a dizer: ‘Eu creio’, ‘Nós cremos.’⁹¹

Assim a fé intimista não possui espaço no seio de uma comunidade autêntica que vive os valores do Evangelho. Crer é um ato pessoal e comunitário e a fé pessoal recebida da Igreja só tem fundamento vivida no seio dessa mesma Igreja. Há que se resgatar aqueles que por diversas razões se afastaram da vida da comunidade e alegam viver muito melhor a sua fé em casa, todavia, estão privados da fraternidade que a vida em comunidade oferece. Entretanto, há que se resgatar essa dimensão comunitária também na vida intra eclesial, pois muitos embora frequentem as comunidades, vivem como se dela não fizessem parte. A comunidade dos crentes é expressão de fé e lugar de pertença, não é um clube social, outrossim, constitui uma família unida pelo amor de Cristo, sendo o lugar onde o ressuscitado aparece, ensina e alimenta aqueles que são seus.

Contudo, na sociedade líquido moderna a comunidade é altamente questionada por que o outro é visto com desconfiança, como um concorrente, ou um opositor, alguém que deve ser combatido. Bauman indica:

Os outros são, em primeiro lugar e acima de tudo, competidores, tramando como qualquer competidor, cavando buracos, preparando emboscadas, torcendo para que venham a tropeçar e cair. Os triunfos que ajudam os vencedores a superar a concorrência e emergir triunfantes da batalha impiedosa são de muitos tipos, no entanto, independente do estratagema empregado, dos triunfos dos sobreviventes e das deficiências dos perdedores, a história da sobrevivência tende a se desenvolver da mesma e monótona maneira: num jogo de sobrevivência, confiança, compaixão, clemência (os atributos supremos de *Logstrup*) são fatores suicidas. Se você não for mais duro e menos escrupuloso do que todos os outros, será liquidado por eles, com ou sem remorso. Estamos de volta à triste verdade do mundo darwiniano: é o mais apto que invariavelmente sobrevive. Ou melhor, a sobrevivência é a derradeira prova de aptidão.⁹²

Trava-se desse modo uma verdadeira batalha contra o outro, ainda que de modo velado, usando inclusive da negação caso inquirido. Na luta pela autoafirmação e/ ou autoimposição do eu, não há espaço para perceber o outro como alguém igual em dignidade. Isso limita ou extingue a fraternidade e a solidariedade, haja vista que o outro é considerado um obstáculo a ser removido, alguém que merece ser descartado, alguém que se tornou invisível. Bauman, constata que a sociedade líquido moderna transforma o outro num objeto de consumo e esclarece que a solidariedade não tem vez nessa sociedade:

⁹¹ PF, n. 10.

⁹² BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. p. 110.

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu 'valor monetário'. Na melhor das hipóteses, os outros são avaliados como companheiros na atividade essencialmente solitária do consumo, parceiros nas alegrias do consumo, cujas presenças e participação ativa podem intensificar esses prazeres. Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares (e assim também a preocupação com eles por si mesmos, e por essa singularidade) estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor.⁹³

Esse modo de pensar confronta a liturgia cristã, que é uma liturgia comunitária, com raízes assim desde o Primeiro Testamento. A Igreja sempre desenvolveu sua teologia a partir da realidade de um povo com quem Deus se comunicou, isso é caracterizado nas palavras de Ratzinger:

Muito embora a doutrina cristã tenha dado sempre grande importância ao indivíduo, como candidato à vida eterna, deve-se notar, todavia, que o 'eu' sempre se acha engajado em um 'nós'. É do 'nós' e pelo 'nós' que o "eu" vive. Creio que poderemos fazer que esta estrutura 'pluralícia' da existência cristã e da missão espiritual, em última análise, faz pensar no Mistério do Deus Trino. Ela é um reflexo desse Deus que, sem prejudicar a sua indivisível unidade e unicidade, engloba o 'nós' do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que são um só Deus, não na unidade informe de uma mônada rígida, mas na plena realidade de um amor infinito.⁹⁴

Não tendo muitas vezes a Santíssima Trindade como paradigma, muitas comunidades e grupos de espiritualidade podem se esfacelar por não viverem o ideal comunitário e se encerrando em seus próprios caprichos, correm o risco de se isolarem do restante da Igreja, agredindo assim a sua catolicidade. Grupos herméticos em seus modelos eclesiais,⁹⁵ com sua espiritualidade própria, com seus costumes e tradições que se negam ao diálogo e ao encontro com outros grupos da mesma Igreja. Os que pensam a fé intimista vão contra a proposta do Concílio Vaticano II, de Igreja Povo de Deus. Assim indica o Papa Francisco:

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. [...] alegra-me imensamente que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia. Ao mesmo tempo, 'é preciso rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da Encarnação'. Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar que se dedique a vida a missão, porque a privatização do

⁹³ Idem, p. 96.

⁹⁴ RATZINGER, Joseph. *O novo povo de Deus*. São Paulo, SP: Molokai, 2016, p. 259.

⁹⁵ Cf. GE, n. 45.

estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se em alguma falsa espiritualidade.⁹⁶

Rezar e trabalhar, eis um caminho profundo e fecundo de amadurecimento da fé, fé que ousa atuar, fé que luta pela vida, fé que defende os desvalidos, fé que engaja na realidade local para gerar transformação. Com uma compreensão errônea da fé, pode-se fabricar um catolicismo frágil, medíocre e distorcido da proposta de Jesus. Muitas vezes sem perceber forja-se um deus de acordo com suas convicções, com suas ideologias, com suas ambições mundanas, afastando-se completamente do Deus comunidade revelado e Encarnado. Boselli, alerta para a necessidade de estar cada vez mais vigilante para não desenvolver uma fé intimista, comenta:

No futuro, a liturgia deverá provavelmente honrar, mais ainda que no passado, a demanda, expressa por uma tendência cultural muito generalizada no âmbito religioso, em favor de uma atmosfera mais orante. Provavelmente, acontecerá que devamos ser particularmente vigilantes para evitar que a atual demanda de ‘espiritualidade’ – que, ao olharmos bem, apresenta variadas formas – não desemboque, pouco a pouco, em uma liturgia de tipo intimista. Em todo caso, num mundo onde – para se dizer o mínimo – não seja natural comportar-se como cristãos, os fiéis parecem experimentar sempre mais a necessidade de encontrar, na liturgia, um lugar onde possam ser estabelecidos ou restabelecidos como ‘sujeitos’ da fé cristã.⁹⁷

A espiritualidade cristã leva a aderir à fé no Cristo crucificado-ressuscitado que convida à comunhão com Ele e com os demais irmãos e irmãs da comunidade eclesial, apontando o Reino dos céus como o destino último, sendo o cristão chamado por Deus a participar da vida divina. O Papa Francisco conclama os fiéis para uma espiritualidade encarnada,⁹⁸ uma espiritualidade que impulsiona para fora dos templos e sacristias, para encontra-se com o Deus vivo e verdadeiro que também está presente nos irmãos e irmãs sofredores.

Com esse pensamento, o papa combate uma espiritualidade que tem o seu olhar para o céu, mas que não é capaz de perceber as realidades terrenas como um lugar para se encontrar com Deus e permitir ter a sua vida transformada por Ele e ao mesmo tempo mudar a realidade existencial emergente, o que acaba por reduzir a espiritualidade meramente ao racional, conceitual e por vezes sentimental.

Assim, as pessoas correm o risco de ficarem estagnados no conceito da espiritualidade, em elucubrações belíssimas e ricas de conteúdo, contudo, sem uma resposta a realidade emergente. O Papa Francisco, em sua reflexão, aborda a questão

⁹⁶ EG, n. 262.

⁹⁷ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. p. 141.

⁹⁸ Cf. GE, n. 37.

suscitada, indicando que se trata de uma nova forma de gnosticismo ou uma espécie de gnosticismo atual: “Por vezes, torna-se particularmente enganadora, quando se disfarça de uma espiritualidade desencarnada. Com efeito, o gnosticismo, por sua natureza, quer domesticar o mistério, tanto de Deus e de sua graça, como o mistério da vida dos outros.”⁹⁹ A espiritualidade toca tão profundamente a vida humana, que não se reduz a um rito externo, todavia, é algo profundo que impacta a vida das pessoas.

A Igreja ensina que a espiritualidade cristã tem como fonte a Sagrada Escritura, e essa conduz para a caridade encarnada que se torna a condição *sine qua non* para os discípulos missionários de Jesus Cristo. Nesse aspecto a parábola do bom samaritano¹⁰⁰ ilustra o contexto de uma espiritualidade que pode ser encarnada ou desencarnada, pois, a parábola apresenta modelos de pessoas (sacerdote e levita) que foram capazes de conhecer a lei e a doutrina, mas não a caridade. Ao olhar para o ferido e não o enxergar agiram com uma espiritualidade desencarnada incapaz de perceber o sofrimento e de se fazer próximo daquele que necessitava. O bom samaritano por sua vez não apenas olha, mas se abaixa, oferece a sua compaixão e sua amizade. Bento XVI, ao tratar da parábola, sublinha:

Aqui entra em ação o samaritano. O que vai fazer? Não pergunta a respeito do raio de extensão dos seus deveres de solidariedade nem sequer sobre merecimentos para a vida eterna. Acontece algo completamente diferente: o seu coração como que se rasga; o Evangelho usa a palavra que originariamente em hebraico se referia ao corpo materno e à relação maternal. Ele foi atingido nas suas ‘entranhas’, na sua alma, ao ver este homem assim. ‘Foi tomado de compaixão’, traduzimos hoje, atenuando assim a originária vitalidade do texto. Por meio da luz fulminante da misericórdia que alcança a sua alma, torna-se ele mesmo ‘próximo’, para além das perguntas e perigos.¹⁰¹

A modernidade líquida com seus dinamismos e agitações impede muitas vezes esse rasgar do coração, extenuado com tantas propagandas e apelos descartáveis, assim o ser humano da vida híbrida na maioria das vezes não consegue chorar a dor do outro porque não tem tempo para tal, ou porque a dor na vitrine da vida se transformou em algo comum e natural. Diferentemente do Deus da Bíblia que fica com as entranhas remexidas¹⁰² pelo sofrimento, a homem e a mulher da cultura líquida não se deixam afetar. Bento XVI, continua:

⁹⁹ EG, n. 40.

¹⁰⁰ Lc 10,29-37.

¹⁰¹ BENTO XVI. *Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil, 2007, p. 177.

¹⁰² Cf. DCE, n. 12.

Neste ponto, a questão vai em outra direção: já não se trata de saber quem é o meu próximo ou não. Trata-se de mim mesmo. Eu tenho de me tornar próximo, porque o outro conta comigo ‘como eu mesmo’. [...] Se o assaltado é a imagem do homem como tal, então o samaritano só pode ser a imagem de Jesus Cristo. O próprio Deus, que para nós é o estranho e o distante, abriu-se, para assumir em si a sua criatura ferida. Deus, o distante, fez-se próximo em Jesus Cristo. Ele derrama azeite e vinho nas nossas feridas, onde pode ver-se uma imagem do dom santificante dos sacramentos, e Ele nos conduz à estalagem, à Igreja, onde nos manda tratar e também deixa o dinheiro para os custos do tratamento.¹⁰³

Deus se faz próximo em todas as situações, em todos os dramas da vida humana, esteve presente em todas as mazelas da humanidade. Desde o Primeiro Testamento é o Deus caminheiro que arma a sua tenda no meio do seu povo, padece com ele o exílio¹⁰⁴ e envia o seu próprio Filho¹⁰⁵ conhecido como o Emanuel: “Deus conosco.”¹⁰⁶ Não é indiferente ao sofrimento do seu povo, não fecha os olhos, não volta às costas, não finge que não vê e, assim, o homem hodierno para se tornar discípulo d’Ele deve fazer o mesmo. O Papa Bento XVI, enfatiza: “Mas cada um deve também se tornar samaritano – seguir Cristo e tornar-se como Ele. Só assim é que vivemos corretamente. Então vivemos corretamente, se formos semelhantes àquele que primeiro nos amou (1 Jo 4,19).”¹⁰⁷

A parábola que ilustra a fé que se abre à necessidade do outro, é a mesma que convida a se fazer próximo. O homem de fé autêntica precisa estar em constante alerta para permitir ter o seu coração rasgado pela realidade e se fazer próximo daqueles que dele se aproximam. Assim compreende-se as palavras do Papa Francisco: “o que mede a perfeição das pessoas é seu grau de caridade, e não a quantidade de dados e conhecimentos que elas possam acumular.”¹⁰⁸ A caridade é a distinção daqueles que não possuem uma fé intimista e centralizadora, mas sim, uma fé operante e transformadora. Cardita, ao tratar da reforma litúrgica, destaca: “A *Sacrosanctum Concilium* apresenta a liturgia como fonte e o cume da atividade da Igreja (SC 10), recordando que a vida cristã não consiste apenas na liturgia, mas abraça a espiritualidade em sentido estrito e a

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*: uma contribuição para a teologia. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 39-44.

¹⁰⁵ Cf. Gl 4,4.

¹⁰⁶ Cf. Mt 1, 23.

¹⁰⁷ BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração. p. 177.

¹⁰⁸ GE, n. 37.

caridade.”¹⁰⁹ Não basta o louvor e o culto litúrgico, se este não for seguido de um olhar atento às necessidades dos demais.

O bom samaritano é capaz de sentir a dor do outro, permitindo ser interpelado pelo sofrimento daquele homem assaltado, ferido e abandonado não só por aquele que lhe vilipendiou, mas também por aqueles que em nome de uma pureza ritual não lhe prestaram auxílio. O Papa Francisco, comenta: “a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta.”¹¹⁰ Analisando a parábola na interface com o pensamento de Zubiri, se constata que o samaritano teve uma apreensão de realidade.¹¹¹ Para o referido autor, a realidade é aquilo da coisa que fica na impressão do homem, que é capaz de apreensão, assim o bom samaritano apreendeu a realidade do assaltado, todavia, também o assaltado pôde sentir a realidade da misericórdia de Deus nos gestos daquele samaritano.

Nesse sentido percebe-se o quanto o consumismo ao fechar as pessoas em si mesmas, retira delas a capacidade de comunicação e de percepção do mundo real em que vivem. Numa sociedade em que o outro é notado apenas e tão somente quando consome, a indiferença frente aos necessitados se acentua. Bauman analisa: “Com os fones de ouvido devidamente ajustados, exibimos nossa indiferença em relação à rua em que caminhamos, não mais precisando de uma etiqueta rebuscada. Ligados no celular, desligamo-nos da vida.”¹¹² Indiferença é a palavra que define muitos habitantes dessa sociedade líquido moderna, que com gestos claros e delimitados não escondem sua apatia.

O Papa Francisco, em sua reflexão, chama a atenção para o perigo na sociedade hodierna de dissimular a realidade em favor de uma espiritualidade intimista, negando que existem pessoas sofrendo ou situações dolorosas e marginalizantes que exigem uma resposta da comunidade de fé, assim ele insiste: “O mundano ignora, olha para o lado, quando há problemas de doença ou aflição na família ou ao seu redor.”¹¹³ Ignorar ou fingir não ver é a palavra-chave desse fechamento. E continua o papa: “O mundo não quer chorar: prefere ignorar as situações dolorosas, cobri-las, escondê-las. Gastam-se

¹⁰⁹ CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. *Reforma litúrgica para quê? Revisitando a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo, SP: Loyola, 2018, p. 60.

¹¹⁰ MV, n. 6.

¹¹¹ Cf. ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e realidade*. São Paulo, SP: É Realizações, 2011, p. 187-192.

¹¹² BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. p. 32.

¹¹³ GE, n. 75.

muitas energias para escapar de situações em que está presente o sofrimento, julgando que é possível dissimular a realidade.”¹¹⁴

Ao se enfatizar uma pregação de curas, milagres e prosperidade a todo momento, ao retirar as cruzes das igrejas introduzindo em seu lugar imagens do ressuscitado, ao deixar de lado os paramentos roxos para a celebração de exéquias, missas de corpo presente ou sétimo dia, substituindo-as pela cor branca, dando um caráter de ressurreição, parece haver mais uma negação da dor, do sofrimento e da morte, do que realmente uma profissão de fé no Deus da vida.

Costa, argumenta: “Por isso, não pode faltar o símbolo da cruz redentora com a imagem do Crucificado. Liturgicamente, a cruz vazia não serve para simbolizar a pascalidade na sua amplitude.”¹¹⁵ Desse modo se dissimula a realidade, se esconde a fragilidade da vida humana e se esquece que o ressuscitado também foi crucificado. É justamente o crucificado-ressuscitado que assegura a fortaleza diante das provações e tragédias da vida humana. É Ele o Vivente¹¹⁶ que possui as chaves da morte, que no alto do Calvário ofereceu sua vida pela humanidade, sacrifício este atualizado em cada eucaristia, cada vez que se celebra o mistério pascal.

Conclusão

Ao analisar a sociedade líquido-moderna e suas implicações no modo de agir e se relacionar das pessoas, é possível perceber que o homem de hoje, de um modo ou de outro absorveu suas características, essas se refletem no seu modo de agir no seio de sua vida social e familiar. Nota-se também que essa concepção de mundo reflete na sua relação e interação com a fé, haja vista o fenômeno de muitas pessoas que na vida eclesial buscam uma espetacularização da fé, pois possuem a compreensão errônea de que a fé pode ser consumida e descartada. Busca-se muitas vezes, nas celebrações litúrgicas, se autocelebrar sejam os fiéis ou os próprios ministros ordenados. Aos poucos a identidade de pertença a uma comunidade, portanto, a um povo, vai cedendo lugar ao individualismo, de tal forma que se vive muitas vezes uma dicotomia entre o mistério celebrado e o mistério vivido na vida cotidiana, uma certa discrepância entre

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ COSTA, Valeriano dos Santos. *O espaço litúrgico em sua Sacramentalidade Pascal*. p. 58.

¹¹⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus a história de um vivente*. São Paulo, SP: Paulus, 2008, p. 743.

oração e vida, como se uma não fosse consequência da outra, ou como se uma excluísse a outra. Nessa sociedade líquida a espiritualidade e mais especificamente a espiritualidade litúrgica, podem contribuir para um bom desenvolvimento do ser humano que busca a Deus.

CAPÍTULO 2

ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

Introdução

Observa-se nos dias de hoje o quanto se fala sobre Deus, sobre o sagrado, sobre a transcendência, sobre a espiritualidade seja dentro ou fora de uma denominação religiosa, há quem busque uma forma de interioridade e elevação rejeitando qualquer sistema religioso. As diferentes formas com as quais o ser humano experimenta a transcendência chamamos de espiritualidade que constitui justamente uma maneira de ser e estar no mundo. Entretanto, cada pessoa parece ter uma concepção do que esse transcendente significa e ao mesmo tempo o que é esse transcendente. Não poucas vezes se usa de Deus como argumento, para justificar ou embasar posturas, pensamentos e comportamentos, seja na família, na política, na escola ou na sociedade como um todo.

A pergunta partindo dessas premissas é qual espiritualidade se abordará? O que significa realmente espiritualidade? Qual a sua importância para a vida e a humanidade? Esse segundo capítulo visa analisar o que é espiritualidade, a concepção de espiritualidade cristã e seus possíveis desdobramentos na vivência cotidiana. A seguir, abordar-se-á a espiritualidade litúrgica, seu fundamento e sua atualidade para a vida dos discípulos missionários de Jesus Cristo, numa sociedade permeada pela cultura líquida.

2.1. O que é espiritualidade?

O homem em sua passagem pelo mundo, se depara não apenas com aquilo que é material, limitado e finito, todavia, sente a necessidade de ir além daquilo que é meramente físico e palpável. Percebe que pode crescer e se desenvolver, não só fisicamente, enquanto corpo, mas pode desenvolver suas relações no âmbito dos afetos, da inteligência e percebe com isso que os seres são capazes de se relacionar também com algo que os transcende.¹¹⁷ Constata-se, portanto, que o ser humano é um ser de transcendência. Esse pensamento é desenvolvido por Rampazzo que esclarece:

A autotranscendência é sinal de que o homem não pode ser reconduzido totalmente à matéria e às suas forças. Portanto, além de um elemento corpóreo, somático, material, o homem possui um elemento diferente: o espiritual. De fato, não se entende como uma realidade pode continuamente superar a si mesma em tudo que faz, pensa, diz e quer, e como prescindir do tempo e da matéria, do espaço e da quantidade, se ela for apenas de ordem material: apenas uma realidade imaterial, ou espiritual, pode fazer isso. O homem está em condição de sair de si mesmo, sobrevoar todo o mundo da experiência, julgar o presente e o passado e antecipar o futuro, porque traz em si um elemento de espiritualidade. Em suma, a autotranscendência é expressão clara e inconfundível da espiritualidade do homem.¹¹⁸

Rampazzo analisa que diante de todas as capacidades do ser humano, sobretudo, na esfera de olhar o passado, julgar o presente e projetar o futuro, bem como se relacionar, deixar-se afetar ou não por determinada situação, envolver-se ou comprometer-se com uma causa, não seria possível se ele não tivesse uma dimensão espiritual. Sendo o ser humano um ser de transcendência, ele é capaz de ir além de si mesmo, extrapolar o material e o corpóreo. Para o autor é justamente a autotranscendência que possibilita esse movimento no ser humano, que uma vez dotado da capacidade de sair de si, sem deixar o seu próprio corpo, é capaz de ter também uma espiritualidade. Ellacuría, apresenta o seguinte verbete:

Uma correta compreensão da espiritualidade deve partir do suposto de que ‘o espiritual’ não é senão uma dimensão do homem individual e socialmente considerado, assim como do cristão pessoal e institucionalmente entendido. Esta dimensão não tem autonomia absoluta, como os espiritualistas pretendem, de modo que possa e deva ser cultivada com absoluta independência e separação de outras dimensões do homem, porém, tampouco pode ser reduzida a uma espécie de reflexo quase mecânico de determinadas condições materiais, como pretendem os materialistas. Tem sua autonomia, porém, só autonomia relativa que necessita ser sustentada por condições ‘não espirituais’, nas quais, além disso, deve se encarnar e se expressar, necessariamente, e às quais, por sua vez, deve iluminar e transformar.¹¹⁹

Segundo Ellacuría, a dimensão espiritual faz parte do ser humano, é uma de suas dimensões, entretanto, ele alerta para o perigo dos extremos, haja vista que a espiritualidade não pode ser vista de modo isolado como se o ser humano fosse apenas

¹¹⁷ Cf. HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo, SP: Paulinas, 2004, p. 41.

¹¹⁸ RAMPAZZO, Lino. *Antropologia: religiões e valores cristãos*. São Paulo, SP: Paulus, 2014, p. 62.

¹¹⁹ ELLACURÍA, Ignacio. *Espiritualidade*. In. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo, SP: Paulus, 1999, p. 240.

um ser espiritual, abrindo mão portanto de sua dimensão corpórea, nem pode ser reduzida a uma mera reflexão das condições materiais, como se fosse um ser somente instintivo. Partindo dessa reflexão é possível intuir que a dimensão espiritual é uma das demais dimensões do ser humano, que vivida de modo integrado com as demais possibilita seu crescimento e seu desenvolvimento.

Diante das várias compreensões do termo espiritualidade na sociedade líquido moderna, onde o termo espiritualidade está em voga, Zilles, apresenta a dificuldade de definir o conceito espiritualidade:

Há cerca de três séculos, a palavra espiritualidade passou a ser muito usada no Ocidente cristão. Mas, quando se indaga pelo significado constatamos que este é vago, como é vago o significado da palavra espírito, que lhe deu origem. Ocorre um processo semelhante ao desgaste de moedas em circulação durante muito tempo, que falsificadores facilmente substituem e multiplicam. Quando se indaga a filósofos e teólogos ‘o que é espiritualidade?’ as respostas são evasivas ou vagas. Parece uma daquelas palavras que todo o mundo pode usar sem medo de equivocar-se. Desta maneira, por um lado, encontramos-nos diante de uma realidade difícil de definir e, por outro, difícil de excluir do vocabulário.¹²⁰

Segundo Zilles, o fato da palavra espiritualidade ser usada aleatoriamente, de diversos modos e por diversos grupos, trouxe à palavra um certo desgaste, uma vez que seu uso indiscriminado, por vezes é usado de modo errôneo e aplicado fora do seu contexto. Assim o termo é usado de muitas maneiras e sem um critério, o que torna difícil defini-la e ao mesmo impossível de excluí-la dos discursos e conversas. Nesse sentido, Zilles, apresenta os diferentes modos, onde o termo é empregado:

Por vezes o termo espiritualidade foi extraído de uma filosofia, ideologia ou síntese doutrinal: espiritualidade judaica, espiritualidade cristã, a ortodoxa, a protestante e até a marxista... Algumas vezes recorreu-se à espiritualidade para designar a reivindicação de homens que se negavam identificar-se com meras máquinas: espiritualidade do trabalho, dos doentes, dos médicos, da ação católica. Outras vezes designa uma demanda religiosa: a espiritualidade dos sacerdotes diocesanos, dos leigos etc.¹²¹

Nota-se que a palavra espiritualidade é utilizada para falar de muitas situações, seja com relação à religiosidade, ao trabalho, ou a outras questões que tocam a vida. De algum modo se procura associar a palavra para determinadas situações da vida, cuja ênfase busca atribuir um sentido ou uma razão para uma atividade ou o lugar em questão. Zilles, analisa também, o mau uso do termo por parte dos filósofos, que no seu

¹²⁰ ZILLES, Urbano. *Espiritualidade cristã*. In. *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004. p. 11. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/irmaosmaristas/espiritualidade.pdf> Acesso em: 20 jan. de 2017.

¹²¹ Idem, p. 12.

entender colocaram a espiritualidade em oposição com aquilo que é material e corpóreo.

Em sua reflexão, ele indica:

Para os filósofos, em geral, trata-se mais de uma qualidade que de uma entidade. Contrapõe-se à materialidade. Refere-se a uma qualidade que transcende toda materialidade. Assim Deus, os anjos, a alma, são exemplos perfeitos de seres espirituais. Neste caso emprega-se espiritual como negação de material. Espiritual então é a qualidade que convém a seres situados fora do espaço e do tempo. Via de regra aí para a eloquência dos filósofos.¹²²

Nessa concepção tudo aquilo que é espiritual é negação do material, portanto, não constitui algo palpável ou comprovável, entretanto, pode levar à compreensão também de que não é algo que acontece aqui na terra. Partindo da visão dos filósofos, o conceito de espiritualidade, foi se instalando em oposição à corporeidade, por compreendê-la apenas como algo relacionado ao espírito. Castillo, destaca:

Começando pela própria palavra, muitas pessoas não entendem a que se refere o termo espiritualidade. Todavia, deve-se sobretudo ter presente que ‘espiritualidade’ vem de ‘espírito’. E para muitos, o espírito é aquilo que se opõe à matéria, ao corpo, àquilo que imediatamente é captado pelos olhos e que nós apalpamos, isto é, o mais sensível, o mais próximo, poderíamos inclusive dizer aquilo que é mais nosso. Daí que muitos cristãos tenham a impressão de que a espiritualidade é algo que entra em conflito com a felicidade humana, com o deleite e a fruição da vida, com aspirações muito profundas que todos nós trazemos inscritas no próprio sangue, de nossas ideias mais queridas. E muitos, sem dar-se conta, chegam à seguinte conclusão: tem-se a impressão de que aquele que se dedica à espiritualidade tem de renunciar a ser plenamente feliz, pois, conforme esse modo de pensar, tem de renegar uma parte de si próprio.¹²³

Não são poucos os que possuem essa visão distorcida da espiritualidade, uma vez que esta vem do espírito, associam única e exclusivamente com as coisas do céu. Vale ressaltar que as realidades terrenas são vistas como algo que não fazem bem ao espírito, que impedem a transcendência, que aprisionam o espírito.¹²⁴ Nesse horizonte, a felicidade e a alegria foram paulatinamente assumindo uma conotação de algo contrário à natureza da espiritualidade, algo pecaminoso por assim dizer. Castillo, na mesma obra, retrata também que há uma dificuldade em conceber a espiritualidade em diálogo com a matéria:

Portanto, a dificuldade enraizada na espiritualidade do modo como foi entendida e praticada com excessiva frequência reside no fato de que, à custa da chamada ‘espiritualidade’, acentuou-se a diferença e a distância entre o ‘espírito’ e a ‘matéria’, entre o ‘divino’ e o ‘humano’, entre o ‘religioso’ e o ‘profano’, entre o ‘eterno’ e o ‘temporal’. Desse modo, a espiritualidade foi

¹²² Ibidem, p. 10.

¹²³ CASTILLO, José M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo, SP: Paulus, 2012, p. 11.

¹²⁴ Cf. Gl 5, 17.

alijada de setores que são plenamente fundamentais na vida das pessoas. E não apenas alijada, mas, o que é pior, foi vista como algo oposto e até enfrentando experiências e situações às quais nós mortais não podemos (nem devemos) renunciar.¹²⁵

Não havendo possibilidade de contato entre a vida material e a espiritual, ou as pessoas não conseguindo atingir o ideal de elevação do espírito a tal ponto de abstrair os desejos mundanos, a espiritualidade foi colocada à margem da própria vida. A dualidade proposta frente ao conceito da espiritualidade acabou por conduzi-la a um patamar inatingível para os seres humanos. Castillo, assim observa:

É evidente que uma espiritualidade entendida e praticada dessa forma não pode prosperar no mundo em que vivemos. E por isso ninguém deve se surpreender com o fato de que os ‘espirituais’ e as ‘espiritualidades’, com todas as suas sublimidades, se vejam com frequência no cesto do lixo ou destinados a vegetar no jardim das recordações. Daí a necessidade e a urgência de estabelecer, na medida do possível, aquilo que devemos entender por espiritualidade.¹²⁶

A concepção errônea de espiritualidade pode fazer com que muitas pessoas desiludidas ou conhecedoras de suas fraquezas e mazelas não se aventurem a vivê-la, pois, se é assim algo tão inacessível ou algo que de alguma forma irá tolher a felicidade, é preferível não se envolver. Partindo do pensamento de Castillo, há uma urgência em recuperar a consciência de uma espiritualidade como algo que compõe o ser humano, que faz parte da sua humanidade, é uma de suas dimensões e não pode ser relegada, ou marginalizada.

Nesse horizonte, Mondoni apresenta o conceito da espiritualidade partindo da compreensão de que ela é um modo de se relacionar com o transcendente, todavia, desemboca no modo de agir e orar:

o termo ‘espiritualidade’ se refere às diferentes maneiras mediante as quais o ser humano experimenta a transcendência (o mistério que envolve a vida humana), ao modo como a vida é concebida e vivida em referência ao transcendente, a um caminho para chegar a Deus caracterizado por uma visão de mundo, um modo de viver e uma maneira de orar.¹²⁷

Essa compreensão de espiritualidade parece ser a que mais se adequa a humanidade marcada por suas fragilidades e fraquezas, pois a espiritualidade é justamente o caminho de acesso ao transcendente, que fornece à pessoa elementos para bem realizar suas tarefas ordinárias, sem precisar abrir mão das realidades terrenas. O

¹²⁵ CASTILLO, José M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. p. 16.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ MONDONI, Danilo. *História e teologia da espiritualidade*. São Paulo, SP: Loyola, 2014, p. 12.

modo de se relacionar com o transcendente será determinante para a realização de suas ações, influenciando seu modo de ser e rezar.

Tendo em conta a complexidade e amplitude do termo espiritualidade, nossa pesquisa irá se ater a espiritualidade cristã católica, que determina o modo de ser e atuar dos discípulos missionários de Jesus Cristo. Retornar-se-á às fontes bíblicas para buscar os fundamentos da espiritualidade cristã, analisando como o povo de Deus d'Ele fez experiência¹²⁸ e a traduziu no cotidiano da vida.

2.2. Espiritualidade bíblico-cristã

Ao tratar de espiritualidade bíblico-cristã, é preciso ter claro que não há uma referência explícita ao termo presente na Sagrada Escritura, todavia, o que existe é um modo de ser e de pautar a vida à luz das Escrituras e do Segundo Testamento que reflete justamente esse modo de ser e estar no mundo. Portanto, a Sagrada Escritura apresenta um caminho espiritual a ser seguido pelo povo de Deus, é uma proposta vivida e experienciada pela comunidade que foi transmitida às gerações posteriores.

Nesse itinerário espiritual se destaca a espiritualidade dos dois caminhos proposto por Deus: o caminho da vida e da morte. Explicitando em que consiste esses caminhos, o livro do Deuteronômio relata:

Eis que hoje estou colocando diante de ti a vida e a felicidade, a morte e infelicidade. Se ouves os mandamentos de Iahweh teu Deus que hoje te ordeno – amando a Iahweh teu Deus, andando em seus caminhos e observando seus mandamentos, seus estatutos e suas normas -, viverás e te multiplicarás. Iahweh teu Deus te abençoará na terra em que estás entrando a fim de tomares posse dela. Contudo, se o teu coração te desviar e não ouvires, e te deixares seduzir e te prostrares diante de outros deuses, e os servires, eu hoje vos declaro: é certo que perecereis! Não prolongareis vossos dias sobre o solo em que, ao atravessar o Jordão, estás entrando para dele tomar posse. Hoje tomo o céu e a terra como testemunhas contra vós: eu te propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua descendência, amando a Iahweh teu Deus, obedecendo à sua voz e apegando-te a ele.¹²⁹

O povo de Deus devia pautar sua conduta então pelo caminho que conduzia à vida, contudo, Deus na sua bondade oferece ao ser humano liberdade, o Deus que outrora libertou do Egito, da casa da escravidão, não é um Deus que liberta para

¹²⁸ Cf. HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. p. 90.

¹²⁹ Dt 30, 15-20 a.

novamente fazê-los escravos,¹³⁰ mas sim um Deus que propõe um novo caminho, que dá a oportunidade de escolha, um Deus que liberta e deixa livre para seguir. Ao ser humano apenas é dada a recomendação que escolha a vida, porque esse é o verdadeiro e único caminho. Deus lhes faz um alerta lembrando que a escolha do caminho da morte, ou a rejeição do caminho da vida, os levará à perdição. Assim Israel conduzirá sua vida, suas relações, seus relacionamentos e seus negócios justamente observando a via dos dois caminhos. Esse conceito permanecerá tão arraigado no ensinamento de Israel que mais tarde a *Didaqué* retomará o mesmo ensinamento:

Existem dois caminhos: um é o caminho da vida, e o outro, o da morte. A diferença entre os dois é grande. O caminho da vida é este: em primeiro lugar, ame a Deus, que criou você. Em segundo lugar, ame a seu próximo como a si mesmo. Não faça a outro nada daquilo que você não quer que façam a você. O ensinamento que deriva dessas palavras é o seguinte: bendigam aqueles que os amaldiçoam e rezem por seus inimigos, e ainda jejem por aqueles que os perseguem. Com efeito, se vocês amam aqueles que os amam, que graça vocês merecem? Os pagãos não fazem o mesmo? Quanto a vocês amem aqueles que os odeiam, e vocês não terão nenhum inimigo.¹³¹

Escolher o caminho da vida implicará observar os mandamentos dados por Deus, assim, a espiritualidade dos dois caminhos se pautará pela atenção aos seus mandamentos. Enquanto estavam no Egito, o Faraó era o rei, eles estavam sujeitos às suas ordens e seu comando. Ele decidia como deveriam agir, o que deveriam fazer, qual ordem obedecer. Uma vez fora do Egito esse povo colocará em Deus sua confiança e Ele lhes dirá o que terão que fazer e como deverão se comportar. Para o povo que é liberto das mãos do Faraó, rei do Egito, cabe agora a escuta da voz de Deus que não apenas ouve o clamor do seu povo, mas também vê a sua dor e desce para libertá-lo.¹³²

O povo que outrora escuta e se submete à voz do Faraó, agora passa a fazer a experiência da escuta de Deus que se autocomunica e autorrevela. Mondoni, relata que o povo de Israel não viveu o dualismo platônico,¹³³ a compreensão de espiritualidade como uma separação entre o material e o espiritual, assim ele esclarece:

A experiência bíblica parte de uma epifania divina na história humana. Isto faz com que a história não seja uma nomenclatura de eventos neutros, mas torne-se história da salvação escatológica, e que o ser humano seja sede de uma ação da glória de Deus. A experiência espiritual bíblica recusa o

¹³⁰ Cf. Gl 4, 7.

¹³¹ DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. 15. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2008, p. 8.

¹³² Cf. Ex 3, 7-9.

¹³³ Cf. REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. 3. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2007, p. 152. v. 1.

dualismo platônico e mantém-se distante do sincretismo gnóstico. O acontecer da Palavra divina – epifania da Palavra – está na raiz da experiência bíblica: palavra-ato que nos precede e nos transforma; palavra cósmica que chama ao ser as coisas; palavra profética que interpela o ser humano, revelando o projeto divino; palavra ética que provoca a existência humana à verdade e à justiça; palavra pessoal que aparece no horizonte de uma existência. A Bíblia também oferece uma reflexão sobre a epifania de Deus no espaço: é a sabedoria que está atenta a desenhar o cosmo como lugar da revelação de Deus e da experiência do divino.¹³⁴

Partindo dessa exposição, percebe-se que o agir salvífico de Deus se deu e se dá na história, a experiência de Israel é uma experiência da ação de Deus nas suas vidas, de modo concreto¹³⁵ e a partir de sua Revelação vem a ordem: *shemá* Israel. Escuta Israel o Senhor é o único Deus, aparece na *Torah* como uma norma, é um imperativo categórico: escuta Israel! Escutar nesse sentido não é uma opção, é uma ordem. Quirino, destaca:

A escuta primeira é de Deus: ‘eu escutei o clamor do meu povo’ (Ex 3,7). ‘Se ele gritar a mim, escutarei o seu grito’ (Ex 22,22). Inculca no povo de Israel esta primeira disposição diante de Deus: Escuta Israel, (Dt 6,4). O famoso *Shemá Israel* é o resumo da fé judaica rezada pela manhã e tarde. O texto de Deuteronômio, 6,4: ‘ouve, ó Israel: o Senhor nosso Deus é único’, ‘expressa uma íntima relação entre Deus e Israel’. No sentido bíblico, escutar é entender. O verbo escutar é muito utilizado no Antigo e Novo Testamento e é carregado de sentido (cf. Is 6,9s; Mt 11,4; 13,16; Mc 4,24; Lc 2,20; At 2,23), muito mais amplo que apenas ouvir. O verbo escutar se entrelaça muitas vezes com o ver. Este ver não está ligado à visão, mas à percepção, sensação etc.¹³⁶

Uma vez que primeiro Deus escuta seu povo, Israel deve também escutar a voz do seu Deus, pois assim se estabelece uma relação íntima entre eles, haja vista que escutar significa guardar a palavra que Deus dirige e ao mesmo tempo ser por ela guardado. À medida em que Israel descobre a grandeza da palavra de Deus, vai percebendo o que essa palavra é capaz de realizar, o ato de guardar, conservar, ter junto de si a palavra mostra o quanto ela pode ser sinal de transformação e de conversão. Essa mesma palavra guardada, vai guardando aquele que a guarda, tendo em conta que essa palavra guarda dos perigos, guarda dos males, guarda da destruição e guarda a vida. Entretanto, ela só pode guardar à medida que se escuta a voz de Deus que fala e quer criar vínculo.

¹³⁴ MONDONI, Danilo. *História e teologia da espiritualidade*. p. 30.

¹³⁵ HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. p. 71-88.

¹³⁶ QUIRINO, Ademilson Tadeu. *A escuta da palavra de Deus na liturgia*. In: Revista eletrônica Espaço Teológico. v. 10, n. 18, jul./dez. 2016, p. 16. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/31206>. Acesso em: 25 de jan. 2018.

Conforme o excerto acima, a escuta que Israel deve prestar, não é uma escuta desatenta, não é simplesmente ouvir um barulho, um ruído, um zumbido ou coisa parecida. Contudo, é a escuta que se estabelece numa capacidade de estar atento para compreender e obedecer. Quirino, continuando sua argumentação acerca de escutar a Deus com fé, comenta:

A palavra de Deus transforma a vida dos que dela se aproximam com fé. A Palavra nunca se esgota: é nova a cada dia. No entanto, é necessária uma fé que escute, pois a escuta cria uma pertença, um laço, introduz na aliança. O Pai apresenta o Filho como sinal da verdadeira aliança comunicada aos homens, ‘este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai o que Ele diz’ (Mt 17,5). A palavra provoca, na pessoa que a escuta com fé, uma eficácia sacramental.¹³⁷

Escutar a palavra cria um laço de pertença, a Deus e a um povo e isso faz com os mandamentos desponhem como um caminho de espiritualidade na fidelidade a escuta à voz do Senhor. Os mandamentos não são um conjunto de restrições ou proibições, todavia, eles constituem um grande sim à vida, de si mesmo e dos outros. E aqui se fundamenta toda a pregação profética que recordará a fidelidade à Lei de Deus e o assentimento a sua vontade, lembrando que Israel padece os males e, sobretudo, o exílio porque foi infiel à voz de Deus¹³⁸. Todas as vezes que o povo deixa de ouvir a voz de Deus, caindo na infidelidade do pecado, sofre as consequências dessa sua escolha. Para Mondoni

os profetas bíblicos são chamados por Deus durante tempos de crise para confortar e/ ou desafiar o povo de Deus: exaltam a fidelidade à revelação intra-histórica de Deus; reagem contra a idolatria e as degenerações sacrais, objetivando a recuperação da dimensão ética do culto; desafiam Israel a proceder de maneira justa e a cuidar dos pobres e marginalizados; estimulam a aprofundar o conhecimento do amor e da misericórdia de Deus; respondem ao desespero do povo remetendo-o à esperança do prevalecimento do amor e da justiça de Deus. A espiritualidade profética une intimamente céu e terra, Deus e ser humano, fé e vida, mística e justiça social – a justiça abarca tanto a execução da vontade de Deus como a retidão nas relações com os outros.¹³⁹

A espiritualidade é um chamado de Deus que quer criar relação, essa iniciativa fica caracterizada na passagem do livro do Cântico dos Cânticos, que apresenta a imagem do amado que chama pela amada: “Fala o meu amado, e me diz: ‘levanta-te, minha amada, formosa minha, vem a mim.’”¹⁴⁰ Assim a espiritualidade se dá nesse

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ Cf. FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo, SP: Paulus, 2015, p. 399- 425.

¹³⁹ MONDONI, Danilo. *História e teologia da espiritualidade*. p. 24.

¹⁴⁰ Ct 2, 10.

relacionamento com Deus, onde a humanidade é buscada por Ele,¹⁴¹ visando uma relação esponsal descrita tantas vezes pela literatura profética. Morbiolo enfatiza:

Oséias inaugura a utilização da imagem esponsal para falar do relacionamento de Deus com seu povo e, alude Bucker, ele ‘é o mais completo’, seguido de perto pelos profetas Jeremias, Isaías, Ezequiel, bem como pelo livro de Cântico dos Cânticos e pelo Salmo 45. Esta relação com Deus faz de Israel amado qual esposa pelo seu Deus, independentemente de qualquer infidelidade[...] Da parte de Deus, alguns elementos bíblicos são indispensáveis para compreender sua participação esponsal: um Deus zeloso que tem ciúmes do seu povo e que castiga, pois quer mudar o seu coração [...] as novas núpcias acrescentam à Israel as disposições interiores proféticas para a fidelidade: a lei gravada no coração, o coração novo e o espírito novo, conforme os anúncios apropriados a Ezequiel e Jeremias.¹⁴²

Se no Primeiro Testamento a relação esponsal se dá mediante a escuta da palavra de Deus, no Segundo Testamento não será diferente, pois o Senhor que reclama para si uma escuta atenta e zelosa, pedirá essa mesma escuta à voz do seu Filho: “Este é o meu Filho muito amado, escutai o que Ele diz.”¹⁴³ O mistério pascal tantas vezes anunciado por Jesus passa a ser o paradigma da espiritualidade cristã, uma vez que a sua escuta obediente e incondicional à voz do Pai, faz com que Ele se entregue livremente¹⁴⁴ em favor da humanidade. Por essa razão, São Paulo, definirá a vida em Cristo como um caminho espiritual, recordando a necessidade da abertura à ação do Espírito.¹⁴⁵

A espiritualidade cristã é, por conseguinte, uma vida em Cristo, em outras palavras, uma vida segundo o Espírito, nessa linha de reflexão, Costa, aborda justamente essa dimensão de uma vida a partir do Espírito, marcada pela pascalidade da cruz, que imprime nas pessoas o desejo de uma vida nova. Assim destaca:

Portanto, não se entende mais a espiritualidade cristã reduzida aos ‘momentos de oração’, mas abrangendo o conjunto da existência que compõe o tecido da vida do cristão conduzido pelo Espírito. É a ‘vida em Cristo’ (1 Cor 1,30), marcada pela pascalidade da cruz e movida pela oração, pelas lutas e pelo sofrimento que conduzem à libertação. O que mais chamava a atenção aos pagãos e pensadores nos dois primeiros séculos de cristianismo não era a doutrina cristã, mas a atitude existencial dos cristãos, permeada pela fraternidade vivida nos grupos, juntamente com um testemunho de santidade que ia até o martírio. Certamente o que mais impressionou foi a firmeza e o heroísmo dos mártires. Porém no dia a dia o espírito de serviço, como durante a peste que se abateu em Cartago e Alexandria, dava aos cristãos uma tonalidade que não se via na maioria dos pagãos. Ainda, a vida casta entre os homens e mulheres constituiu um desafio que provocava, ao mesmo tempo

¹⁴¹ Cf. ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*. p. 18.

¹⁴² MORBIOLO, Rodolfo Gasparini. *A Igreja esposa na eclesiologia do Vaticano II*. Curitiba, PR: Editora Prismas, 2015, p. 48.

¹⁴³ Mt 17,5; Mc 9,35; Lc 9,35.

¹⁴⁴ Cf. Jo 10, 18.

¹⁴⁵ Cf. BERNARD, Charles André. *Introdução à teologia espiritual*. 3. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2014, p. 143- 149.

em que mostrava uma alternativa existencial que se constituía numa inteira novidade cultural.¹⁴⁶

O que impressiona as pessoas do primeiro século, é o modo de viver dos cristãos, que não está marcado por uso de vestes diferentes, de gestos estranhos, ou de palavras eruditas.¹⁴⁷ O que impressiona e atrai as pessoas é exatamente o jeito como eles se comportam, fato observado na comunidade primitiva que atenta à voz do Senhor que lhes dá um novo mandamento,¹⁴⁸ busca pôr em prática o mandato divino. Assim consta no relato do Livro dos Atos dos Apóstolos: “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações.”¹⁴⁹

A espiritualidade é nutrida a partir da catequese, da vida em comunidade, da Eucaristia e das orações. Aqui está um itinerário espiritual fecundo e profundo, uma espiritualidade enraizada na doutrina dos apóstolos, que não é uma espiritualidade inventada, uma espiritualidade, forjada ou fabricada a partir de caprichos e necessidades humanas. Outrossim, é uma espiritualidade que aponta para a vida da comunidade, não sendo isolada, intimista ou particular, mas sim uma espiritualidade que brota do encontro com o Ressuscitado que direciona para a vida em comunidade. Essa experiência foi vivida pelos discípulos de Emaús,¹⁵⁰ que desalentados, voltando para suas casas, encontram-se com Cristo Ressuscitado e imediatamente após reconhecer o Mestre, retornaram para a vida da comunidade.

A comunidade é o lugar da partilha, da experiência do perdão, da fraternidade, da festa, daqueles que se reconhecem membros de um único e mesmo Corpo. É também o lugar da vida em comum, da vida partilhada com suas conquistas e derrotas, lugar de pessoas feridas e machucadas, que encontram na convivência com os demais o alento e a força necessária para seguir em frente.¹⁵¹ É nesse sentido que a comunidade é um lugar de pertença, que identifica e ao mesmo tempo gera novos membros para vida da fé mediante o batismo que transforma o homem em filho adotivo de Deus.

¹⁴⁶ COSTA, Valeriano dos Santos. *Espiritualidade litúrgica*. in. Revista de Cultura Teológica. v. 13, n. 52, jul./set. 2005, p. 42. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/14957/11153>. Acesso em: 14 mar. 2017.

¹⁴⁷ Cf. TERTULIANO. *Aos pagãos*. In. *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 206-207.

¹⁴⁸ Jo 13, 34.

¹⁴⁹ Lc 2, 42.

¹⁵⁰ Cf. Lc 23, 13-35.

¹⁵¹ Cf. VANIER, Jean. *Comunidade lugar do perdão e da festa*. 9. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2015.

A comunidade desempenha um papel de mãe e nesse aspecto se torna provedora, sendo responsável por zelar e propiciar um crescimento espiritual. O Papa Francisco, referindo-se à vida em comunidade, salienta:

Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom. Precisamente nesta época, inclusive onde são um ‘pequenininho rebanho’ (Lc 12, 32), os discípulos do Senhor são chamados a viver como comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade.¹⁵²

Na vida da comunidade Deus se manifesta e ao mesmo tempo convida para reconhecer a grandeza sagrada do outro, pois, somente na vida comunitária pode-se concretizar a experiência de abertura para o outro, onde se exercita a caridade nos mais diferentes modos, e onde, por conseguinte se vive a autêntica espiritualidade. É nessa perspectiva que a carta aos Hebreus apresenta a vivência da espiritualidade como um culto a Deus com a própria vida,¹⁵³ ressaltando que não são as liturgias enfadonhas repletas de mundanismo que agradam ao Senhor, mas um coração contrito e humilde que se reconhece pequeno e que na sua pequenez busca traduzir em gestos e atos concretos aquilo que Deus espera de seus filhos e suas filhas.

Fazer a vontade de Deus é a verdadeira espiritualidade e a carta explicita o que o agrada: “Tu não quiseste sacrifício e oferenda. Tu, porém, formastes-me um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não foram do teu agrado.”¹⁵⁴ E continua: “Por isso eu digo: Eis –me aqui – no rolo do livro está escrito a meu respeito – eu vim, ó Deus, para fazer tua vontade.”¹⁵⁵ A verdadeira espiritualidade consiste em fazer a vontade de Deus¹⁵⁶ e a pessoa que assim age, o agrada, porque descobriu o autêntico caminho da espiritualidade. Não por acaso a Igreja incessantemente faz esse pedido ao Pai, que seja feita a sua vontade na terra, como ela é feita no céu.¹⁵⁷ Escutar a Deus e agradá-lo é realizar sua vontade em todos os acontecimentos da vida, desde os mais triviais até os mais anômalos.

¹⁵² EG, n. 92.

¹⁵³ Cf. Hb 10, 1-10.

¹⁵⁴ Hb 10, 5.

¹⁵⁵ Hb 10, 6-7.

¹⁵⁶ Cf. CIPRIANO DE CARTAGO. *A oração dominical*. In. *Antologia litúrgica*. p. 302-303.

¹⁵⁷ Cf. TERTULIANO. *Tratado sobre a oração*: Tertuliano, São Cipriano, Orígenes. 2. ed. Juiz de Fora, MG: Edições Subiaco, 2011, p. 18- 19.

Compreender a espiritualidade como um culto que acontece com e na própria vida é a chave para inverter a compreensão equivocada pela qual passa a espiritualidade, com pessoas que fazem uma oposição entre o corporal e o espiritual. Castilho, destaca que essa oposição se desenvolve na história da própria palavra espiritualidade que foi aos poucos sendo assim entendida:

Essa dificuldade tem sua explicação, em boa medida, na própria história da palavra ‘espiritualidade’. Com efeito, durante muitos séculos ou autores que abordaram esse tema associaram a palavra ‘espiritualidade’ à negação da corporeidade, da matéria, ou também daquilo que denominaram ‘animalidade’. O termo ‘espiritualidade’ não é muito antigo [...] Em todos os casos citados, como se vê de uma parte ou de outra, a espiritualidade é aquilo que se opõe à corporeidade, inclusive à sexualidade ou àquilo que alguns autores denominam a brutalidade. Assim, a espiritualidade nasceu ligada ao desprezo do sensível e do corporal. E deve-se levar em conta essa tendência se prolonga nos séculos seguintes. Por exemplo, João de Meung opõe espiritualidade a carnalidade.¹⁵⁸

Infelizmente essa concepção errônea se mantém na práxis cristã que vê qualquer atuação fora do âmbito eclesial, sobretudo, social, como um ato contrário à fé cristã, o que mostra desconhecimento da Doutrina Social da Igreja e dos Documentos Magisteriais. Destacam-se aqui a Encíclica *Laudato Si*¹⁵⁹ e a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*,¹⁶⁰ bem como alguns discursos e mensagens do Papa Francisco, que foram e são recebidos com certa desconfiança por membros da Igreja: clérigos e leigos, justamente por serem um convite a romper com o ambiente intra eclesial e autorreferencial. Sobre isso Passos diz:

Contudo, como toda reforma, a de Francisco depara-se com rejeições no interior da Igreja, rejeições que têm se mostrado inéditas no âmbito do *ethos* católico edificado fortemente no senso de unidade interna e de fidelidade ao Pontífice. Esse quadro atípico torna-se ainda mais original, tendo em vista o silêncio que tem prevalecido entre os bispos, as Conferências Episcopais e o clero de um modo geral às chamadas de Francisco às reformas urgentes. As rejeições explícitas de alguns prelados da alta hierarquia soam em tom bem mais forte do que as vozes que saem em sua defesa, fosse em nome de uma pura fidelidade à autoridade eclesialmente instituída. Essa indiferença política indica que as reformas franciscanas estão longe de serem unânimes entre os bispos.¹⁶¹

¹⁵⁸ CASTILHO, José M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. p. 12.

¹⁵⁹ FRANCISCO. *Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum. Carta Encíclica. São Paulo, SP: Paulus, 2015.

¹⁶⁰ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Exortação Apostólica. São Paulo, SP: Paulus, 2013.

¹⁶¹ PASSOS, João Décio. *As reformas do Papa Francisco: conjuntura, significados e perspectivas*. In: *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, jan./abr. 2017, p. 354. Disponível em: www.gaje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3705. Acesso em: 14 de set. 2018.

É notório que o Papa Francisco busca impulsionar para o seguimento a Cristo com mais fidelidade, fazendo no meio do povo aquilo que Jesus fez, por isso esse olhar do pontífice para fora do âmbito eclesial, pedindo uma Igreja em saída, para ir às periferias existenciais. Essa desinstalação querida por Francisco assusta a muitos que preferem anular sua voz e sua prática. Não obstante o desejo de alguns em manter uma Igreja autorreferencial, observa-se um retorno a práticas piedosas medievais, uso de objetos que machucam ou mutilam o corpo. Nota-se a volta do uso de correntes, cilícios, entre outros objetos que ganham espaço novamente na “piedade” dos fiéis. Castillo, destaca que para muitos, falar em espiritualidade cristã é falar de cruz:

Trata-se da *vida*. Esta vida nossa, vida que temos neste mundo. Vida tão agradável e tão bela, tão fecunda e tão valiosa, que é *divina*, ao mesmo tempo que é *humana*. Pois está é a espiritualidade dos cristãos: *a vida levada a sério*. Ou, mais exatamente, *é uma forma de viver a vida*. A forma que é coerente com o Evangelho, com todo o Evangelho, e não apenas com aqueles textos e aquelas passagens que nos convêm, que se enquadram com minhas ideias políticas ou com meus interesses econômicos. E aqui, exatamente aqui, é onde começamos a tomar consciência dos ‘perigos’ mais sutis enraizados na espiritualidade cristã. Porque, para o comum dos cristãos, falar de radicalidade evangélica é a mesma coisa que falar de renúncia e cruz.¹⁶²

Partindo do excerto acima, percebe-se que ao tratar de espiritualidade cristã o imaginário imediatamente se reporta a dor e ao sofrimento, como se a alegria e o prazer não pudessem fazer parte da vida humana. A palavra espiritualidade é recebida como um peso, como algo que de alguma forma irá tolher a liberdade e a felicidade. O referido autor esclarece que há um perigo de apresentar um Deus que se alegra, ou sente prazer com o sofrimento da humanidade, como se Deus fosse sádico ou carrasco. Castillo continua:

Pois bem, renúncia e cruz costumam ser entendidas como o vencimento e a mortificação daquilo que nos agrada, dor com Cristo doloroso, sofrimento e morte, se sorte que, à cruz, entendida dessa forma, é comum atribuir um valor santificante e salvífico por si próprio. Daí decorre que viver o Evangelho é (conforme creem muitos cristãos) viver na renúncia mais absoluta, porque isso é o que, pelo visto, agrada a Deus. É aquilo que, no século XV, declarou Tomás de Kempis, o famoso autor da *Imitação de Cristo* [...] Sem dúvida alguma, esse modo de falar encerra o perigo de dar a entender não só que Deus *permite* o *sofrimento*, mas além disso que, no fundo, o que acontece é que o *sofrimento dos seres humanos agrada* a Deus. É por isso que, com frequência, a linguagem ascética sobre o sofrimento roça os limites do absurdo e até do irracional e, inclusive, quase blasfemo. Porque apresenta um Deus que ‘precisa’ do sangue, da dor e da morte para aplacar-se em seu furor e em sua ira contra as ofensas recebidas por parte dos homens. Um Deus assim, por mais que queiramos justificá-lo e explicá-lo, em última instância é um Deus que resulta inaceitável e monstruoso para o comum dos mortais. E

¹⁶² CASTILLO, José M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. p. 20.

deve-se dizer o mesmo da espiritualidade que nasce logicamente de tal imagem de Deus.¹⁶³

Ao enfatizar somente a cruz e o sofrimento, nega-se aquilo que Deus veio fazer entre nós, que foi justamente curar os enfermos, dar visão aos cegos, libertar os cativos.¹⁶⁴ A fixação na renúncia e no sofrimento, levou os autores de espiritualidade a centralizarem seus escritos a partir da ótica sofrida da vida dos santos, suas renúncias, suas humilhações, na maioria das vezes apresentando-os como vítimas. Justamente por conceber essa maneira como o único caminho de satisfação, a beleza de servir, o desejo de oferecer a vida, a relação de intimidade e amizade com Deus passaram despercebidas. Busca-se não poucas vezes atingir um grau de perfeição/ elevação que beira a ilusão e despersonaliza o ser humano, além de frustrá-lo por perceber-se incapaz de atingir tal nível. Galvão, assinala o perigo dessa frustração:

Às vezes, no caminho espiritual, nos impomos metas tão elevadas que nós mesmos, por nossa fraqueza inerente, não conseguimos cumpri-las. Frustração. Penduramos correntes nos tornozelos, amarramos rosários na cintura, aumentamos a cruz do pescoço e nos sentimos ‘os mais próximos de Deus’. Mas, no fundo, divagamos em meio ao vazio de não ser quem realmente somos. Nem semideuses nem super-homens. Simplesmente humanos! A verdadeira espiritualidade nunca nos deixará esquecer que somos criaturas de Deus, pecadoras e limitadas, porém, sempre abertas à graça e à conversão.¹⁶⁵

Ao se impor, ou impor a outros, metas tão elevadas para a espiritualidade, corre-se o risco de se esquecer que a pessoa espiritual é um ser humano a caminho, não perfeito, não pronto, não acabado, outrossim imperfeito, todavia, aberto à graça, à conversão e à misericórdia. Esquecer-se de que se é humano faz florescer uma espiritualidade que nega ou rejeita o corpo partindo do pressuposto de que esse é mau e que o mesmo conduz à perdição. Dumer, apresenta a seguinte argumentação:

Dentro de uma espiritualidade cristã que se impôs, o corpo é visto ‘como empecilho ao pleno desenvolvimento da vida espiritual’, levando monges e monjas à mortificação da carne. Não apenas nos limites de conventos, mas também o povo foi inquirido, não só a voluntariamente exporem seus corpos ao suplício, como também a suportarem pacientemente o mal que o assolava (fome e pobreza, péssimas condições de trabalho, o trabalho escravo com seus castigos físicos, violência doméstica) em nome de uma purificação da alma, o que era necessário à salvação.¹⁶⁶

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Cf. Lc 4, 17- 19.

¹⁶⁵ GALVÃO, Francisco. *O cultivo espiritual em tempos de conectividade*. São Paulo, SP: 2018, p. 56.

¹⁶⁶ DUMER, Pablo Fernando. “*O verbo se fez carne*”: entre espiritualidade e corporeidade. *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST, v. 4, 2016, p. 55. Disponível em: anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/622. Acesso em: 10 ago. 2018.

É necessário, portanto, compreender a espiritualidade de um modo integrado, reconhecendo que o ser humano é um ser complexo, diverso e múltiplo, sendo esse mesmo humano marcado pelas fragilidades e fraquezas, caduco e finito, que é capaz de transcendência e não outro. O ser humano é um ser global, corpóreo, um ser sexual, relacional e espiritual, de modo que uma sutileza no modo de falar pode trazer consigo um novo conceito de corpo: “eu sou um corpo,”¹⁶⁷ é sem dúvida uma linguagem que se aplica melhor ao “eu tenho um corpo”, como se ele fosse algo diferente ou estranho à pessoa. Mas “eu sou um corpo” auxilia numa melhor compreensão acerca da integração do homem, com todas as suas dimensões.

O ser humano é por essência um ser de múltiplas facetas chamado à unidade, sendo assim, todo o corpo está para o espiritual e o espiritual se dá no corpo, não podendo haver separação, ou dicotomias entre a vida espiritual e a vida secular. Não é possível separar espírito e o corpo como sendo opostos, pois, a espiritualidade é justamente a busca de integrar o ser humano por inteiro. Nessa perspectiva, Maçaneiro, trata da importância do corpo para a vivência da espiritualidade:

No cristianismo, dizer ‘corporeidade’ já é uma afirmação de síntese, na qual ‘corpo’ e ‘alma’ (exterioridade e interioridade) se conectam na experiência humana de ser e estar no mundo. Jamais só ou isolável, o corpo solicita uma antropologia unitária. Pois sendo ‘corpo e alma, mas realmente uno, o ser humano, por sua própria condição corporal, sintetiza em si os elementos do mundo material, que nele assim atinge sua plenitude e apresenta livremente ao Criador uma voz de louvor’. Mais que invólucro da alma, o corpo especifica a condição humana como ‘condição corporal’, por sintetizar os binômios corpo-sujeito e corpo-mundo. Nossa corporeidade se revela como imbricação entre subjetividade e biologicidade, entre o humano e cósmico que nos constituem.¹⁶⁸

Na linha de pensamento desenvolvida por Maçaneiro, o corpo não é apenas o invólucro da alma, mas sim uma dimensão do humano, dessa maneira, qualquer dicotomia, ou oposição entre corpo e alma deve ser rejeitada. A espiritualidade precisa tornar os homens e mulheres cada vez mais humanos, para que esses ajudem outros a se humanizarem, quanto mais espiritualizada for uma pessoa, mais humana ela será. Por isso, Dumer, mostra a urgência e necessidade de superar essas dicotomias:

Superação de dicotomias é um tema urgente em nosso contexto, e uma responsabilidade teológica. Não se pode manter uma Antropologia Teológica que justifique a fragmentação do ser humano como máquina e consumo, seja pela negação do corpo ou pela negação do espírito. Nesse sentido falar em espiritualidade do corpo e corporeidade do espírito é falar da unidade do ser

¹⁶⁷ Cf. EG, n. 273.

¹⁶⁸ MAÇANEIRO, Marcial. *O labirinto sagrado: ensaios sobre religião, psique e cultura*. São Paulo, SP: 2011, p. 206.

humano, de sua valorização integral: o corpo que participa do milagre divino, o espírito que participa do milagre da carne.¹⁶⁹

O ser humano por inteiro é destinatário da salvação e não somente parte dele, não apenas a sua alma foi salva e redimida, mas o ser humano por completo, de modo pleno e integral. Por essa razão o Concílio Vaticano II afirmou: “Na realidade, só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem [...] Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e de seu amor, revela o homem a si mesmo.”¹⁷⁰ Para pleitear ser discípulos e discípulas de Jesus nesse tempo, é preciso ir ao mais profundo do humano para se deparar com a pequenez e fragilidade reconhecendo a sua incapacidade e se lançar nas mãos de Deus.

Tal como Adão e Eva que percebem que estão nus¹⁷¹ no paraíso, porque não se tornaram deuses, como afirmou a serpente, também o homem atual precisa reconhecer que não detém poder sobre tudo. Valle recorda a necessidade de reconhecer dos próprios limites para a abertura ao transcendente, afirma:

A espiritualidade adulta supõe conhecimento e aceitação dos próprios limites e possibilidades. Não é um ato de resignação e sim uma atitude corajosa e humilde de alguém que sabe que sua vida é um projeto aberto ao ser mais, ao comungar mais, ao cuidar do que precisa ser cuidado. É uma experiência de despojamento que se coloca nas antípodas do poder, da autossuficiência e do imediatismo egocêntrico.¹⁷²

O ser humano ao aproximar-se do Eterno, aproxima-se cada vez mais de si mesmo, por isso, Cristo Jesus revela ao homem o que é ser homem,¹⁷³ ou seja, o que é ser plenamente humano. A busca de sentido coloca-os nesse movimento para procurar a Deus, procura esta, que culminará quando deixar a existência terrena. Por essa razão se pode afirmar que a espiritualidade é um componente da antropologia,¹⁷⁴ pois é o ser humano com seu corpo, com suas faculdades, sua inteligência, seus sentidos, seus sentimentos, que busca a Deus, é o ser humano por inteiro que faz esse caminho.

O corpo é imprescindível nesse itinerário de relação com Deus, por isso, o Verbo se fez carne (*sarx*), se fez corpóreo e com sua vinda transfigurou a humanidade, uma vez que ao ressuscitar dos mortos Cristo Jesus tornou o corpo humano semelhante ao

¹⁶⁹ DUMER, Pablo Fernando. “*O Verbo se fez carne*”: entre espiritualidade e corporeidade. p. 60.

¹⁷⁰ GS 22.

¹⁷¹ Cf. Gn 3, 7. 10-13.

¹⁷² VALLE, João Edênio dos Reis. *Religião e espiritualidade: um olhar psicológico*. In. AMATUZZI, Mauro Martins. *Psicologia e espiritualidade*. 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2008, p. 105.

¹⁷³ Cf. GS, n. 22.

¹⁷⁴ Cf. RAMPAZZO, Lino. *Antropologia: religiões e valores cristãos*. p. 52- 78.

d'Ele, ao entrar no mundo formaste-me um corpo¹⁷⁵ relata o autor da carta aos Hebreus. Jesus se fez corpo e habitou no meio da humanidade e essa pode ver a sua glória.¹⁷⁶ São João assim descreverá: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida - porque a vida se manifestou-se.”¹⁷⁷ Nesse horizonte, Vanucchi, tratando da liturgia e libertação, enfatiza:

Se o Filho de Deus assumiu corpo igual ao nosso para que dele recebêssemos a Graça Divina, não podemos pretender unir-nos ao Pai somente por pensamento, enclausurados na solidão pseudomística do próprio mundo interior. Se Jesus é o louvor do Pai, precisamente porque se encarnou para cumprir a vontade dele, como nos uniremos nós com Deus, fechados num espiritualismo desencarnado e irreal, sem nenhum gesto corporal, sem nenhuma oração comunitária, sem nenhuma comunhão de vozes?¹⁷⁸

Sendo assim o corpo é fundamental para a oração, para a espiritualidade, para a liturgia, para a ação litúrgico-celebrativa como um todo, por isso, não se pode prescindir dele, colocando-o à margem. Nas palavras de Damer: “podemos dizer, espiritualidade não é uma negação da corporeidade, mas sua afirmação significativa, transcendente,”¹⁷⁹ pois, negando o corpo não é possível estabelecer uma relação e comunicação com divino. Portanto, o caminho espiritual exige reconhecimento de um corpo frágil e caduco, exige reconhecer a sua finitude e suas incongruências, exige olhar para si não para exercer uma autopiedade, mas sim para lançar-se nas mãos do eterno. É por essa razão que o caminho espiritual é por sua vez, um caminho austero, requer despir-se, como diante da sarça ardente: “tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa.”¹⁸⁰

A espiritualidade se dá num território sagrado, haja vista que o corpo como um todo é um solo sagrado e diante desse solo se faz silêncio e reverência, tenta-se perceber a presença e a atuação de Deus nesse ser humano chamado a experimentar os valores divinos. No alto da cruz Jesus é despojado de suas vestes,¹⁸¹ ali no Gólgota Ele atinge o extremo do seu caminho espiritual, ali está a sua obediência sem reservas, ali está o âmago da sua espiritualidade, uma vez que se despojou totalmente de si para doar-se a humanidade.

¹⁷⁵ Cf. Hb 10, 5.

¹⁷⁶ Cf. Jo 1, 14.

¹⁷⁷ 1 Jo 1, 1-2 a.

¹⁷⁸ VANUCCHI, Aldo. *Liturgia e libertação*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2005, p. 39.

¹⁷⁹ DUMER, Pablo Fernando. “*O Verbo se fez carne*”: entre espiritualidade e corporeidade. p. 58.

¹⁸⁰ Ex 3, 5.

¹⁸¹ Mt 27, 35; Mc 15, 24; Lc 23, 34; Jo 19, 23.

O ser humano por sua vez também precisa despir-se, seja do seu orgulho, da sua vaidade, da sua prepotência, da sua arrogância, a fim de que despojado de tudo, livre de suas falsas seguranças, encontre o verdadeiro sentido da espiritualidade. Por isso o homem rico foi convidado por Jesus: “vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me.”¹⁸² Somente quando Ele se tornar a única riqueza é que o discípulo e a discípula serão capazes de segui-lo livre e verdadeiramente.

Nessa perspectiva, crer sempre será um incômodo, pois, a vida espiritual ao mesmo tempo que leva ao profundo de si, numa interioridade de encontro consigo mesmo, também propicia um impulso para ir ao encontro do outro, esse processo faz parte da espiritualidade, é condição *sine qua non* para sua existência. A espiritualidade verdadeira se contradiz se não desinstala aquele que dela se nutre, assim Galvão, constata esse desassossego: “Viver espiritualmente, portanto, não é sinônimo de viver confortavelmente. A vida espiritual também é feita de muitas incertezas e inquietudes. Além do mais, Deus é especialista em desassossego. Ele nos desinstala de nossa comodidade interior para nos devolver, mais plenos e inteiros, ao mundo e a nós mesmos.”¹⁸³ Para os que buscam uma vida cômoda e estável o caminho espiritual se apresenta como uma realidade inatingível, uma vez que a espiritualidade de uma maneira ou de outra visa um desinstalar-se para contemplar a realidade emergente.

Quanto mais profunda for a espiritualidade, mais enraizados à realidade a pessoa estará, haja vista que o ser humano por inteiro dá glória a Deus no contexto de sua existência histórica. Assim por vezes os fiéis são despedidos ao final de cada Eucaristia: “glorificai o Senhor com a vossa vida. Ide em paz e o Senhor vos acompanhe.”¹⁸⁴ A Igreja os envia para glorificar o Senhor nos locais onde Ele mesmo os colocou: no chão da fábrica, na escola, na universidade, no lar, no escritório, na rua, entre os vizinhos e colegas de trabalho, junto aos desconhecidos, para que as pessoas “vendo vossas boas obras deem glória ao Pai celeste.”¹⁸⁵

Desse modo, glorifica-se o Senhor na vida e com a vida de modo concreto e real, não de modo ilusório e fantasioso. Observa-se que a fórmula antiga de despedida da

¹⁸² Mc 10, 21.

¹⁸³ GALVÃO, Francisco. *O cultivo espiritual em tempos de conectividade*. p. 26.

¹⁸⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E AS DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missal Romano*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 505.

¹⁸⁵ Mt 5, 16.

santa missa¹⁸⁶ que pode ser interpretada pela seguinte expressão: “a missa terminou, começa agora a nossa missão.” Giraudo, aborda essa questão destacando:

Na tradição romana sempre a missa terminava com palavras que todos sabiam de cor: ‘*Ite, missa est*’. Trata-se de uma fórmula problemática com a qual, durante séculos, se atormentaram os intérpretes. Apoiar-nos-emos aqui na explicação mais espiritual, repetidamente proposta e para nós mais estimulante, a que entende o enigmático termo missa à luz de *dimissio*, ou *missio*, ou seja, no sentido de envio em missão. Essa escolha – prescindindo da credibilidade ou não do nexos etimológico -, permitir-nos-á tirar uma conclusão teologicamente certa. Então, o presbítero presidente, no momento de dissolver a assembleia, não se limitaria a uma saudação gentil, mas dirigiria um convite de compromisso que soa assim: ‘Ide e realizai a missão à qual sois enviados!’¹⁸⁷

É no concreto do dia a dia, das ações mais triviais e rotineiras que se vive a espiritualidade, uma vez que é com a sua vida que o ser humano deve glorificar a Deus, tendo gestos concretos e pontuais, que identificam que realmente essa pessoa encontrou-se com algo que a transformou e a transforma. Castillo, reafirma a necessidade de integrar a espiritualidade com a vida:

A espiritualidade interessa e afeta tudo aquilo que o homem e a mulher são em sua existência concreta. Portanto, nada de temores ou suspeitas pensando que, ao levar a sério a espiritualidade, teremos de renunciar a uma porção essencial de nós mesmos. Antes, trata-se de algo totalmente oposto: vivendo intensamente a espiritualidade, vamos realizar-nos em plenitude e seremos mais plenamente nós mesmos. Ou, dito de outro modo, a espiritualidade, bem entendida e mais bem praticada, nos leva diretamente ao êxito de nossa humanidade e, por isso mesmo, a preencher e cumprir nossas aspirações mais profundas.¹⁸⁸

Negligenciar esse aspecto da espiritualidade que impulsiona a traduzir em gestos aquilo de dela hauri, é negligenciar que Deus criou o ser humano para ser um sujeito histórico e construir a história. Nesse horizonte, a espiritualidade precisa ser libertadora, transformadora da realidade, portanto, concreta, coerente, sólida, solidária, compromissada com a mudança de estruturas injustas. Pois, possui um olhar voltado para a realidade emergente, julga segundo os valores do Evangelho e age para transformar.

Deus conta com o trabalho do ser humano para concretizar seu plano de amor, pois, embora seja Ele a realizar todas as coisas, quer contar com a colaboração do ser humano. Por meio do seu Espírito é Ele quem transforma o pão e o vinho em Corpo e

¹⁸⁶ “*Ite, missa est.*”

¹⁸⁷ GIRAUDO, Cesare. *Admiração eucarística*: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2008, p. 121.

¹⁸⁸ CASTILLO, José M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. p. 17.

Sangue de Cristo.¹⁸⁹ Realiza o milagre, todavia, o faz a partir do fruto da terra, do grão de trigo e Do fruto da videira, trabalhados e apresentados pelo ser humano, mas (eucaristizados) por Deus e devolvidos ao seu povo. Assim a transformação da sociedade passa pelas mãos do homem que se abre à ação do Espírito de Deus.

Porém, redescobrir um novo caminho de vivência espiritual como participação nos desígnios divinos requer uma mudança de mentalidade, uma transformação interior, um trabalho sério e exigente, dito de outra maneira, espiritualidade significa mudança do coração. Teixeira, enfatiza:

O aprofundamento da espiritualidade requer a conversão *cordis*, ou seja, a conversão da pessoa ao que há de mais íntimo nela. Trata-se de um trabalho interior de preparação e disponibilização para a acolhida do Mistério gratuito que habita o fundo da alma. Mas são inúmeras as camadas que ocultam do buscador a percepção e a possibilidade de adesão ao Mistério maior que está no centro. [...] A conversão do coração é essencial para a experiência espiritual, ponto de arranque para sua realização. O que interdita para muitos o acesso à profundidade dessa experiência é o modo de vida, é o endurecimento do coração que acompanha uma dinâmica existencial pontuada pela vontade de poder, pelo ensimesmamento, pela carência de solidariedade e surdez ao apelo dos outros. Como órgão sutil e vital, o coração também caleja, recobrando-se, muitas vezes, de uma camada espessa que impede o exercício da sensibilidade e compaixão. A conversão do coração é justamente o processo de reorientação da vida e descentramento do sujeito, de sua unificação e purificação para experimentar a união com Deus ou o Mistério sem nome.¹⁹⁰

Converter o coração significa encontrar um sentido para viver que é proporcionado pela espiritualidade, tendo diante dos olhos que o sentido é sempre maior do que o ser humano, sempre o ultrapassa, o engole, o envolve, sendo o homem e a mulher absorvidos por ele. O ser humano vai ao encontro de Deus porque Ele primeiro o chamou e quer criar relação, o ser humano por sua vez se deixa encontrar por Ele, que está sempre presente e se revela: “manifestei-me aos que não perguntavam por mim.”¹⁹¹ Esse encontro não é um ato racional, mas um ato de sentido. O discípulo sente o coração arder como em Emaús,¹⁹² percebe a sarça arder¹⁹³ sem se consumir como com Moisés, reconhece o mistério que ultrapassa aquele a quem se apresenta. Quando se

¹⁸⁹ Cf. CIC, n. 1373-1381.

¹⁹⁰ TEIXEIRA, Faustino. *O potencial libertador da espiritualidade e da experiência religiosa*. In. AMATUZZI, Mauro Martins. *Psicologia e espiritualidade*. 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2008, p. 25.

¹⁹¹ Is 65, 1.

¹⁹² Lc 24, 32.

¹⁹³ Ex 3, 2.

apreende aquela realidade, ela passa a fazer sentido, isto é, se torna importante e quando faz sentido modifica toda a vida.¹⁹⁴

Dar sentido à existência, para não passar pela vida como mero espectador que acompanha a tudo passivamente, reduzido a simplesmente reagir impulsivamente às ações que acometem a vida diariamente, é o que desperta a espiritualidade. Converter o coração para ser protagonista, sujeitos da própria história, gerando desse modo transformação. Participar da implantação do Reino de Deus é a missão de cada homem e de cada mulher que se deixam guiar pela espiritualidade. Nessa perspectiva, Maçaneiro, descreve que as experiências são provedoras de sentido:

Como podemos notar, as vivências originárias – presentes no cotidiano – revelam uma peculiar profundidade: não terminam no evento exterior, mas continuam latentes na interioridade do sujeito, onde deixam uma inscrição, como marcas do que foi experimentado. Esta inscrição, o sujeito da experiência relê e interpreta, dando origem à hermenêutica religiosa. Esta hermenêutica tem uma racionalidade própria: não é técnica, nem noética simplesmente (embora promova um tipo de conhecimento). É, sobretudo, provedora de sentido para o sujeito da experiência.¹⁹⁵

Na linha de reflexão desenvolvida por Maçaneiro, nota-se que a espiritualidade não é apenas um caminho de respostas prontas, ela é também um caminho de perguntas e por isso é complexa. Perguntas que vão aparecendo ao longo do itinerário espiritual e que dão sentido à existência. Os homens são dotados de capacidade para ressignificar os acontecimentos sejam bons ou ruins, são capazes também de dar sentido às experiências que tiveram ao longo de sua história.

No cotidiano da existência, é possível fazer uma experiência de descoberta profunda de sentido. Naturalmente a busca de sentido provoca uma mudança moral naquele que faz a experiência com o Deus revelado. Teixeira, enfatiza que não pode ocorrer apenas uma mudança no coração, é necessário que haja também uma mudança de conduta, assim expressa:

A vida espiritual não é um acontecimento que ocorre unicamente no interior da pessoa, deslocada de qualquer referencial prático e existencial. Ao contrário, a dinâmica de conversão do coração, que possibilita tal experiência provoca, necessariamente, uma *conversio morum*, uma mudança de conduta na vida que envolve toda a pessoa. A autêntica experiência mística jamais é fuga do mundo ou desprezo das realidades criadas, mas é fonte de fecundidade moral. O que ela provoca é uma abertura única para a diversidade presente no real, e a consciência de sua integração no mistério da unidade de Deus. Não há rechaço do mundo, mas o reencontro de tudo no

¹⁹⁴ Cf. ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e realidade*. São Paulo, SP: É realizações, 2011, p. 205-208.

¹⁹⁵ MAÇANEIRO, Marcial. *O labirinto sagrado: ensaios sobre religião, psique e cultura*. p. 17.

mistério da gratuidade de Deus. Trata-se de uma experiência que provoca no sujeito uma “compaixão integrante e reconciliante com o universo.”¹⁹⁶

A mudança na conduta moral é reflexo de uma espiritualidade bem encarnada, pois, propicia olhar e iluminar as situações angustiantes e desesperadoras da condição humana. A oração precisa despertar o profetismo que se levanta para defender direitos, para denunciar injustiças, para despertar a consciência crítica da realidade, não assistindo a tudo passivamente. A espiritualidade precisa ser vivida também nas periferias da sociedade, sejam materiais ou existenciais.

Em tempo de alta conectividade e interação virtual surgem falsas espiritualidades e um desvirtuamento da caridade, pois, o bem nem sempre é realizado em consequência da necessidade do outro, mas muitas vezes é feito para ser fotografado e postado nas redes sociais. É a caridade exposta nas vitrines do mundo moderno, para arrancar um falso elogio, para trazer um afago ao ego machucado e um alívio à consciência de quem o faz, pois se sabe não ser tão bom assim, nem tão generoso ou caridoso.

É a espiritualidade fingida, efêmera, eufórica e passageira, que não traz frutos de conversão, que não transforma o coração, contudo, serve de anestésico para aqueles que, vazios de si, precisam se autopromover nessa sociedade da imagem. Valle constata: “há ‘espiritualidades’ que são como joias falsas: refulgem, mas não têm valor senão o das aparências. Não levam ao amadurecimento; podem, ao contrário, conduzir à ruína.”¹⁹⁷ Justamente por isso é que a espiritualidade deve desembocar na construção do Reino de Deus, descrito como Reino de liberdade, de justiça, de paz e de solidariedade.¹⁹⁸

A espiritualidade impele à construção desse mesmo Reino inaugurado por Jesus de Nazaré que, para fazer uso das palavras de Castillo: “antes de ser um projeto de atividade pastoral, é um projeto de humanização das pessoas, um projeto de vida e de felicidade para todos os que sofrem.”¹⁹⁹ O Reino, portanto, não é uma ideia, um projeto ou um plano, o Reino é antes e acima de tudo o lugar pleno de realização e humanização dos homens e mulheres de todos os tempos e lugares.

¹⁹⁶ TEIXEIRA, Faustino. *O potencial libertador da espiritualidade e da experiência religiosa*. p. 26.

¹⁹⁷ VALLE, João Edênio dos Reis. *Religião e espiritualidade: um olhar psicológico*. In. AMATUZZI, Mauro Martins. *Psicologia e espiritualidade*. 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2008, p. 103.

¹⁹⁸ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missal Romano*. p. 385.

¹⁹⁹ CASTILLO, José M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. p. 27.

A espiritualidade, então, precisa se abastecer em uma fonte que constantemente a nutra, a sustente e a revigore. O lugar primordial onde a espiritualidade cristã católica se alimenta é na liturgia, sua principal fonte. Costa, define: “Mas na verdade toda espiritualidade cristã é litúrgica, pois a liturgia é a primeira e necessária fonte da qual os fiéis podem haurir o espírito genuinamente cristão (SC 14).”²⁰⁰ Toda espiritualidade cristã é litúrgica, sendo assim, analisar-se-á a espiritualidade litúrgica e qual sua contribuição para a fé cristã, já que a espiritualidade cristã é a opção pelo seguimento de Jesus. Num mundo em constante mudança, a liturgia e a espiritualidade, precisam conduzir para a realidade do homem do Evangelho que “sabe tirar do seu tesouro coisas novas e velhas.”²⁰¹

2.3. Espiritualidade litúrgica

Tendo como fundamento as fontes bíblicas, os discípulos missionários encontram na liturgia um lugar epifânico para alimentar sua espiritualidade. Postos acima alguns pressupostos bíblicos, a pergunta que se coloca aqui é quando a espiritualidade cristã é realmente litúrgica? Existe uma relação ou correlação entre liturgia e espiritualidade? Há alguma contribuição da liturgia para a espiritualidade? Diante desses questionamentos primeiramente faz-se necessário examinar o que é espiritualidade litúrgica. Neunheuser assim definiu:

A espiritualidade litúrgica é o exercício (dentro do possível) perfeito da vida cristã, com o qual o homem, regenerado no Batismo, cheio do Espírito Santo, recebido na Confirmação, participando na celebração eucarística, marca toda a sua vida com estes três sacramentos, para crescer no quadro das celebrações repetidas no ano litúrgico, de uma oração contínua – concretamente: a oração ou liturgia das horas – e das atividades da vida quotidiana, na santificação mediante a conformação com Cristo crucificado e ressuscitado, na esperança da última consumação escatológica, para louvor da glória de Deus.²⁰²

A partir dessa definição constata-se que a espiritualidade cristã haure sua força dos sacramentos que a Igreja celebra, na busca de uma conformação a Cristo, caminho de santificação. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, destaca: “a espiritualidade litúrgica é o exercício autêntico da vida cristã, como vida em Cristo, enraizada nos sacramentos da Iniciação Cristã e que se atualiza nas diversas ações

²⁰⁰ COSTA, Valeriano dos Santos. *Espiritualidade litúrgica*. p. 43.

²⁰¹ Mt 13, 52.

²⁰² NEUNHEUSER. *Espiritualidade litúrgica*. In. *Nuevo Diccionario de liturgia*. Madrid: Paulinas, 1983, p. 677

litúrgicas”.²⁰³ Nota-se a ênfase que é dada na espiritualidade litúrgica como exercício autêntico da vida cristã, o que faz concluir que fora dessa compreensão não é possível cultivar uma espiritualidade genuinamente cristã católica.

Sendo assim, a espiritualidade litúrgica é o modo de viver e atuar no mundo, daquele que recebe na celebração eucarística, nos demais sacramentos e nos momentos de oração da vida da comunidade, os ensinamentos para praticar ao longo da vida. As primeiras comunidades sempre encontraram na liturgia o lugar para reabastecer a sua fé e encontrar sentido para a sua vida e sua missão. Atreladas uma a outra, liturgia e vida foram as experiências dos primeiros seguidores do Caminho.²⁰⁴

Assim relata o livro dos Atos dos Apóstolos: “Eram assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações.”²⁰⁵ Era daquele encontro na e em comunidade, daquela vivência do mistério pascal por eles celebrado, que eles alimentavam a sua fé e nutriam a sua espiritualidade. Nele encontravam a fonte donde emanava o itinerário espiritual a ser seguido.

Partindo da reflexão de uma liturgia que fornece elementos para a prática cristã, Flores, assinala: “A reflexão que temos de fazer deve conduzir-nos a uma espiritualidade litúrgica, que, por sua vez, nos abra a experiência divina. Portanto, o único caminho possível parte da teologia da celebração litúrgica e desemboca numa espiritualidade que leva diretamente à vida vivida.”²⁰⁶ Para o autor não há outro caminho, a não ser aquele que partindo da celebração litúrgica, se abre ao divino, mas ao mesmo tempo a leva a viver uma vida segundo os ensinamentos que recebeu.

O processo de simbiose da liturgia e da espiritualidade era a marca distintiva dos discípulos, pois faziam nada mais nada menos que ouvir os ensinamentos do Mestre, celebrados e partilhados em cada celebração pascal, e tão logo ao sair, buscavam colocar em prática o que do Mestre, mediante os Apóstolos, receberam. Castellano, tratando da vida como um ato litúrgico, destaca: “A liturgia é colocada no contexto normal da vida cristã como ponto de inserção concreto nessa história de salvação,

²⁰³ CNBB, Doc. 43, p. 58.

²⁰⁴ Cf. At 22, 4.

²⁰⁵ At 2, 42.

²⁰⁶ FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo, SP: Paulinas, 2006, p. 398.

contínua celebração do mistério de Cristo e do Espírito,”²⁰⁷ ou seja, a vida é um prolongamento da experiência vivida na liturgia.

Castellano destaca: “caminho que acompanha a experiência do mistério cristão, desde o Batismo até o último momento da passagem pascal da morte.”²⁰⁸ Assim, na compreensão desse autor, toda a vida de uma pessoa pode ser marcada por essa presença de Cristo e dos seus sacramentos, fazendo com que a liturgia esteja presente em todas as situações e seja a marca distintiva na atuação de alguém que possui autêntica vida cristã. Castellano, continua:

Toda vida espiritual inicial amadurece em contato com Cristo; Cristo, porém, entra em contato com os homens por meio dos sacramentos, de modo objetivo e real. Todos os outros meios para aumentar a vida espiritual (ascese, oração, devoções, trabalho) têm na liturgia sua fonte, especialmente no Batismo-Confirmação, que por seu caráter sacramental constitui um estado ‘litúrgico’, cultural e permanente. A mesma coisa vale para a Eucaristia que, como atualização do mistério pascal de Cristo e presença real dele, é a fonte de toda graça.²⁰⁹

Percebe-se assim que a vida sacramental é o ápice da espiritualidade cristã, todos os outros atos de piedade são bem-vindos e aceitos, desde que orientem para a vida sacramental, haja vista que desprezar a vida sacramental, pode conduzir a um certo devocionismo efêmero, desvirtuando a essência da vida litúrgica. Dessa maneira, a liturgia se insere no concreto da história humana para iluminar o agir cristão, podendo fazer mediante abertura do coração, gestos salvíficos para com aqueles que encontra ao longo do caminho. Segundo Flores:

A celebração litúrgica não é um momento isolado do qual nos separamos quando termina. Toda existência deve ser vivificada mediante a celebração, começando pela própria vida espiritual, que estará sempre impregnada da presença de Deus, por meio da celebração litúrgica, desde o momento em que não pode haver dicotomia entre o celebrar e o viver²¹⁰.

Portanto, a vida é ou precisa ser um prolongamento da celebração litúrgica, não podendo ser algo dissociado, ou até mesmo oposto, haja vista que não é um espetáculo que acaba quando se apagam as luzes, pelo contrário, a celebração litúrgica se desloca para fora do templo, porque continua no agir diário dos que dela participam.

Com o passar dos séculos, aos poucos a liturgia foi se separando da vida ordinária dos fiéis, e justamente por separar liturgia e espiritualidade, liturgia e práxis

²⁰⁷CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. São Paulo, SP: Paulinas, 2008, p. 34.

²⁰⁸Idem.

²⁰⁹Ibidem.

²¹⁰FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. p. 45.

cristã, a celebração litúrgica foi aos poucos sendo confinada no interior dos templos. A vida espiritual, a vida litúrgica e a vida extra templo, seguiram de modo isolado o seu caminho. Muitos fiéis foram celebrando, rezando e vivendo não de modo integrado, e sim de modo separado e não poucas vezes opostos cada uma dessas dimensões.

Ao contrapor liturgia e vida, o mistério é reduzido a mero sentimentalismo, pois, a liturgia exige uma continuidade, por isso, Castellano é enfático: “A liturgia, portanto, não será um momento passageiro ou fugaz de encontro com Cristo; exigirá, ao contrário, uma continuidade.”²¹¹ Participar do momento celebrativo, significa dar-lhe continuidade ao longo da vida. Castellano continua: “A celebração não poderá ser um contato superficial e epidérmico, mas profundo em crescimento e amadurecimento constantes; exigirá, pois, uma interiorização.”²¹²

Assim a liturgia por sua natureza requer uma interiorização dos mistérios com os quais a pessoa se deparou durante a celebração ritual, pois a ação litúrgica precisa ecoar no interior daquele que dela participou, não podendo permanecer apenas na superfície, no exterior. A ação ritual não é mera ação mecânica e teatral, não é um espetáculo mundano para ser visto, apreciado e até julgado ou classificado, a ação ritual não é para expectadores passivos e inativos. Outrossim, a ação ritual tem como destinatário o homem que de modo pleno, ativo, consciente e participativo, está presente à ação litúrgica por inteiro, desejoso de se impactar pelo mistério que lhe é apresentado. A partir dessa perspectiva, Costa, expressa:

A liturgia não pode ser um parêntesis desligado da experiência diária do nosso trabalho e apostolado. Corre-se o risco de isolar a oração cotidiana, tornando-a insignificante nas tramas da vida real, ou sacralizando-a como se o culto fosse a única dimensão eficaz para a construção da Igreja e o testemunho do Evangelho. Os fiéis participam do sacerdócio de Cristo, que dá origem à unidade indissolúvel entre liturgia e vida, valendo-se desse sacerdócio partilhado por todos, precisamente porque o exercem nas dimensões do culto e do oferecimento da sua vida inteira. Por isso, o trabalho diário adquire sentido litúrgico por seu vínculo indissolúvel com a oração da Igreja, e manifesta concretamente o amém dirigido pelos fiéis à vontade do Pai.²¹³

O autor enfatiza a unidade indissolúvel entre liturgia e vida, por isso, uma separação nesse aspecto produz uma esquizofrenia de cunho desastroso, esvaziando o sentido do culto divino. Por essa razão que precisa haver um prolongamento da celebração litúrgica na labuta diária de cada cristão, que faz um oferecimento diário da

²¹¹ CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. P. 58.

²¹² Idem.

²¹³ COSTA, Valeriano dos Santos. *Espiritualidade litúrgica*. p. 45.

sua vida e da sua história no altar do mundo, um sacrifício incruento oferecido nos calvários do cotidiano. Gopegui, enfatiza que não há dicotomia, entre vida e liturgia, sobretudo, com o advento do Concílio:

Na mentalidade de não poucos poderia existir primeiramente a vida cristã que depois seria celebrada na liturgia. Na visão conciliar tal dicotomia é impensável. Existe vida cristã porque existe liturgia, ou seja, presença e atualização sacramental do Mistério de Cristo na história. A liturgia é fonte da vida cristã. Vida e celebração não podem estar dissociadas. A vida cristã nasce na celebração. Mas a liturgia é também ápice e termo, por ser antecipação da Liturgia celeste, antegozo da glória definitiva do Pai, em Cristo, na qual vida e festa se identificarão plenamente.²¹⁴

Assim a liturgia é fonte e ápice da vida cristã, porque não há vida cristã sem liturgia, ao mesmo tempo que a liturgia encaminha para as realidades eternas, pois esse é o cume da vida cristã, a vida eterna, e não é possível desejá-la sem antes viver aqui na terra o que é a vontade de Deus. Não se pode isolar a experiência de Deus dentro dos templos, não é possível reduzi-la ao momento celebrativo, não se deve restringir sua força e eficácia às paredes internas das igrejas. A espiritualidade cristã nasce da liturgia que vivida no cotidiano encaminha para a casa de Deus aquele que dela vive. Cardita, tratando do rito na liturgia, alerta para um risco, do rito ser observado sem, no entanto, despertar uma vivência moral, o autor afirma:

No rito, o crente conota imediatamente a sua ação com a fé. Outro aspecto dessa questão concerne à suspeita com que o rito é observado na perspectiva deste equívoco moral, sendo concebido como gestualidade hipócrita – mero gesto externo e vazio – que está na origem de uma forma de existência crente supostamente esquizofrênica [...] entre os próprios praticantes é fácil verificar a esquizofrênica separação entre sacramento e vida, entre rito e compromisso, celebração litúrgica e ética social. Pelo que facilmente o sacramento se reduz a mero rito, a mundo paralelo, a participação mecânica, a tradição ou costume sem referência e incidências vitais. A experiência religiosa que pode ter lugar no cotidiano da vida desliga-se facilmente daquele rito estabelecido para o qual aquela experiência deveria remeter.²¹⁵

Dissociar a liturgia da vida, segundo o autor, faz com que o rito seja esvaziado e caia numa possível teatralidade, o que não contribui para uma conversão, pois nessa concepção o rito não passa de um gesto vazio e incompreensível, que não adquire poder de gesto salvífico, que cura, transforma e determina o agir cristão no mundo. Buyst, explicita a necessidade de fazer memória não só na celebração litúrgica ritual pois isso constitui uma infidelidade ao projeto de Deus, enfatiza:

²¹⁴ GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo, SP: Loyola, 2008, p. 36.

²¹⁵ CARDITA, Ângelo Manoel dos Santos. *Reforma litúrgica pra quê? Revisitando a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo, SP: Loyola, 2018, p. 35.

Dito de outra forma, a memória de Jesus vai da mesa ritual ao culto vivido 24 horas por dia e de volta à mesa; a prática ritual refere à práxis histórica e vice-versa. Fazer memória da ceia de Jesus, sem continuar, no Espírito dele, sua missão messiânica no aqui e agora da realidade histórica, social, política, cósmica ... é uma farsa, uma infidelidade (cf. 1 Cor 11). O fazer memória ritualmente inclui compromisso ético e místico da memória vivida na missão. É preciso fazer a vontade do Pai: dar de comer a quem tem fome, libertar os presos, devolver a visão aos cegos, fazer os surdos ouvirem e os coxos andarem. É o mesmo gesto da ceia eucarística que se prolonga no dia a dia: é a minha vida entregue por vocês. Os momentos litúrgicos, celebrativos, devem ser entendidos como realidades simbólico-sacramentais, que se referem a atitudes fundamentais na vida pessoal e social.²¹⁶

O “faça isto em memória de mim”²¹⁷ abrange toda a obra salvífica do Senhor, inclui todos os seus ensinamentos, todo o seu agir e não apenas a recordação da última ceia. Ao fazer memória o discípulo se coloca frente a exigência de perpetuar²¹⁸ a ação salvífica de Deus no mundo até a segunda vinda de Cristo.²¹⁹ Portanto, o fazer memória não se reduz meramente a recordar de modo ritual o acontecimento pascal, como algo do passado, e retornar à casa como quem foi a uma festa de aniversário ou de casamento, feliz, exultante, com o coração pulsante, todavia, sem um compromisso concreto com o Senhor e Salvador, nem com os irmãos. Nesse horizonte, Buyst, continua:

Quem não levanta a voz para denunciar os massacres do nazismo contra os judeus não tem direito de cantar o gregoriano, dizia Bonhoeffer. A celebração litúrgica comporta um compromisso de fé com a transformação social, diz o documento de Medellín. Prática ritual, ética e mística estão indissoluvelmente unidos na concepção bíblica da aliança com o Senhor. Na Bíblia, piedade é ao mesmo tempo devoção e devotamento, amor afetivo e efetivo, ainda que a salvação, o Reino, a vida em Deus, vão além de nossa capacidade de realização e pedem, portanto, uma abertura e uma entrega incondicional à ação de Deus, ao Espírito que sopra onde e como quer.²²⁰

Viver no dia a dia os valores recolhidos na celebração litúrgica é condição *sine qua non* dos discípulos missionários atuais, correndo o risco de serem infiéis ao mandamento do Senhor, caso descuidem na vida diária daquilo que celebraram. Buyst, destaca a prática ritual, a ética e a mística como vivências inseparáveis no horizonte bíblico, que permanece até hoje como paradigma da vida cristã. Giraud é enfático ao tratar dos compromissos de vida que a participação na Eucaristia assegura:

Ao entrar na igreja, carregamos toda a vivência de alegria e de angústia do mundo, para vivê-la no máximo grau naquela particular relação com Deus e

²¹⁶ BUYST, Ione. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo, SP: Paulinas, 2011, p. 197.

²¹⁷ Cf. Lc 22,19.

²¹⁸ Cf. CIC, n. 748-780.

²¹⁹ Cf. CIC, n. 668-682.

²²⁰ BUYST, Ione. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. p. 197.

com os outros que é a celebração eucarística. E, ao sair da igreja, levamos para o cotidiano todas as obrigações assumidas e reassumidas no ritmo das nossas Eucaristias. Se, ao entrar na igreja, não levamos conosco nossas preocupações e do mundo, é inútil que lá entremos. Igualmente, se, ao sairmos da igreja, não trouxermos conosco claros compromissos de vida pessoal, familiar, profissional, civil e eclesial, foi inútil termos ali entrado, uma vez que uma Eucaristia sem a vontade de assumir compromissos éticos – sobretudo em referência ao próximo – é, para quem dela participa, uma Eucaristia nula. Sem compromissos ativos, o culto é uma cômoda distração, um culto vazio, uma aparência de culto.²²¹

Não é possível honrar o Senhor apenas com os lábios como relata o livro do profeta Isaías²²² e manter o coração longe de Deus. Não é possível guardar o sábado, pagar o dízimo, lavar as mãos e os pratos corretamente e explorar o irmão denuncia Jesus no seu tempo.²²³ É infidelidade ao projeto do Pai devolver o dízimo e roubar os irmãos. Do mesmo modo de nada adianta louvá-lo na liturgia dominical, celebração pascal de libertação e ressurreição e pesar a cruz nos ombros dos demais ao longo da semana. É uma farsa alimentar-se na mesa da Palavra e da Eucaristia e privar os menos afortunados do pão de cada dia. Assim o documento de Santo Domingo, chamou a atenção dos fiéis da Igreja presente na América Latina:

A falta de coerência entre a fé que professa e a vida cotidiana é uma das várias causas que geram pobreza em nossos países, porque os cristãos não souberam encontrar na fé a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis pela liderança ideológica e pela organização da convivência social, econômica e política de nossos povos.²²⁴

Ratzinger, destaca o coerente relacionamento que precisa haver entre aquele que busca e louva a Deus, com os demais homens e mulheres. Relacionamento esse que deve definir a sua postura de atuação no mundo, como alguém que já experimentou a Deus em sua vida. Assim define:

O que significa tudo isso para a nossa problemática? Antes de tudo, vê-se mais uma vez que o ‘culto’, entendido em sua verdadeira plenitude e profundidade, vai bem além da ação litúrgica. Ele, portanto, abraça a ordem da vida humana inteira, no sentido das palavras de Ireneu: o ser humano se torna uma glorificação a Deus, fá-lo sobressair (isso é o culto), quando vive para contemplá-lo. É fato, por outro lado, que o direito e a moral não caminham juntos se não forem ancorados no centro litúrgico e não extraírem dele inspiração. Que tipo de realidade encontramos, então, na liturgia? Podemos dizer, antes de tudo, que quem elimina Deus do conceito de realidade é só aparentemente um realista. Ele se afasta Daquele em quem nós ‘vivemos, nos movemos e existimos’ (At 17, 28). Isso significa que somente se a relação com Deus é correta todas as outras relações do ser humano – as

²²¹ GIRAUDO, Cesare. *Admiração eucarística*: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. p. 125.

²²² Cf. Is 29, 13.

²²³ Cf. Mt 23, 13-31.

²²⁴ CELAM. *Documento de Santo Domingo*. In. *Documentos do CELAM*: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo, SP: Paulus, 2004, p. 707.

dos homens entre si e do homem com as outras realidades criadas – também funcionam. O direito – conforme já vimos – é formador da liberdade e da comunidade; o culto, ou seja, o modo correto de se reportar a Deus, é, por sua vez, formador do direito. Podemos, então, ampliar essa visão dando mais um passo adiante: a adoração, a correta modalidade do culto, da relação com Deus, é formadora da correta existência humana no mundo; ela o é exatamente porque através da vida cotidiana nos torna participantes do modo de existir do ‘céu’, do mundo de Deus, deixando, assim, transparecer a luz do mundo divino em nosso mundo.²²⁵

Partindo do pensamento de Ratzinger, observa-se que a ação litúrgica por si só é formadora, ou seja, é performática, porque leva o homem a se relacionar com Deus, de modo que educado por esse mesmo Deus, se torna sujeito de transformação, sendo a liturgia escola de formação para o discípulo que antecipa nessa terra os dons reservados para o céu. O pedido em cada oração do Senhor²²⁶ de que seja feita nessa terra a sua vontade como ela feita no céu, é ensinada ao discípulo no exercício da ação ritual. É nesse sentido que Jesus pede aos seus para serem sal da terra e luz do mundo,²²⁷ sujeitos de mudança, não se acomodando frente as injustiças e desigualdades da vida.

Ratzinger, indica: “A celebração não é somente rito, não é apenas um ‘jogo’ litúrgico, mas quer ser *logike latreia*, transformação da minha existência em direção ao logos, contemporaneidade interior entre mim e a oferta de Cristo.”²²⁸ A celebração de modo ativo e consciente, sendo inspiração do Concílio Vaticano II, exerce uma mudança interior. Nesse sentido específico, ao deixar a celebração eucarística ele não pode ser o mesmo, pois, de acordo com o pensamento de Ratzinger, a celebração é transformação da existência como um todo. O documento de Medellín, desenvolve a mesma compreensão destacando:

A instituição divina da liturgia jamais pode ser considerada como um adorno contingente da vida eclesial, já que ‘nenhuma’ comunidade cristã se edifica se não tem sua raiz na celebração a santíssima Eucaristia, pela qual se inicia toda a educação do espírito da comunidade. Esta celebração, para ser sincera e plena, deve conduzir tanto às várias obras de caridade e mútua ajuda como à ação missionária e às várias formas de testemunho cristão.²²⁹

Dessa forma a liturgia não pode ser um adereço, um adorno como destacou Medellín, um lugar de passeio, ela precisa ser lugar de encontro com Deus, consigo mesmo e com os irmãos, de modo a impulsionar aquele que dela participa, tanto para a caridade, quanto para a missão. O Espírito que se revela a quem permite é o agente

²²⁵ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Espírito da liturgia*. 4. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2015, p. 17.

²²⁶ Cf. Mt 6, 10.

²²⁷ Cf. Mt 5, 13-14.

²²⁸ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Espírito da Liturgia*. p. 50.

²²⁹ CELAM. *Documento de Medellín*. In. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo, SP: Paulus, 2004, p. 155.

dessa transformação, o mesmo Espírito que falou pelos profetas,²³⁰ que causou a humanidade do Verbo,²³¹ que realiza a Eucaristia²³² em cada santa missa, é Ele quem impulsiona na luta pela transformação da sociedade. Flores, destaca que a celebração litúrgica é o verdadeiro rosto da Igreja, escreve:

O itinerário teológico, como o é toda a motivação que nos leva a comprometer-nos com uma celebração litúrgica que, superando o estoicismo, o rubricismo, o historicismo etc., manifesta o verdadeiro rosto da Igreja no começo do terceiro milênio. A celebração litúrgica insere-nos na Igreja de hoje e projeta-nos para o amanhã, já inserido no presente, mas num progresso contínuo. São as lições da história as que indicam um progresso contínuo. O Espírito que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos está presente na Igreja e acompanha-nos através dos séculos.²³³

A Igreja não é uma Igreja do passado, uma Igreja que recorda apenas acontecimentos antigos, todavia, é uma Igreja viva, uma Igreja atual, presente na vida das comunidades, inserida de modo concreto na história do povo. É essa Igreja que faz a experiência de Deus e que é chamada a recolher da história os benefícios desse mesmo Deus. Ao longo dos séculos ela convida a atuar no aqui e agora da humanidade, convocando os seres humanos a lançar um olhar para a eternidade que aguarda aqueles que aqui tendo celebrado os mistérios pascais na liturgia e vida, são chamados a tomar parte no banquete definitivo e escatológico.²³⁴

Conclusão

Ao analisar alguns autores percebe-se que a espiritualidade é aquilo que define o modo de ser e de estar no mundo. Através da Palavra de Deus o discípulo e a discípula encontram os fundamentos para uma vivência autêntica daquilo que é a vontade de Deus para os seus, sendo a ação litúrgico-sacramental a grande escola de espiritualidade. Espiritualidade litúrgica é a espiritualidade da Igreja, isso rompe com o esquema de separação, de exclusão ou erro de consciência eclesial de uma espiritualidade, para um grupo hermético como se fosse a única correta e verdadeira. A espiritualidade litúrgica é também aquela que propõe as bases para uma vivência correta na vida intra e extra eclesial, propiciando uma profunda transformação na existência daqueles e daquelas que dela participam. A espiritualidade litúrgica, por fim, conduz

²³⁰ Cf. Profissão de fé segundo símbolo Niceno-constantinopolitano.

²³¹ Cf. Lc 1, 35.

²³² Cf. Epiclese realizada sobre as oferendas do pão e do vinho durante a oração eucarística.

²³³ FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. p. 405.

²³⁴ Cf. Mt 25, 34.

para aquele encontro definitivo com àquele que nessa terra foi buscado. Os homens e mulheres são peregrinos, caminheiros, estão em busca, numa marcha que culminará com a visão beatífica. Não estão prontos, acabados, engessados ou encerrados, estão a caminho, por essa razão: “A liturgia cristã é liturgia a caminho, liturgia da peregrinação rumo à mudança do mundo, que acontecerá quando Deus for ‘tudo em nós’.”²³⁵

CAPÍTULO 3

ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA EM TEMPOS LÍQUIDOS: EDUCAR PARA O DIÁLOGO COM O MUNDO ATUAL

Introdução

A espiritualidade cristã católica requer que a vida espiritual esteja ancorada na vida litúrgica, reclama participação na vida da comunidade e exige que o que se celebra em cada Eucaristia seja vivido e compartilhado no cotidiano da existência. Pensar uma espiritualidade que eduque para o diálogo com o pensamento corrente, é o grande desafio para a liturgia atual proposto nesse terceiro capítulo, que visa analisar a importância da experiência como geradora de sentido para a existência das pessoas, o encontro com o ressuscitado, a necessidade de uma catequese de inspiração mistagógica que seja caminho para o discipulado, a urgência de celebrações que conduzam ao mistério, a oração litúrgica como base para que o discípulo e a discípula sejam homens e mulheres litúrgicos.

3.1. Encontro com o Ressuscitado: solidez ao se unir a Cristo

O *homo sapiens sapiens* se destaca dos demais animais, com o seu potencial de racionalização, poder de reflexão, capacidade de analisar as situações, uma vez que ele consegue sair do campo meramente instintivo, para o campo racional, sendo assim, capaz de observar, conceituar e sintetizar. No século XVIII, o tido Século das Luzes, a razão desponta como a grande redentora da humanidade, assim, Mondin define o Iluminismo:

O iluminismo é, por definição, confiança cega na razão, cujo poder é considerado ilimitado; a razão domina não só na teoria, mas também na prática e na vida toda. Ela se torna a medida de todas as coisas, norma única,

²³⁵ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. p. 43.

suprema, absoluta. Em virtude deste primado, a razão impera em todos os campos, tanto na ética como na religião. Ela suprime a fantasia, considera em posição inferior os afetos e os movimentos instintivos, repudia a tradição e opõe-se a qualquer forma de autoridade.²³⁶

Na linha de reflexão desenvolvida por Mondin, o conceito foi sobreposto paulatinamente a qualquer tipo de experiência ou de sentimento, permitindo ao ser humano conceituar a vida como um escritor, um pesquisador, um cientista, que fazendo uso exclusivamente dos conceitos passa a definir a vida e suas ações, como se não houvesse uma experiência primária²³⁷ que assegurasse inclusive a individualidade de cada um.

Nesse horizonte, a razão é a grande senhora infalível, detentora de todo saber, de todo conhecimento e de todo o poder, pois tudo precisa ser conceitualizado, do contrário, será rejeitado. Nesse aspecto também o anúncio da pessoa de Jesus e a Boa Nova do seu Reino migraram para o campo da conceituação. A experiência com o Mestre que era condição *sine qua non* para os discípulos foi posta de lado e muitas vezes rejeitada.

O racionalismo penetrou na Igreja de uma forma violenta e avassaladora, consequentemente a liturgia se tornou um ambiente muito mais de formação, de conceituação, de doutrinação e de catequese, do que um ambiente de vivência e experiência. Na esteira do pensamento de Zubiri, um ambiente de pouco sentido, não havendo espaço para o sentir verdadeiro na liturgia. Bello, destaca:

‘Sentir’, para Zubiri, é um processo que tem três momentos essenciais: o ‘momento de suscitação’, que é o que desencadeia uma ação animal; o ‘momento de modificação tônica’, pelo qual a suscitação modifica o tom vital do animal; e o ‘momento de resposta’. Estes três momentos em sua essencial e indissolúvel unidade são o que constitui o sentir.²³⁸

Sentir é fundamental para a liturgia e para a espiritualidade, pois, encontra-se mestres e doutores na ciência litúrgica, todavia, não se encontra com a mesma facilidade muitos doutos na experiência que aproxima de Deus. Partindo unicamente do uso da razão, pode-se cair numa liturgia que se pauta apenas pelos conceitos, uma liturgia rica em conteúdo, bem fundamentada e ortodoxa nesse aspecto, entretanto, vazia de sentido. Grillo recorda que: “e reduzirmos os ritos a conceito, perdem a sua qualidade ritual e

²³⁶ MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia: os filósofos do ocidente*. São Paulo, SP: Paulus, 1982, p. 179. v.1.

²³⁷ Cf. ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e realidade*. p. 187-192.

²³⁸ BELLO, Joathas Soares. *Deus, experiência do homem em Xavier Zubiri*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 2005, p. 17. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6464/6464_1.PDF Acesso em abr. 2017.

acabam ou em ritualismo ou em intelectualismo.”²³⁹ Não permitindo, nem valorizando o sentimento, acaba-se sem apreensão de realidade²⁴⁰ que desperta o desejo de aprofundar o conceito recebido e ao mesmo tempo leva ao seguimento.

Pensar um seguimento permanente de Jesus Cristo e o projeto do seu Reino nesse contexto do mundo líquido se torna desafiador, haja vista que, fazer com que os fiéis que frequentam as assembleias bebam da fonte,²⁴¹ tenham mais sede e se coloquem num caminho de discipulado por toda a vida é assustador para pessoas acostumadas com o fim rápido de todas as coisas, sejam imóveis, móveis, relacionamentos, casamentos etc. Recuperar a consciência do permanente, do durável, do sólido, do eterno nessa sociedade é um grande desafio.

Assim a liturgia torna-se o lugar para propiciar essa experiência que dá sentido à existência, de modo, que os homens e mulheres que perdem o rumo, a direção de suas vidas, ou aqueles para quem a vida deixou de ser significativa, encontram na liturgia a oportunidade para recuperar e/ou reencontrar o sentido para a sua caminhada.

Para Boff: “falar em ‘sentido da vida’ é falar na ‘finalidade da vida’ ou no ‘valor da vida,’ real ou potencial que seja.”²⁴² Ao pensar no sentido ou na finalidade da vida, a pessoa se vê interpelada pela questão que a humanidade se debruça há séculos. Na argumentação, Boff, define: “A liturgia do tempo do Natal aplica ao Verbo encarnado as palavras que disse Baruc a respeito da Sabedoria, hipostasiada na Torá (cf. Br 3, 38): ‘Deus foi visto na terra, convivendo com os homens.’”²⁴³ Deus faz morada no meio dos homens e isso constitui uma de suas grandezas, pois, apesar de sua majestade, vem ao encontro do ser humano.

Boff continua: “Pode-se dizer perfeitamente o mesmo do Sentido encarnado em Cristo: o Sentido foi visto na terra, convivendo com os seres humanos.”²⁴⁴ O Sentido conviveu com os seres humanos, habitou²⁴⁵ no meio do seu povo mostrando-lhes o real sentido da existência e ao mesmo tempo para onde a humanidade deve caminhar.

²³⁹ GRILLO, Andrea. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. Coleção Vida e Liturgia da Igreja. Brasília, DF: Edições CNBB, 2017, p. 48.

²⁴⁰ Cf. Zubiri, Xavier. *Inteligência e realidade*. p. 32-47.

²⁴¹ Cf. Jo 4, 10.

²⁴² BOFF, Clodovis. *O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje* (parte crítico-analítica). São Paulo, SP: Paulus, 2014, p. 35. v. 1.

²⁴³ Idem, p. 62.

²⁴⁴ Ibidem.

²⁴⁵ Cf. Jo 1, 14.

É inegável que o anúncio da pessoa de Jesus e posteriormente sua conceituação (catequese) necessita de um agente motivador, de algo que desperte para esse desejo de aprofundar a fé. Os evangelhos relatam muitos encontros de Jesus ao longo de sua vida pública, dentre eles destacam-se o encontro com Zaqueu,²⁴⁶ com a mulher adúltera,²⁴⁷ com Bartimeu,²⁴⁸ com a hemorroíssa,²⁴⁹ com a Samaritana,²⁵⁰ com Nicodemos,²⁵¹ com a viúva de Naim.²⁵² Essa experiência foi fundamental para eles que tiveram a sua vida transformada após o encontro. Não foi um acesso pelos livros, não houve um discurso teológico, não houve uma definição dogmática, entretanto, houve um encontro entre duas pessoas.

Assim a fé brota de experiência com Jesus ressuscitado que causa um impacto tão grande na vida da pessoa, que segui-lo torna-se a única opção, tal como o exemplo de Paulo no caminho de Damasco.²⁵³ Forte, assim define:

A experiência pascal – objetiva e subjetiva, indissociavelmente – do encontro entre o Vivente e os seus finalmente se apresenta como uma experiência transformadora: dela se origina a missão, dela toma impulso o movimento que se dilatará até os extremos confins da terra. A exemplo de como foi para Paulo e para todas as testemunhas da fé em Cristo, não se anuncia senão aquele que se encontrou, do qual se fez e se faz experiência viva e transformadora.²⁵⁴

Forte enfatiza que não se anuncia aquele que não se encontrou, em outras palavras, não se pode falar daquele que não se conhece. Entretanto, o encontro não é mero passar por alguém, nesse caso específico simplesmente passar por Jesus. Nota-se que o encontro é tão transformador, que Paulo de perseguidor passa a ser o grande anunciador,²⁵⁵ o propagador da pessoa de Jesus, de seus ensinamentos e de sua mensagem. Forte continua:

É a experiência – hoje como então – de uma tripla ‘identidade na contradição’: entre o Cristo ressuscitado e o humilhado da cruz; entre os fugitivos da sexta-feira Santa e as testemunhas da Páscoa; entre as testemunhas do ressuscitado e aqueles que anunciam a palavra da vida, para que também eles sejam os mesmos e, ao mesmo tempo, não mais os mesmos, graças ao encontro que muda a vida. No Ressuscitado é reconhecido o Crucificado: este reconhecimento liga a suprema exaltação à suprema

²⁴⁶ Lc 19, 1-10.

²⁴⁷ Jo 8, 1-11.

²⁴⁸ Mc 10, 46-52.

²⁴⁹ Lc 8, 43-48.

²⁵⁰ Jo 4, 1-42.

²⁵¹ Jo 3, 1-21.

²⁵² Lc 7, 11-17.

²⁵³ At 9, 1-19.

²⁵⁴ FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*. São Paulo, SP: Loyola, 2018, p. 19.

²⁵⁵ Cf. Gl 1, 11-24.

vergonha, faz com que o medo dos discípulos se transforme em coragem e eles se tornem homens novos, capazes de amar a dignidade da vida recebida como dom mais que a própria vida, prontos, portanto, para o martírio. O seu anúncio – fruto de uma incontida superabundância do coração – atinge e transforma a vida de quem, recebendo – o crê, e, crendo, se abre para a nova vida ofertada em Jesus, Cristo e Senhor.²⁵⁶

O encontro transformação propicia tal mudança que o medo desaparece, ou pelo menos o encontrado recebe uma força e uma coragem para enfrentar as situações desafiadoras que possam surgir. Constata-se isso na vida dos apóstolos: Pedro nega conhecer Jesus,²⁵⁷ os apóstolos fugiram da cruz e abandonaram o Mestre, permanecendo apenas o discípulo amado,²⁵⁸ todavia, quando chegou a hora de cada um deles não tiveram medo de enfrentar cadeias,²⁵⁹ julgamentos²⁶⁰ e perseguições,²⁶¹ não temendo nem a sua própria morte, derramando o seu sangue em favor da fé.

O Senhor ressuscitado apareceu aos discípulos, é Ele quem toma a iniciativa de se revelar, Ele se apresenta.²⁶² Após o encontro os discípulos procuram entender a experiência que tiveram: os discípulos de Emaús sentem o coração arder, em seguida compreendem as Escrituras.²⁶³ Madalena olha para o túmulo vazio buscando entender e o Senhor a chama pelo nome.²⁶⁴ Somente depois de ter visto e colocado suas mãos na chaga do Ressuscitado, Tomé pôde proclamar “meu Senhor e meu Deus.”²⁶⁵

Nessa linha de reflexão se percebe que o encontro possibilita com que Cristo se torne alguém único na vida das pessoas as encorajando para o discipulado/missão. Isso fica caracterizado nas palavras do Documento de Aparecida:

O acontecimento de Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo que surge na história e a quem chamamos discípulos: ‘Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva’. Isso é justamente o que, com apresentações diferentes, todos os evangelhos nos têm conservado como sendo o início do cristianismo: um encontro de fé com a pessoa de Jesus (cf. Jo 1, 35-39).²⁶⁶

²⁵⁶ FORTE, Bruno. *A Transmissão da fé*. p. 19.

²⁵⁷ Cf. Jo. 18, 12-27.

²⁵⁸ Cf. Jo 18, 25-26.

²⁵⁹ Cf. At 12, 1-9.

²⁶⁰ Cf. At 4, 7-22.

²⁶¹ Cf. 1 Pd 3, 13-17.

²⁶² Cf. FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*. p. 18.

²⁶³ Lc 24, 13-35.

²⁶⁴ Jo 20, 11-18.

²⁶⁵ Jo 20, 24-29.

²⁶⁶ DAp, n. 243.

O encontro permite ao fiel ancorar a sua vida em alguém que se torna a rocha²⁶⁷ firme frente a sociedade líquida, fazendo com que a pessoa não se seja arrastada pelo turbilhão de propagandas e novidades que lhe são propostas. O encontro pode ser analisado também pelo prisma do pensador Zubiri, destacado por Bello:

O momento de impressão qualifica o ato de ‘sentir’ e o momento de realidade qualifica-o como um ato de ‘inteligir’, que consiste em apreender algo como real. Sentir e inteligir são dois momentos de algo uno: a apreensão de realidade. A intelecção é senciente, ou seja, sente a realidade, e o sentir é intelectivo. O ato de inteligir não é completo independentemente do ato de sentir. Ambos constituem um ato uno. O que há de ser oposto não é o sentir e o inteligir, mas o inteligir e o puro sentir animal. Há apenas um ato, com dois momentos: o momento senciente é ‘impressão’, o momento intelectivo é ‘de realidade’.²⁶⁸

Desse modo, os fiéis que participam das celebrações litúrgicas precisam nelas se encontrar com Jesus, ser impactados por essa experiência, e essa experiência (sentido) deve levá-los a querer conhecer mais, a aprofundar os conceitos, colocando-os numa marcha²⁶⁹ de busca constante sobre a Pessoa que encontraram, tal qual a mulher do Cântico dos Cânticos: “Em meu leito, pela noite, procurei o amado do meu coração. Procurei-o e não o encontrei! Levantar-me-ei, rondarei pela cidade, pelas ruas, pelas praças, procurando o amado da minha alma.”²⁷⁰

O encontro produz o desejo de querer conhecer mais, de buscar mais informações para melhor compreender. Dessa forma, a experiência não prescinde da conceitualização, ela não é algo ruim, que não deve ser levada em consideração, todavia, ela não pode ser colocada no lugar do encontro. Temendo cair nas garras do sentimentalismo, se rejeitou por completo o sentimento caindo nas amarras do racionalismo. Observa-se muitos leigos e leigas bem doutrinados, contudo, com pouca experiência com o Deus vivo e verdadeiro.

Essa talvez seja a razão da crise de fé e crise moral que se enfrenta atualmente, uma vez que há muitos cristãos e cristãs católicos frequentes nas assembleias dominicais que não se importam com as inúmeras pessoas que passam fome, frio, ou estão sem moradia. Pessoas que roubam, que matam e assassinam, todos os dias, mediante suas ações excludentes e marginalizantes, as mesmas que semanalmente, se não diariamente, comungam do Corpo de Cristo.

²⁶⁷ Cf. Mt 7, 24-27.

²⁶⁸ BELLO, Joathas Soares. *Deus, experiência do homem em Xavier Zubiri*. p. 20.

²⁶⁹ Cf. ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e razão*. São Paulo, SP: É realizações, 2011, p. 16.

²⁷⁰ Ct 3, 1-2.

Presentes fisicamente nos atos litúrgicos, não apreendem a realidade que ali se apresenta, não são impactados pela Palavra que ouvem, não fazem uma experiência com o Cristo Ressuscitado, não sentem o desejo de aprofundar seu conhecimento sobre Deus e justamente por isso permanecem na periferia da fé, com uma espiritualidade marginal e não poucas vezes errônea. É nesse aspecto que o encontro com Jesus Ressuscitado define o seguimento. Forte, afirma:

O encontro com o Ressuscitado nos interpela, pois, nas profundezas do coração, e nos chama a viver sempre de novo a paradoxal 'identidade da contradição, que brota do encontro com ele, e nos abre para o dom, que dele jorra para cada criatura, e que é o seu Espírito, que vence a morte e acende e alimenta em quem o acolhe a chama viva da fé.²⁷¹

A apreensão de realidade²⁷² possibilita sentir o Senhor e conseqüentemente leva a um aprofundamento da fé, despertando o desejo de buscá-lo cada dia mais, impulsionando a pessoa para saber mais sobre Deus. É esse sentir que põe em contato com uma nova realidade, que coloca em movimento num processo de conversão, impactando a vida, para sair de si mesmo e ir em direção d'Aquele que foi encontrado.

O Papa Francisco tratando da experiência do primeiro anúncio, apresenta a reflexão de um tema aplicado à catequese, mas que serve de base para pensarmos também a liturgia:

Não se deve pensar que, na catequese, o querigma é deixado de lado em favor de uma formação supostamente mais 'sólida'. Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo coração humano.²⁷³

Anunciar a solidez da mensagem e da pessoa de Jesus é o que melhor a Igreja pode fazer para não sucumbir frente as propostas da vida líquido moderna, haja vista que a liturgia é justamente o lugar desse encontro com a pessoa de Jesus. Forte, analisando o evangelho segundo Marcos, destaca:

Assim, o segundo evangelho não é, tudo somado, uma simples coletânea informativa: o itinerário proposto quer ser performático, isto é, de tal modo a induzir o ouvinte a decidir sobre a sua vida diante de Jesus, o Filho de Deus. Do encontro com essa narrativa não se sai ileso: quem faz uma leitura de fé, fica profundamente marcado. Nele, tudo nasce do amor de Deus que se revela e por quem o narrador foi tocado e transformado, e tem por escopo suscitar

²⁷¹ FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*. p. 24.

²⁷² Cf. ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e realidade*. p. 32-42.

²⁷³ EG, n. 165.

nos corações esse amor. A dedução é que na educação na fé tudo nasce do amor e tende ao amor.²⁷⁴

Em outras palavras, tudo nasce da apreensão de realidade, nasce desse sentir, a partir do momento em que se apreende algo como realidade. Essa apreensão faz com que o conceito seja mais bem aprofundado e compreendido, ganhando um novo significado. Forte define o Evangelho como o próprio Cristo: “A boa-nova a ser anunciada não é uma simples doutrina,²⁷⁵ mas uma pessoa, o Cristo: é ele, vivo no Espírito, o objeto da fé e o conteúdo do anúncio.”²⁷⁶ A liturgia precisa conduzir para esta experiência verdadeira com o Ressuscitado, para o encontro com a pessoa de Jesus que é muito mais que um conceito ou uma ideia abstrata.

Por essa razão tudo na liturgia deve levar a esse encontro: as flores ou o jardim, referência ao Éden,²⁷⁷ paraíso que se busca para descansar o coração atribulado; a porta que introduz no ambiente celebrativo, porta esta que é Cristo, que faz entrar e sair e encontrar pastagens²⁷⁸ seguras; o crucificado que apresenta o amor sem reservas, de um Deus enamorado do seu povo; a Palavra viva e eficaz²⁷⁹ que consola, orienta e corrige aquele que por vezes se desvia do caminho proposto; o altar, lugar do cordeiro imolado, do pão e do vinho (eucaristizados), alimento dos peregrinos cansados e fatigados.

No templo tudo fala d’Ele, d’Aquele que se Encarnou pela humanidade, padeceu e ressuscitou. A liturgia torna-se, portanto, o lugar privilegiado do encontro com o Ressuscitado, com Ele a comunidade se encontra, escuta-o e por Ele é alimentada. Ao fazer a experiência, brota o desejo de conhecê-lo mais e melhor, e assim uma catequese de inspiração mistagógica pode ajudar a aprofundar essa experiência fundamental.

3.2. Mistagogia: caminho de aprofundamento da celebração litúrgica

A palavra mistagogia do grego *mistagogein* é a realização de ação sagrada, sendo o objeto da mistagogia o evento de salvação, desse modo, a mistagogia deve conduzir as pessoas para adentrar o mistério que a partir do rito é celebrado e inicia na fé. Cardita define: “A iniciação liga-se a uma forma de conceber o sagrado, mas

²⁷⁴ FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*. p. 49.

²⁷⁵ Cf. GRILLO, Andrea. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. p. 44.

²⁷⁶ Idem, p. 32.

²⁷⁷ Gn 2, 8.

²⁷⁸ Jo 10, 9.

²⁷⁹ Hb 4, 12.

também, principalmente, uma experiência que consiste em participar do sagrado.”²⁸⁰ O ser humano não é meramente expectador passivo que assiste a tudo sem tomar parte, não é alguém que simplesmente olha do televisor, do *notebook* ou *tablet*, pelo contrário, o ser humano é alguém participante da ação sagrada. Não sucumbir à liquidez da modernidade em âmbito litúrgico é tomar parte na celebração litúrgica permitindo que o mistério possua aqueles que ali se encontram.

A participação ativa dos fiéis desejada pela *Sacrosanctum Concilium*, consiste nesse penetrar o mistério daquilo que é apresentado em cada ação litúrgica, deixar-se absorver, ser tomado pelo mistério. Cola é enfático ao afirmar que a participação ativa é dom do Espírito Santo, mas requer a correspondência humana à graça:

Qualquer expediente pastoral em vista de promover a participação da assembleia, não poderá desconhecer este princípio fundamental: ‘a participação litúrgica, antes ainda de ser uma conquista, sempre necessária e indispensável da parte dos fiéis que formam a assembleia, é um dom do Espírito Santo, dom que encontra sua fonte no sacerdócio comum dos fiéis 351’. Ela deita raízes não no fator litúrgico, exclusivamente. Mas decorre da maneira como cada fiel é associado ao corpo de Cristo pela iniciação cristã, de como consegue corresponder à graça sacerdotal recebida pelo batismo e de que forma sente seu ser cristão como resposta à convocação do Pai, pelo Filho, no Espírito.²⁸¹

A participação ativa consiste numa disposição interior daqueles que tomam parte da celebração litúrgica, pois é justamente essa participação que permite sentir e experienciar o mistério e a grandeza de Deus. Somente aberto aos apelos do Espírito, mantendo-se inteiro durante a execução dos ritos litúrgicos sacramentais é que os fiéis conseguirão dialogar com a cultura líquido moderno.

Vale ressaltar que sentir não significa desenvolver um sentimentalismo efêmero e fugaz, multiplicando gestos eufóricos, gritos, lágrimas e demais ações que beiram a histeria. Sentir é nesse âmbito fazer uma experiência profunda, é deixar-se penetrar pela paz, pela alegria, pela serenidade que a presença divina proporciona. Para não sucumbir ao sentimentalismo muito presente nas novas assembleias, faz-se necessário uma adequada formação litúrgica. Beckhäser assim argumenta:

²⁸⁰ CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. *Reforma litúrgica para quê? Revisitando a Sacrosanctum Concilium*. p. 46.

²⁸¹ COLA, Gustavo Correa. *A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação: teologia da assembleia litúrgica*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2013, p. 136. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22398/22398.PDF> Acesso em: 02 mar. 2017.

Isso significa que deverão ser iniciados nos mistérios celebrados para saberem realmente o que estão celebrando, bem como na linguagem simbólica da Sagrada Liturgia, ou seja, na compreensão dos ritos sagrados. Desta forma, a ação litúrgica será expressão da comunhão pessoal com o mistério, com o divino, com o próprio Deus. Tudo se torna oração pessoal de comunhão com Deus, por Cristo e em Cristo. Tal formação litúrgica integral deve tomar em consideração a idade, a condição, o gênero de vida e grau de cultura religiosa das pessoas e dos grupos. No desempenho dessa função de dispensadores fiéis dos mistérios de Deus, os pastores devem conduzir o seu rebanho não só pela palavra, mas também pelo exemplo.²⁸²

Impactados pelo mistério e tendo feito a experiência com o crucificado-ressuscitado, os fiéis precisam agora ser formados, educados liturgicamente para melhor compreenderem aquilo que estão celebrando, precisam ser formados litúrgica e teologicamente. Nesse sentido, o Papa Francisco propõe resgatar o uso dos sinais litúrgicos que são um caminho para um aprendizado seguro da fé que se celebra.²⁸³

Como educador na fé o papa exorta as comunidades, a partir do seu contexto histórico social, a fazerem uso dos sinais que nos comunicam Deus, pois esse método aplicado à liturgia assegura que o conhecimento não seja meramente doutrinal ou conceitual. As catequeses de inspiração mistagógicas são o caminho para se descobrir uma autêntica liturgia, onde nasce uma espiritualidade litúrgica, que contribui para um aprofundamento do caminho espiritual.

Percebendo a urgência de levar os fiéis a um aprofundamento da fé celebrada, o Concílio Vaticano II colocou a Igreja numa perspectiva de volta às fontes, propondo um retorno aos primeiros séculos do cristianismo, para nele encontrar caminhos e métodos para dialogar com o mundo atual.

Parece contraditório visitar o passado para agir no presente, entretanto, a história nos revela que a Igreja primitiva possuía no seu modo de agir uma força de atração tal, que convertia a muitos²⁸⁴ e os tornava decididos radicalmente pela causa do Reino, a ponto de morrer pela fé, se preciso fosse, os muitos mártires da história dão prova disso. Os séculos passaram e a força de atração por alguma razão parece ter diminuído, a Igreja faz uma transposição entre a experiência fundante (querigma), para a doutrinação e a sacramentalização.²⁸⁵

²⁸² BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosantum Concilium*: texto e comentário. São Paulo, SP: Paulinas, 2012, p. 41.

²⁸³ Cf. EG 166.

²⁸⁴ Cf. At 2, 37-41.

²⁸⁵ Cf. LIMA, Luiz Alvez de. *A catequese do Vaticano II aos dias atuais*: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo: Paulus, 2016, p. 19-47.

Invertendo o itinerário batismal catequético do tempo da perseguição e apostando mais nos manuais conceituais produzidos ao longo da sistematização da fé, a Igreja foi pouco a pouco se tornando mais conceitual e menos experiencial. Lima, retrata esse movimento da Igreja de ir aos poucos tornando-se mais conceitual:

Logo a sociedade tornou-se cristã, e numa sociedade em que as pessoas já nascem cristã o catecumenato não se faz mais necessário. Generaliza-se o Batismo de crianças, o que não existe no Novo Testamento. Mas a Igreja, com a reviravolta havida, generalizou essa prática (séc. V), substituindo o catecumenato. Essa instituição foi desaparecendo pouco a pouco até o séc. VIII. O rito do Batismo de adultos é adaptado às crianças, sendo que pais e padrinhos respondem às perguntas que o catecúmeno devia responder [...] Desaparecendo o catecumenato desaparece a instituição catequética, sobretudo da catequese como grande momento do catecumenato, e que na verdade chegou até as portas do Vaticano II, é sua dimensão doutrinal, intelectual, noética.²⁸⁶

A substituição do catecumenato, sem tirar o mérito e sem excluir os motivos históricos e teológicos para tal, trouxe também várias dificuldades e sérias consequências, observadas atualmente. A falta de adesão a Cristo e ao seu projeto salvífico, a oscilação entre manter-se na Igreja e não mais frequentá-la, a relação mágica que muitos mantêm com a fé, são apenas alguns exemplos de falta de uma formação sólida, que parte primeiramente do encontro com Cristo Jesus. O Diretório Nacional de Catequese destaca:

No início do cristianismo, a catequese era o período em que se estruturava a conversão. Os já evangelizados eram iniciados no mistério da Salvação e em um estilo evangélico de ser: experiência de vida cristã, ensinamento sistematizado, mudança de vida, crescimento na comunidade, constância na oração, alegre celebração da fé e engajamento missionário. Esse longo processo de iniciação chamado catecumenato, se concluía com a imersão no mistério pascal através dos três grandes sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia. A catequese estava, pois, a serviço da iniciação cristã.²⁸⁷

A catequese a serviço da iniciação cristã nos mostra que havia uma experiência primeira de fé, em que a pessoa que era inscrita no caminho catecumenal, havia sentido Deus em algum momento da sua caminhada e ao ser inserida na comunidade dos batizados recebia dela instrução para amadurecer e aprofundar sua experiência na vida litúrgico-sacramental. O acesso aos sacramentos da iniciação cristã possibilitava uma vivência maior da fé pascal, a escuta da Palavra de Deus nas liturgias dominicais, a experiência nas liturgias repletas de simbolismos e significados, trazia à tona uma

²⁸⁶ LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos dias atuais: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação cristã*. p. 31.

²⁸⁷ CNBB. Doc. 84, n. 35.

realidade diferente da experiência cotidiana, ao mesmo tempo em que era o momento para se reabastecer espiritualmente para continuar a caminhada.

A experiência dos Santos Padres mostra que as liturgias precisam recuperar a sua dimensão mistagógica, haja vista que o método aplicado pelos santos Padres, Ambrósio de Milão,²⁸⁸ Cirilo de Alexandria,²⁸⁹ Gregório de Nissa,²⁹⁰ entre outros, cuja eficácia não se questiona, desponta como paradigma para a transmissão atual da fé e a vivência correta das celebrações litúrgicas. É preciso também uma liturgia de inspiração mistagógica, uma liturgia mais celebrativa, mais orante, mais vivencial, portanto, uma liturgia que conduz para o mistério.²⁹¹

Na esfera de uma liturgia de inspiração mistagógica, se requer uma valorização dos símbolos, dos sinais, uma liturgia que conduza as pessoas a sentirem e a fazerem em suas vidas a experiência da fé.²⁹² Com o auxílio dos ritos e símbolos que podem ser melhor enfatizados, é possível despertá-las para a realidade da liturgia, apresentada nas celebrações, nos gestos e sinais sagrados. Somente superando a supremacia dos livros, é que o sentir poderá vir à tona, pois a liturgia extrapola qualquer conceito de aula, palestra, seminário, contudo, a liturgia é um aprofundamento de uma experiência pessoal que leva a aderir a fé e a seguir Jesus Cristo. Lima, enfatiza que através da mistagogia o ser humano entra em contato com o mistério pascal:

Entretanto, o significado de mistagogia ampliou-se para denominar toda a transmissão da fé, sobretudo, o mistério Pascal, que se faz não por demonstração racional ou doutrinal, mas através dos símbolos, em especial os litúrgicos, através dos ritos e celebrações ou da arte. A pessoa, através das ações litúrgicas que atualizam os gestos salvadores de Cristo Jesus, presente em sua Igreja pelo Espírito Santo, entra em contato também ‘mística e simbolicamente (sacramentalmente)’ com a ação salvadora de Deus. A mistagogia promove, de certo modo, a unidade entre anúncio da Palavra, a celebração do Sacramento e a vivência da fé.²⁹³

A liturgia é essa ação sagrada que coloca os que dela participam, em contato com a ação salvadora de Deus, nesse ínterim, o toque, o cheiro, o paladar, entre outros

²⁸⁸ Cf. AMBRÓSIO DE MILÃO. In. *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 599-649.

²⁸⁹ Cf. CIRILO DE ALEXANDRIA. In. *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. p. 1165-1180.

²⁹⁰ Cf. GREGÓRIO DE NISSA. In. *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. p. 588-598.

²⁹¹ Cf. TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgicos-teológicos sobre a eucaristia*. p. 35.

²⁹² Cf. Idem, p. 34.

²⁹³ LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. p. 102.

sentidos são imprescindíveis para a vivência litúrgica.²⁹⁴ As celebrações rituais repletas de reverências com o corpo, uso de incensos, água, pão e vinho consagrados, unção com óleo, alianças, imposição das mãos, entre outros, são elementos²⁹⁵ que ajudam a sentir a presença do eterno que deve tocar a todos os que dela participam. Borobio, enfatiza a importância dos sentidos para bem participar das celebrações:

Por isso, a estética, tal como a liturgia, afeta de modo especial todos os sentidos: é sensitiva e sensorial: a visão, a audição, o paladar, o olfato, o tato. Isso é o que exige, na liturgia, a presença dos diversos elementos criaturais e cósmicos de que se serve: água, luz, óleo, pão e vinho, elementos florais, incenso etc. Em todos os sinais e símbolos se manifesta certa linguagem ‘cósmica’, porque os materiais de que são feitos e sua forma externa nos falam da criação de Deus, da criatividade humana. A linguagem da matéria – pedra, madeira, plantas, flores –, em expressão artística, é eloquente em si mesma. Nela se manifesta o ‘esplendor da verdade’ (Platão), o ‘esplendor da ordem’ (santo Agostinho), a relação do belo e do bom, a dimensão transcendental da beleza. E isso é o que está implicado nos ritos, gestos, sinais e símbolos da liturgia, pelos quais se suscitam os sentidos, a comunicação, a contemplação. Frente a um racionalismo imperante, propõe-se nos o sensitivo evocativo. Tudo isso tem uma finalidade primordial na liturgia: alimentar a fé e conduzir-nos a uma participação e a uma experiência do mistério.²⁹⁶

Os gestos rituais e os sinais presentes na liturgia visam alimentar a fé, favorecer o encontro com Deus e se perceber como criatura na obra da criação e redenção. Os símbolos evocam no presente algo que transcende o ser humano, ultrapassa o passado e projeta para o futuro aqueles que participam da celebração litúrgica.²⁹⁷ Buyst, recorda a experiência comunicada em cada celebração litúrgica, descreve:

Tomemos o exemplo do círio, aceso na Vigília Pascal. O significado primeiro, imediato, é: a luz brilha nas trevas, acaba com a escuridão, afasta o medo. Este significado vem como que automaticamente; não é preciso pensar. O nosso organismo nos informa e faz aflorar este significado. É importante notar a dimensão subjetiva, muito pessoal, desta consciência: sou eu que tomo consciência; sou eu que percebo determinado significado, baseado em minhas experiências anteriores e outros fatores talvez. Por isso, nem todos experimentamos as coisas da mesma maneira. O segundo significado, próprio da liturgia cristã, é um significado simbólico, objetivo, adquirido pela catequese, pela cultura religiosa, pelo estudo das Escrituras Sagradas, pela tradição.²⁹⁸

Nota-se assim que o fiel ao participar da celebração litúrgica, encontra nos ritos ali realizados sinais que o remetem para outras experiências por ele já vividas e que o

²⁹⁴ Cf. GRILLO, Andrea. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. p. 58.

²⁹⁵ Cf. BUYST, Ione. *Sinais e símbolos*. In. *A celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. Manual de Liturgia. São Paulo, SP: Paulus, 2015, p. 233-274. v.2.

²⁹⁶ BOROBIO, Dionísio. *Dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para celebração*. São Paulo, SP: Paulus, 2010, p. 16.

²⁹⁷ Cf. GRILLO, Andrea. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. p. 47.

²⁹⁸ BUYST, Ione. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. p. 88.

levam a compreender o rito quase que instantaneamente. Poderia se fazer aqui a mesma ponte entre o “eu creio” e o “nós cremos”, apresentado no pensamento de Ratzinger²⁹⁹ que exemplificou: “eu creio” é a dimensão pessoal, privada, subjetiva da experiência com Deus, “nós cremos” é a fé da Igreja que convida a conceituar essa experiência de Deus que a pessoa teve, de modo que uma não contradiz a outra, elas se completam.

Na liturgia acontece a mesma coisa, o “eu creio”, se dá na medida em que aquela pessoa que das celebrações participa, sente e compreende tais gestos ali presenciados e faz ligação com experiências já vividas anteriormente. O “nós cremos” da liturgia se dá justamente naquilo que a Igreja por meio da formação transmite, porque a experiência pessoal, não pode estar em conflito ou até mesmo ser contrária aquilo que ensina a Igreja. Dessa forma, uma não contradiz a outra, todavia, se completam na medida em que ambas conduzem para Deus.

Boff explica a relação dos sacramentos com as situações da vida cotidiana, fazendo uma alegoria que analisa a compreensão dos sacramentos sob a ótica dos acontecimentos diários, que justamente por serem marcantes e sensíveis, se tornam sinais sacramentais, destaca:

Há uma caneca de alumínio. Daquele antigo, bom e brilhante. O cabo é roto. Mas lhe confere um ar de antiguidade. Nela beberam os 11 filhos de pequenos a grandes. Ela acompanhou a família nas muitas mudanças. [...] Sempre que se bebe nela não se bebe água. Mas o frescor, a doçura, a familiaridade, a história familiar, a reminiscência da criança sôfrega que sacia a sede. Pode ser qualquer água. Nesta caneca, ela é sempre fresca e boa. Na casa todos que matam a sede bebem desta caneca. Como num rito todos exclamam: Como é bom beber desta caneca! Como a água aqui é boa! E trata-se da água que, pelos jornais, vem mal tratada. Vem do rio imundo da cidade. Cheia de cloro. Mas por causa da caneca a água se torna boa, saudável, fresca e doce. [...] Essa é a visão interior da caneca. Foi o relacionamento havido com ela que a fez ser um sacramento familiar. [...] Ela deixa de ser coisa para se transformar num símbolo e num sinal que me e-voca, pro-voca e com-voca para situações, reminiscências e o sentido que ela encarna e expressa. Sacramento significa exatamente essa realidade do mundo que, sem deixar o mundo, fala de um outro mundo, o mundo humano das vivências profundas, dos valores inquestionáveis e do sentido plenificador da vida. Compreender este pensar é abrir-se para a acolhida dos sacramentos da fé. [...] O sacramento modifica o mundo: a água pode ser qualquer água. Mas desde que foi servida e sorvida na caneca-sacramento, para aquele que entende e vive a visão interior das coisas, ela é doce, saudável, fresca e boa. Comunica vida. Fala do mistério que mora nas coisas.³⁰⁰

A alegoria de Boff ajuda a ilustrar como os sacramentos precisam ser vividos cotidianamente. A caneca por ele apresentada é algo da vida familiar, simples e sem

²⁹⁹ Cf. RATZINGER, Joseph. *O novo povo de Deus*. p. 258-262.

³⁰⁰ BOFF, Leonardo. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: mínima sacramentalia*. p. 16.

valor para aqueles que não entendem, que não experimentaram, que não estão absorvidos por aquele sinal, contudo, é repleta de significados para aqueles que com ela fizeram experiência.

Partindo da alegoria da caneca é possível fazer alusão a tantos outros elementos presentes na vida diária e que por evocar coisas do passado e ao mesmo tempo apontar para um futuro tornaram-se importantes. Algum objeto que pertenceu a alguém muito amado, uma receita ensinada por uma pessoa querida, uma história contada a gerações. Para quem não está “iniciado”, algo sem sentido, entretanto, para aqueles que fizeram a experiência o objeto torna-se sinal de algo maior.

Quem toma lugar na celebração litúrgica traz consigo as experiências acumuladas ao longo da vida, que serão depositadas no altar da vida da comunidade.³⁰¹ Na assembleia litúrgica ele é impactado pelo mistério que a todos envolve e os gestos ali apresentados ganham sentido e passam a fazer parte da sua vida. Se o fiel realmente fizer a experiência de Deus na liturgia, ele buscará aprofundar aquela experiência não permanecendo na superficialidade da fé, mas desejará conhecer mais.

Percebe-se assim a urgência em resgatar a experiência mistagógica nas assembleias litúrgicas, experiência essa que passando pelos sentidos será aprofundada na catequese. Por isso, é necessário redescobrir a eficácia da catequese batismal como fonte para perceber o quão fundamental é essa relação entre liturgia e catequese para que a cultura do mundo líquido moderno não absorva as pessoas a ponto de ficarem confusas com relação à fé, fazendo um amálgama de crenças e misticismos que podem levá-los a um desvio da fé autêntica. Assim o Documento 107 da CNBB, recorda:

O Concílio Vaticano II impulsionou uma revisão teológica e pastoral da Iniciação à Vida Cristã. Seu processo precisa levar em conta as necessidades de um novo tempo. Por isso, é preciso garantir o resgate adaptado do catecumenato. A ênfase deve ser colocada mais no espírito ‘catecumenal’ do que em um esquema formal. Tal resgate do espírito catecumenal implica o compromisso de reatar a parceria e a união entre liturgia e catequese que, ao longo de séculos, ficaram comprometidas. É preciso redescobrir a liturgia como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo.³⁰²

Na linha de reflexão do excerto acima, conta-se que o ato de celebrar educa na fé possibilitando a compreensão do mistério, sendo urgente superar a dicotomia entre liturgia e catequese que ao longo do tempo foi se construindo como uma barreira entre

³⁰¹ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num corpo só: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2014, p. 566.

³⁰² CNBB, Doc. 107, n. 74.

as duas vias para formar o discipulado de Jesus. A liturgia é o momento augusto da celebração que nos proporciona o verdadeiro sentir da Igreja, a realidade litúrgica se apresenta e leva a sentir e inteligir o dado que posteriormente será estudado e aprofundado.³⁰³ Bogaz retrata a questão de uma liturgia saudável, onde toda a comunidade é celebrante, mas isso requer uma formação litúrgica sólida para os seus membros:

Somente a formação litúrgica, tocando os elementos da antropologia, da cultura, da religiosidade e da eclesialidade podem promover liturgias saudáveis, transformadoras e eficazes. Fez-se urgente criar novos elementos e transformar a celebração num ato vivo e profundo da comunidade celebrante. Na caminhada, então, faz-se necessário reintegrar esses ritos à tradição e às normas básicas, sem negar as conquistas das comunidades e muito menos desabar num conservadorismo crítico, que se serve desses desvios da espontaneidade e da inculturação para reimprimir às celebrações o clericalismo de séculos passados. Toda verdadeira celebração cristã integra a tradição das comunidades, suas raízes históricas, os elementos culturais, as faces da modernidade, na fisionomia eclesial dos fiéis em assembleia.³⁰⁴

Frente a tantos desafios da sociedade líquida as celebrações litúrgicas despontam como “escola da fé” para aqueles que não querem ver sua fé vendida como mercadoria ou mesmo ser descartada. A liturgia oferece uma riqueza de elementos e símbolos que ajudam a mergulhar no mistério da fé e sentir em profundidade, por essa razão, não é apenas a catequese que pode ser de inspiração mistagógica, também as celebrações litúrgicas precisam ser. Mondoni enfatiza que as celebrações litúrgicas têm como função fazer compreender o mistério de Cristo:

A liturgia não é a ocasião de apresentar uma ideia à atenção dos participantes, ou para oferecer-lhes um exemplo moralizante, mas é o momento apropriado para entrar em contato com o mistério salvífico de Deus, o mistério de Cristo, chamado a transformar nossa vida. A mistagogia é um ensino ordenado a fazer compreender que os sacramentos significam para a vida. O método mistagógico utilizado pelos Padres da Igreja identifica três elementos: (1) valorização dos sinais da liturgia; (2) interpretação dos ritos à luz da Escritura, na perspectiva da história da salvação; (3) a abertura ao empenho cristão e eclesial, expressão da vida nova em Cristo. As celebrações litúrgicas tendem a fazer compreender e a fazer viver sempre mais plenamente o mistério de Cristo tornado atual pelos sacramentos. Daí a dimensão mística da espiritualidade litúrgica: atualização do mistério celebrado na vida do cristão.³⁰⁵

³⁰³ Cf. AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Abordagens filosóficas sobre Deus*. In. Teocomunicação. v. 47, n. 2, jul./dez. 2017, p. 111-124. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/ojs/index.php/teo/article/view/26858> Acesso em: abr. 2017.

³⁰⁴ BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique. *Liturgia no Vaticano II: novos tempos da celebração cristã*. São Paulo, SP: Paulus, 2014, p. 114.

³⁰⁵ MONDONI, Danilo. *História e teologia da espiritualidade*. p. 140.

Os três elementos apresentados pelo autor constituem a via para uma liturgia mistagógica, pois essa deve valorizar os sinais de cada rito, interpretando-os à luz da Palavra de Deus e ao mesmo tempo convidando para a conversão que cada celebração requer. Na liturgia se propicia o acesso ao projeto de salvação de Deus que não é apenas manifestação, mas também transformação. Nos sacramentos, nos ritos, na Palavra se atualiza o mistério que atinge o ser humano por inteiro e o faz participante da vida divina, dessa forma a liturgia como escola de formação dos discípulos missionários precisa propiciar que as celebrações realizem o que significam.

Uma liturgia por deveras racional, um discurso distante e inacessível, uma celebração apressada ou mal preparada, não constituem um caminho de aprofundamento da fé e não possibilitam o encontro com o Deus que quer criar relação. A superficialidade com que muitas vezes se celebra, o desleixo, a falta de preparação de alguns ministros e agentes deprecia a ação litúrgico celebrativa.

Por não compreender a verdadeira grandeza da liturgia, muitas vezes se busca no tradicionalismo uma fuga, ou uma busca por um modelo de Igreja que não existe mais. O medo do líquido conduz a um retorno a gestos passados que, todavia, não respondem mais, uma vez que os tempos são outros. Algumas pessoas atualmente possuem dificuldade de experienciar e compreender a liturgia que celebram, tendendo a um formalismo ou a um triunfalismo. Boselli, trata desse saudosismo do passado, de quem nem mesmo o viveu, assim destaca:

Como consequência direta da perda da transmissão do verdadeiro sentido da liturgia às gerações mais novas, os bispos italianos perceberam ‘certo tédio’ em nossas liturgias. Um tédio real, que se manifesta numa espécie de rotina, de um fazer pelo fazer, quanto muito, sem convicção e paixão. A primeira reação ao tédio, um mal vivido precisamente pelos mais jovens, é, no parecer dos bispos, ‘a tentação de voltar a velhos formalismos’ que, olhando bem, a reforma litúrgica, desejada pelo Concílio Vaticano II, quis superar. Frequentemente os jovens, e entre eles os que têm mais interesse e paixão pela liturgia (em particular os seminaristas e noviços), parecem ter nostalgia de um passado que, na realidade, eles nem conhecem, pela simples razão que jamais viveram.³⁰⁶

Boselli dá ênfase ao fazer pelo fazer e assim se observa que um dos grandes perigos para os dias atuais é a desmotivação dos ministros que presidem a assembleia litúrgica e a indiferença dos demais que auxiliam. O fato de muitas vezes estarem diante da assembleia por obrigação ou como funcionários do sagrado, esvazia o alcance da celebração, não permitindo aos fiéis uma celebração que manifesta verdadeiramente a

³⁰⁶ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. p. 189.

presença de Deus. O imaginário de um outro modelo eclesial supostamente mais atrativo, faz com que muitos queiram um retorno a uma forma de celebração e de Igreja anterior ao Vaticano II como se essa fosse a única capaz de livrar das dificuldades de adentar o mistério celebrado. Boselli continua:

Eles têm nostalgia daquela liturgia que seus pais e suas mães, nos anos de mocidade, viveram, frequentemente de modo sofrido, porque falava uma língua a eles incompreensível, distante de suas expectativas e de suas exigências. Uma liturgia que, com o advento da reforma litúrgica conciliar, aclamaram sem o mínimo arrependimento. A tentação de voltar a velhos formalismos aparece como sinal não só de que alguma coisa fundamental talvez tenha faltado na transmissão e na recepção da reforma litúrgica conciliar, mas sobretudo de alguma coisa que hoje dificulta o modo de viver, celebrar e compreender a liturgia. Se a liturgia não é corretamente vivida, celebrada e compreendida, também a vida é de alguma maneira danificada e prejudicada.³⁰⁷

A incompreensão da natureza e missão da liturgia, somado a cultura da sociedade líquida, é danosa para a celebração do Mistério Pascal, pois se a liturgia determina a espiritualidade e, portanto, o modo de atuar no mundo, a compreensão errônea da liturgia também trará prejuízos ao modo como a comunidade celebrativa experimentará a Deus no concreto da vida. Seu modo de agir poderá ser enrijecido e enfraquecido a partir de um modelo eclesial não mais necessário. Nesse aspecto, Bogaz apresenta a grande contribuição do Vaticano II restaurando o sentido de pertença à comunidade na dimensão litúrgico-celebrativa, argumenta:

Partindo da busca por uma nova eclesiologia, a ação litúrgica deve refletir a transformação da imagem da Igreja, que seguia a visão sacramental da tradição tridentina. A noção sacramentária e litúrgica de causalidade, relacionada entre a ação simbólica e a graça divina, não é eliminada, mas os padres conciliares resgatam dimensões da tradição para os ritos. Além da relação de “causa-efeito”, propiciado do *‘ex-opere operato’*, resgata-se a força da comunidade eclesial, que valoriza a fecundidade sacramental. Para além da validade sacramental, como condição de pertencimento à Igreja, valoriza-se ainda a integração na comunidade e vivência coerente com as promessas batismais. Aos poucos, foram superadas as regras como causalidade eficiente da vida litúrgica e sacramental, tão presente nos séculos anteriores. Seguiu-se que toda evangelização e formação litúrgica deveriam aprofundar a fecundidade dos ritos, não pela sua eficiência rubricista, mas pelo envolvimento pessoal. Dá-se uma maior abertura à espontaneidade e à acolhida da dimensão espiritual das celebrações.³⁰⁸

Em tempos de liquidez, urge aprender do Vaticano II o senso de pertença à comunidade dos batizados, a importância da integração com a mesma e a vivência das

³⁰⁷ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. p. 189.

³⁰⁸ BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique. *Liturgia no Vaticano II: novos tempos da celebração cristã*. p. 81.

promessas batismais.³⁰⁹ Celebrar a liturgia é recordar o pertencimento à uma família maior não nascida do sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus mesmo.³¹⁰ Uma família unida pelo amor de Cristo que com seu sangue resgatou a família humana,³¹¹ de acordo com o Papa Francisco uma família de famílias.³¹²

Participar da ação sagrada é, portanto, tomar parte junto ao corpo dos que foram salvos, Corpo esse que assegura estabilidade e solidez. O Corpo de Cristo que é a Igreja,³¹³ bem definido por São Paulo Apóstolo, é porto seguro onde ancorar o leme da vida, tão agitada, líquida e controversa. A comunidade corpo do ressuscitado, que composta de vários membros,³¹⁴ estende seus ramos pelo mundo inteiro,³¹⁵ é o sinal indicativo de uma fortaleza para não sucumbir frente a sociedade híbrida que desafia a fé, pois a comunidade permanece como algo sólido para a vivência da fé tantas vezes espetacularizada.

A nostalgia e a saudade de alguns que frequentam as celebrações litúrgicas atuais, e que não celebraram os ritos antes do Vaticano II, só colabora para um fechamento e um ensimesmamento³¹⁶ que não tem espaço numa Igreja sinodal, como indica o Papa Francisco, pois é chegada a hora de todos os membros da Igreja fazerem esse caminho juntos,³¹⁷ caminho de experiência de Deus e de atenção aos irmãos. A Igreja é comunidade, ela não é propriedade pessoal ou individual de ninguém, Cola, destaca que embora a comunidade seja marcada por fragilidades é nessa comunidade que Deus se manifesta:

Na variedade e complexidade que caracterizam o cenário contemporâneo, percebem-se também algumas tendências à rejeição da realidade humana e concreta que dá forma à assembleia cultural cristã, na busca de refúgio em ideais espiritualistas e sacrais, inspirados pelo passado. Provavelmente, trata-se da reação ao excessivo imanentismo que pode ter marcado a linguagem

³⁰⁹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Ritual do Batismo de crianças*. São Paulo, SP: Paulus, 2013, p. 46.

³¹⁰ Cf. Jo 1, 13.

³¹¹ Cf. Ef 2, 16.

³¹² Cf. AL, n. 87.

³¹³ Cf. CIC 787-796.

³¹⁴ Cf. 1 Cor 12, 12.

³¹⁵ Cf. Mt 13, 31-32.

³¹⁶ Cf. FRANCISCO. *Discurso do papa para os participantes na Assembleia Plenária da Sagrada Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos*. Sala Paulo VI, Roma, fev, 2019. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190214_cong-culto-divino.html Acesso em 15 de mar. 2019.

³¹⁷ Cf. FRANCISCO. *Discurso de abertura da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*. Auditório do Sínodo, Roma, out, 2018. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html. Acesso em: 15 de jan. 2018.

litúrgica e a organização das assembleias celebrativas em muitos lugares nos anos pós-conciliares. Acentua-se, assim, com veemência, a sacralidade da ação litúrgica. Sem dúvida, o protagonista de cada celebração litúrgica é Cristo, através do Espírito, mas na realidade teândrica de seu corpo eclesial. O fato assembleal é sinal de um mistério eterno, sacramental e salvífico, mas encarnado. A assembleia não pode ser considerada apesar de seu acontecer, em nome de idealizações espiritualistas, puristas e saudosistas. Ela precisa ser apreciada naquilo que é: fato humano suscitado e visitado pela graça de Deus. Por isso mesmo, a assembleia corresponde a uma realidade sempre sujeita à conversão e ao crescimento. Cabe-lhe, então, conviver serena, mas diligentemente, à luz da fé, tanto com as limitações do fator humano, como com as possibilidades de sua mais alta vocação à comunhão trinitária.³¹⁸

A comunidade, corpo do ressuscitado, não é composta de pessoas perfeitas, é santa porque Cristo é santo e é a cabeça da Igreja,³¹⁹ contudo, seus membros são pecadores em via de santificação, conforme ensina o Catecismo da Igreja Católica: “A Igreja reúne, portanto, pecadores alcançados pela salvação de Cristo, mas ainda em via de santificação.”³²⁰ Justamente no seio da vida da comunidade o Senhor se manifesta para curar essa humanidade machucada e ferida pelo consumismo, pelo individualismo ou subjetivismo, pelos relacionamentos frágeis, pelas relações que findaram. Desejar que os membros dessa Igreja sejam puros, é negar a humanidade que existe a partir de cada um e uma afronta à Encarnação do Verbo.³²¹

Tratando do saudosismo de muitos acerca do pré-Concílio Vaticano II, Boselli faz uma ressalva verdadeira e questionadora, pois se a liturgia atual não atraí para Cristo, não leva os fiéis a uma interiorização, nem a uma conversão, é porque algo da celebração litúrgica está destoando, segundo o autor:

Desejar o passado é próprio de quem está insatisfeito com o hoje, de quem recebe do atual modo de celebrar pouco ou nada por sua fé. Talvez tenham sido renovados os ritos, mas o modo de viver e de compreender a liturgia permaneceu aquele do pré-concílio. Assim se poderia aplicar à liturgia um conhecido dito da tradição rabínica: ‘Para Deus foi mais fácil fazer sair os judeus do Egito que o Egito dos judeus.’³²²

A insatisfação com a liturgia atual deve-se muito ao despreparo de muitos daqueles que presidem as celebrações, incapacidade nem sempre intelectual, pois na sua maioria são dotados de conhecimento, contudo, pouco hábeis para adentrar os mistérios ou conduzir outros a fazê-lo. Urge, restaurar o sentido espiritual, educando para a mistagogia, redescobrimo o papel da presidência da celebração, para fazer com que a

³¹⁸ COLA, Gustavo Correa. *A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação: teologia da assembleia litúrgica*. p. 141.

³¹⁹ Cf. Cl 1, 18.

³²⁰ CIC, n. 827.

³²¹ Jo 1, 14.

³²² BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. p. 189.

assembleia como um todo seja celebrativa.³²³ Mas a insatisfação se dá também no âmbito da não compreensão da liturgia a partir das intuições da *Sacrosanctum Concilium*, que não quis banalizar a liturgia, todavia, procurou restaurar sua forma plena.

Quando se adentra o mistério, se compreende a grandeza da liturgia e o fiel então se afasta das ciladas do clericalismo, do tradicionalismo e do reducionismo das ações litúrgicas, para que absorvidos pelos mistérios, consiga aquela participação ativa, plena e consciente almejada pelo Concílio Vaticano II.³²⁴ A mistagogia ajudará a combater esses reducionismos da liturgia com experimentações selvagens,³²⁵ conduzindo os que dela participam à beleza que emana da presença e do seguimento de Cristo.

A via da beleza³²⁶ pode restaurar a compreensão litúrgica de nossas comunidades, estabelecendo uma comunicação entre o humano e o divino, pois a beleza eleva o ser humano, ajuda-o no seu processo de transcendência. A mistagogia das celebrações, requer uma beleza nobre e ao mesmo tempo singela, não uma suntuosidade efêmera própria da cultura líquido moderna, mas uma nobre simplicidade que aproxima do mistério do eterno, revelando Deus e convidando a entregar-se a Ele. Borobio enfatiza:

Por isso, na verdade, pode-se afirmar que a beleza divina convida à contemplação mistagógica do belo, porque a ‘beleza exerce uma função mistagógica’ conduzindo o espírito humano a um encontro de gozo singular com o mundo e, através dele, consigo mesmo e com Deus. E esta ‘contemplação mistagógica’ acontece, de forma singular e mais apropriada, precisamente, na celebração dos sacramentos, nos quais se unem a ação e a contemplação mistagógica, em uma condução estética a partir do visível simbólico ao mistério invisível no que é presenciado.³²⁷

A beleza da celebração faz penetrar o mistério, pois o ser humano se curva diante do belo, que provoca admiração e espanto. O ambiente celebrativo, os paramentos, as imagens, a disposição e hierarquia dos objetos ainda que de nobre simplicidade, ajudam a adentrar o mistério do que se é anunciado. A beleza de Cristo deve impactar, não por uma beleza externa, passageira, mas sim a verdadeira beleza que

³²³ Cf. SPERA, Juan Carlos; RUSSO, Roberto. *Assembleia celebrante*. In. *A celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. Manual de liturgia. São Paulo, SP: Paulus, 2015. p. 111-122. v. 2.

³²⁴ Cf. SC, n. 14.

³²⁵ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num corpo só: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 559.

³²⁶ Cf. EG, n. 167.

³²⁷ BOROBIO, Dionísio. *A dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para a celebração*. p. 57.

brota do mistério da Encarnação do Senhor, da sua Paixão, Morte e Ressurreição, da sua obediência irrestrita à vontade do Pai e da sua presença assegurada todos os dias até a consumação dos séculos.³²⁸

A beleza apreendida que leva a aderir ao chamamento que Cristo faz e a segui-lo sem reservas, porque seguir a Cristo é magnífico. Urge, portanto, restaurar a importância da oração litúrgica que pode dar sua contribuição para que as pessoas vivendo liturgicamente tenham uma postura distinta da sociedade líquido moderna.

3.3. Redescobrir a oração litúrgica na vivência eclesial e existencial

Para não sucumbir à liquidez moderna, os fiéis que participam das liturgias precisam redescobrir a oração litúrgica como fonte para a vivência da sua espiritualidade. Uma vez que liturgia é sempre oração, nela é concedida ao fiel falar com Deus e ao mesmo tempo escutá-lo, pois, na oração Deus comunica-se com o seu povo e uma vez mais a exemplo do Êxodo continua a ver suas dores, ouvir suas súplicas e descer³²⁹ para o libertar. Assim a espiritualidade litúrgica pode crescer e ser aprofundada quando assume uma postura orante. Flores, destaca:

A oração é um momento particular de nossa existência, no qual se realiza uma especial relação com Deus, que nenhuma outra reunião ou assembleia humana poderá substituir. Na oração, feita mais de silêncio do que de palavras, é o Espírito que fala em nós, fazendo com que nossos sentimentos se insiram no fluxo do amor eterno que o Pai dá ao Filho e este, por sua vez em ação de graças, devolve ao Pai. Com a oração, entramos em comunhão com Deus, vivemos sua vida divina, tornamo-nos contemplativos dos mistérios de sua vida humano divina, que celebramos na ação litúrgica.³³⁰

Na oração o fiel se encontra com aquele que se tornou a razão da sua existência, é por Ele nutrido, tendo a sede do seu coração saciada. Diante de um mundo excludente e agitado, onde o consumismo dita as regras, o homem encontra na oração um lugar para reclinar a cabeça e descansar.³³¹ Nesse diálogo com o divino o ser humano percebe sua pequenez e insuficiência diante do mistério de um Deus que com ele se entretém.³³²

Através da oração, a Igreja se comunica com o Esposo, se volta novamente para o Mestre que lhe fala ao coração, desse modo a oração litúrgica comunitária expressa

³²⁸ Cf. Mt 28,20.

³²⁹ Cf. Ex 3, 7-8.

³³⁰ FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. p. 399.

³³¹ Cf. Mt 11, 28-30.

³³² Cf. DV, n. 2.

claramente a figura da esposa, Corpo de Cristo, que recebe d'Ele sua força e vivacidade. O papa Pio XII enfatiza que entre a oração pública da Igreja e a oração particular (privada) não há antagonismos, destaca:

Sem dúvida a oração litúrgica, sendo pública oração da Igreja Esposa de Jesus Cristo, tem maior excelência do que as orações privadas. Mas esta superioridade não quer dizer que entre estes dois gêneros de oração haja oposição ou incompatibilidade. Ambos se fundem e se harmonizam porque, animados de um único zelo, confluem e se unem segundo o dito: 'Cristo tudo em todos' (Cl 3,11) e tendem ao mesmo fim, até que Cristo seja formado em nós (cf. Gl 4,19).³³³

A liturgia é ação do Cristo total, é o Cristo orante quem realiza a Eucaristia e os demais sacramentos, é Ele quem fala quando se leem as Escrituras, é Ele quem batiza, é Ele quem perdoa os pecados.³³⁴ A liturgia torna-se assim o centro e a fonte da espiritualidade dos fiéis, por isso Beckhäuser, afirma a importância da liturgia para a espiritualidade: “A liturgia deve imbuir toda a espiritualidade. Isso se alcança pela celebração dos mistérios e pela prática de outros exercícios de espiritualidade centrados e iluminados pela Sagrada Liturgia. A Sagrada Liturgia deverá ser o cume e a fonte de toda a vida espiritual.”³³⁵

Urge uma espiritualidade que coloque suas bases na liturgia, uma espiritualidade litúrgica que parte das ações rituais da Igreja e nesse aspecto contribua para uma espiritualidade sólida, que vai além de gestos externos. Byust, enfatiza:

Para cumprir esta sua função mistagógica, a liturgia não pode ficar reduzida à realização de gestos mágicos, rotineiros ou puramente estéticos ou devocionais. É preciso prestar atenção e deixar cada palavra, cada gesto, cada movimento ... revelar o mistério 'contido' neles e no qual nos faz mergulhar: o mistério celebrado na liturgia, o mistério de Deus, o mistério de Cristo, o mistério do Reino, o mistério da vida, o mistério da história, o nosso próprio mistério.³³⁶

É preciso se deixar encantar pela celebração litúrgica, sendo assim, é necessário educar os fiéis para tomarem cada palavra como sua, sentindo e saboreando cada palavra,³³⁷ cada ação gestual, de modo que o fiel possa tomar consciência do que está celebrando e assim a oração litúrgica se torna escola que educa na fé. Beckhäuser recorda:

Esta claro que a celebração litúrgica não constitui uma catequese, mas ela é catequética. A catequese em si constitui momento distinto da ação celebrativa

³³³ MD, n. 34.

³³⁴ Cf. SC, n. 7.

³³⁵ BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium*: texto e comentário. p. 40.

³³⁶ Cf. BUYST, Ione. *O segredo dos ritos*: ritualidade e sacramentalidade. p. 122.

³³⁷ Cf. Jr 15, 16.

litúrgica. Neste sentido não se deve transformar a Celebração em encontro de catequese. A Liturgia é por sua própria natureza catequética. Os fiéis celebram a fé e, celebrando-a, aprofundam-se nos mistérios celebrados. Por isso, diz-se que, embora a Liturgia seja, principalmente, culto da Majestade Divina, encerra também grande ensinamento ao povo fiel.³³⁸

A liturgia por si só é catequética, não é preciso interromper a celebração para explicá-la, ou introduzir um tema catequético, uma vez que a liturgia fala da fé e a celebra, é a *lex orandi* e *lex credendi*.³³⁹ O mistério que se apresenta aos fiéis na liturgia, os educa na fé por si só,³⁴⁰ justamente por isso aí reside o perigo de adulterá-la com elementos que não são próprios dela e por vezes até contradizem a própria fé. A liturgia fornece elementos para aprofundar a consciência eclesial daqueles que dela participam, por isso, Guardini, ressalta a importância de não compreender a liturgia como uma obra individual, destaca:

A liturgia não diz ‘eu’, mas diz ‘nós’ [...] A liturgia não é obra do indivíduo, mas da totalidade dos fiéis. Esta totalidade não resulta apenas da soma das pessoas que se encontram na igreja em determinado momento, e também não é apenas a assembleia reunida. Ela ultrapassa todos os limites de um espaço determinado e abarca todos os crentes da terra inteira. Ultrapassa igualmente os limites do tempo, enquanto a comunidade que ora na terra se sente uma só coisa com os bem-aventurados que vivem na eternidade.³⁴¹

A oração litúrgica é a oração da Igreja que reza com todos os batizados, nela se estabelece a comunhão dos santos,³⁴² daqueles que remidos por Cristo, elevam a Deus suas súplicas. Ao rezar o fiel não o faz sozinho, mas o faz com toda a Igreja e por toda a Igreja.³⁴³ Flores, dá ênfase justamente nessa dimensão de abertura para a vida comunitária que a oração litúrgica propõe:

O conceito de oração pode revelar o tipo de espiritualidade ao qual estamos habituados ou no qual recebemos certa educação. O Catecismo da Igreja Católica diz que todo tipo de oração encontra seu sentido e sua razão na liturgia. Se, quando se fala de oração, se continua vendo unicamente o contato íntimo e pessoal com o Senhor, onde a dimensão comunitária está ausente, corremos o risco de reduzi-la e minimizá-la.³⁴⁴

A liturgia ajuda a não se fechar em si mesmo, a não fabricar bezerros de ouro³⁴⁵ para si, não moldando ou formatando Deus à semelhança humana. Não é o ser humano quem faz os mandamentos, não é ele quem indica o caminho a ser seguido, mas é o

³³⁸ BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium*: texto e comentário. p. 54.

³³⁹ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num corpo só*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. p. 8.

³⁴⁰ Cf. GRILLO, Andrea. *Ritos que educam*: os sete sacramentos. p. 43-52.

³⁴¹ GUARDINI, Romano. *Introdução à liturgia*. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017, p. 33.

³⁴² CIC, n. 957.

³⁴³ Cf. BERNARD, Charles André. *Introdução à teologia espiritual*. p. 97.

³⁴⁴ FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. p. 399.

³⁴⁵ Cf. Ex 32, 1-10.

próprio Deus quem os outorgou. Ratzinger, relata o perigo de uma fé intimista, fora do âmbito eclesial, que pode induzir o fiel ao erro, segundo o autor:

Em nenhuma outra passagem, porém, esse tema se manifesta com tanta dramaticidade como no episódio do bezerro de ouro (ou melhor, do novilho). Esse culto, conduzido pelo sumo sacerdote Aarão, não poderia, de fato, servir a um ídolo pagão. A apostasia é mais útil. Ela não passa abertamente de Deus ao ídolo, mas permanece aparentemente junto ao mesmo Deus: deseja-se honrar o Deus que conduziu para fora do Egito e se crê poder representar de modo apropriado o seu misterioso poder na imagem do novilho. Na aparência tudo parece correto e, presumivelmente, também o ritual provido segundo as prescrições. É, todavia, uma queda na idolatria.³⁴⁶

De acordo com o autor um dos perigos reside justamente no fato de que não se passa de Deus ao ídolo, a modo de ruptura, mas se cultua o ídolo numa aparência de Deus. Olhando para a vida espiritual corre-se o risco de se “endeusar” achando que se está adorando a Deus, podendo acontecer de alguém servir aos seus próprios caprichos achando que está servindo ao Senhor. Na ânsia de uma espiritualidade sem uma orientação litúrgica, as pessoas podem sim estar se autocelebrando, acreditando celebrar a Deus. Ratzinger, continua:

Duas coisas levam a essa queda, inicialmente quase imperceptível. De um lado, a violação da proibição das imagens: não se consegue manter a fidelidade ao Deus invisível, distante e misterioso. Faz-se com que Ele desça ao próprio nível, reduzindo-O a categorias de visibilidade e compreensibilidade. Desse modo, o culto já não é mais um elevar-se até Ele, mas um rebaixamento de Deus às nossas dimensões: Ele deve estar lá onde houver necessidade dele e deve ser assim da maneira como se precisar. O ser humano se serve de Deus segundo as próprias necessidades e assim se coloca, na realidade, acima dele.³⁴⁷

A cultura do mundo líquido moderno traz esse desejo de satisfazer a todo custo as vontades pessoais, com uma compreensão de que todos estão ali para servir, para satisfazer os desejos. Isso pode levar a uma compreensão errônea também no modo como se relacionar com Deus, idealizando alguém que tem o dever de solucionar tudo e do modo como a pessoa quer. Nesse sentido, a liturgia nas orações e celebrações ajudará o fiel a perceber que não deve servir-se de Deus, mas empenhar suas forças para fazer à vontade d’Ele. A oração litúrgica então poderá levar o fiel a uma compreensão mais profunda do sentido da oração do Senhor,³⁴⁸ onde se pede para que se realize a vontade de Deus na terra. Ratzinger, continua sua argumentação acerca do bezerro de ouro:

Com isto já se alude à segunda coisa: trata-se de um culto feito de autoridade própria. Se Moisés permanece ausente durante longo tempo e Deus é

³⁴⁶ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. p. 18.

³⁴⁷ Idem.

³⁴⁸ Cf. Mt 6, 7-13.

inacessível, então Ele é colocado ao nível de Israel. Esse culto se torna, assim, uma festa que a comunidade cria por si mesma; ao celebrá-la, a comunidade nada mais faz que se confirmar a si própria. Da adoração a Deus se passa para um círculo que gira em torno de si mesmo: comer, beber, divertir-se. A dança ao redor do bezerro de ouro é a imagem desse culto que busca por si próprio e se torna uma espécie de banal autossatisfação. A história do bezerro de ouro é uma advertência contra um culto realizado segundo o molde pessoal e a busca de si mesmo, em que, finalmente, não está mais em jogo Deus, mas a formação, por iniciativa pessoal, de um pequeno mundo alternativo. A liturgia, então, se torna de fato um jogo vazio. Ou ainda pior, o abandono do Deus vivo camuflado sob o manto da sacralidade. No final, porém, resta a frustração, o sentimento do vazio. Não existe mais aquela experiência de libertação, que acontece lá onde se realiza um verdadeiro encontro com o Deus vivo.³⁴⁹

Quando se celebra a verdadeira e autêntica liturgia, as pessoas entram em contato com o Deus vivo e verdadeiro que foram adorar, sendo educadas para uma correta vivência da espiritualidade e reconhecem que não devem se autocelebrar. Dialogar com a modernidade líquida é reconhecer que a liturgia é sólida, pois nos encaminha para o Senhor que não engana. Assim a consistência da Palavra de Deus, a concretude da vida em comunidade, a gratuidade da parte de Deus, mostram a beleza e a solidez frente uma cultura consumista e permeada pelos valores do mercado. Para Boselli, a oração litúrgica contribui para que a eficácia da fé não seja reduzida:

O missal como livro de oração é hoje um instrumento essencial para restabelecer aquela autêntica relação hoje rompida, sobretudo, nas últimas gerações, entre aquilo que se reza, aquilo que se conhece e aquilo que se vive. É necessária para a qualidade da fé uma autêntica relação entre aquilo que a liturgia transmite e aquilo que o cristão vive. Sem a liturgia, a vida cristã corre o risco de constantes desvios, em particular o desvio do individualismo da fé, isto é, de um crer que, na realidade, não é outro que a justaposição de credences pessoais. A liturgia, como celebração comunitária do ato de fé, impede ao cristão toda forma de subjetivismo e personalismo da fé. Sem a assiduidade à celebração comunitária do ato de fé, a fé se reduz à gnose que entrega o cristão irremediavelmente à ideologia espiritual, ou seja, conjunto de representações intelectuais e de significados que não se verificam, não se medem com a fé da Igreja. A liturgia, então, não é mais celebração da fé da Igreja, mas cultivo dos instintos espirituais do homem.³⁵⁰

A oração litúrgica oferece uma fé sólida, um caminho a percorrer, haja vista que a liturgia é estrutural, ou seja, ela baliza a fé e a espiritualidade, não permitindo que a pessoa que participa da celebração se desvie da correta expressão de fé, vivida e anunciada pela Igreja de modo perene. Por isso Boselli, define a liturgia como escola de oração: “a liturgia como escola de oração não é algo opcional, mas essencial. Isto leva a afirmar que a liturgia é o lugar decisivo, se não exclusivo, no qual o cristão é educado à

³⁴⁹ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. p. 18.

³⁵⁰ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. p. 142.

oração.”³⁵¹ Ninguém que queira viver uma fé verdadeiramente cristã católica pode prescindir ou se eximir do culto divino, uma vez que é na liturgia que a pessoa é educada e fortalecida na fé. O cristão católico educado na vida de oração, através da oração litúrgica da Igreja, encontra no ano litúrgico uma fonte inesgotável para um itinerário espiritual. Beckhäuser, aponta:

A celebração dos mistérios de Cristo durante o ano apresenta uma eficácia da graça: ‘Com esta recordação dos mistérios da redenção, a Igreja oferece aos fiéis as riquezas das obras e merecimentos do seu Senhor, a ponto de os tornar como que presentes a todo tempo, para que os fiéis sejam postos em contato com eles, e sejam repletos da graça da salvação’. Temos aqui caracterizada a espiritualidade do ano litúrgico.³⁵²

Ao percorrer os mistérios da fé celebrados a cada ano a comunidade dos cristãos é chamada a experimentar o amor de Deus que com atos salvíficos a resgatou do pecado. Ao revisitar os mistérios da salvação, os cristãos aprendem a perceber a grandeza de Deus que se revelou e continua a se revelar na história dos homens e mulheres. Sánchez, ressalta:

Essa é a razão pela qual, para o cristão, toda a sua vida deve ser um contínuo ano litúrgico, isto é, todos os dias devemos experienciar o nascimento de Cristo (Advento-natal), todos os dias devemos converter-nos ao Senhor (quaresma), para que todos os dias Jesus Cristo ressuscite conosco numa nova vida (páscoa), e, além disso, como resultado desses tempos, devemos praticar todos os dias o que Jesus realizou em sua vida terrena como praticantes fiéis do evangelho (comum).³⁵³

A oração litúrgica possibilita que os fiéis transformem suas ações diárias em atos litúrgicos, haja vista que partindo da argumentação presente no excerto acima, todos os dias Cristo tem que renascer no coração das pessoas, que devem concretizar isso em ações. Diariamente há um chamamento a se converter e a ressurgir das estruturas de pecado que por vezes buscam reter as pessoas em suas armadilhas. Dessa forma a liturgia é celebrada no altar do mundo, pois cada fiel é chamado a oferecer a sua vida, é a experiência de vida doada que concretiza as lições recolhidas da Eucaristia. Castellano indica:

a liturgia, certamente, não é um ‘refúgio escatológico’ para fugir do mundo, das lutas e dos compromissos da vida quotidiana; é celebração, antecipação e compromisso da transformação social inerente ao Evangelho e ao mistério pascal. Se até algumas décadas atrás a Igreja era vista como uma comunidade que se reunia em torno do altar para celebrar a Eucaristia, hoje contemplamos sua visão, falando de uma Igreja que do altar se volta para o mundo,

³⁵¹ Idem, p. 146.

³⁵² BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium*: texto e comentário. p. 126.

³⁵³ SÁNCHEZ, Víctor. *Por que celebramos?* In. A celebração do mistério pascal: introdução à celebração litúrgica. Manual de Liturgia. 2. ed. São Paulo, SP: Paulus: 2007, p. 187. v.1.

portadora das energias do Ressuscitado e de seu Espírito para ser, na sociedade, fermento de fraternidade e de justiça universal.³⁵⁴

Conforme o excerto acima, o fiel tem dois lugares para dirigir o seu olhar, um para as coisas celestes ouvindo e louvando a Deus, e outro para o mundo onde se concretiza a sua espiritualidade verdadeiramente litúrgica, em outras palavras, contempla o mundo para transformá-lo à luz da fé. Nesse horizonte, a oração litúrgica nos conduz ao homem litúrgico.

O ser humano que age de modo litúrgico, transforma suas relações, gestos e atitudes encontrando na liturgia a sua fundamentação. A necessária oração litúrgica se realiza nos templos, lugar do encontro com a comunidade, para junto dos irmãos e irmãs celebrar os mistérios sagrados, porém, não basta apenas celebrar a liturgia, é necessário vivê-la. Nesse sentido mais do que celebrar uma liturgia é preciso ser uma pessoa litúrgica. Buyst assim descreve:

Dito de outra forma, a memória de Jesus vai da mesa ritual ao culto vivido 24 horas por dia e de volta à mesa; a prática ritual refere à práxis histórica e vice-versa. Fazer memória da ceia de Jesus, sem continuar, no Espírito dele, sua missão messiânica no aqui e agora da realidade histórica, social, política e cósmica ... é uma farsa, uma infidelidade (cf 1Cor 11). O fazer memória ritualmente inclui o compromisso ético e místico da memória vivida na missão. É preciso fazer a vontade do Pai: dar de comer a quem tem fome, libertar os presos, devolver a visão aos cegos, fazer os surdos ouvirem e os coxos andarem. É o mesmo gesto da ceia eucarística que se prolonga no dia a dia: isto é a minha vida entregue por vocês.³⁵⁵

Dessa maneira, o mistério ritualmente celebrado se atualiza nas ações ordinárias do dia a dia do fiel que dele participa. Há que se recuperar a consciência de que não se pode deixar restrito ao lugar do culto aquilo que lá se aprende, haja vista que a celebração do mistério pascal exige o compromisso de transformação da sociedade, que passa pelo modo como agem aqueles que estão presentes nas assembleias litúrgicas. É desse modo que o homem se torna uma pessoa litúrgica. Buyst assegura:

Os momentos litúrgicos, celebrativos, devem ser entendidos como realidades simbólico-sacramentais, que se referem a atitudes fundamentais da vida pessoal e social. Quem não levanta a voz para denunciar massacres do nazismo contra os judeus não tem direito de cantar o gregoriano, dizia Bonhoeffer. A celebração litúrgica comporta um compromisso de fé com a transformação social, diz o documento de Medellín. Prática ritual, ética e mística estão indissociavelmente unidos na concepção bíblica da aliança com o Senhor. Na Bíblia, piedade é ao mesmo tempo devoção e devotamento, amor afetivo e efetivo, ainda que a salvação, o Reino, a vida em Deus, vão além de nossa capacidade de realização e pedem, portanto, uma abertura e

³⁵⁴ CASTELLANO, Jésus. *Liturgia e vida espiritual*: teologia, celebração, experiência. p. 416.

³⁵⁵ BUYST, Ione. *Segredo dos ritos*: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. p. 197.

uma entrega incondicional à ação de Deus, ao Espírito que sopra onde e como quer.³⁵⁶

A celebração litúrgica exige um jeito novo de viver, reclama uma atitude que se coaduna com a liturgia, de modo que as dificuldades, clamores, lutas da vida diária, encontram nos momentos celebrativos um espaço para serem apresentados a Deus. No ato litúrgico os irmãos e irmãs rezam uns pelos outros e apresentam as preces dos mais desvalidos. Mas, o momento celebrativo impulsioná-los-á para a transformação social, para que a luta se transforme em vitória, o clamor em esperança, as lágrimas em justiça.

É a vida do homem nessa sociedade híbrida que precisa ser litúrgica, o papa Pio XII é enfático: “Não tem noção verdadeira e genuína da sagrada liturgia aqueles que a consideram como sendo do culto divino somente a parte externa e percebida pelos sentidos, ou como um aparato de cerimônias decorativas,”³⁵⁷ ou seja, apenas um adereço, continua o Papa: “e não menos se enganam os que com mera suma de leis e preceitos com os quais a hierarquia eclesiástica ordena a realização.”³⁵⁸ Com essas palavras o Papa já questionava algo que se repete ainda nos dias atuais, alguns que consideram a sagrada liturgia como um apêndice na vida de fé ou como uma mera decoração e outros que a compreendem apenas como um conjunto de leis e normas a serem cumpridas.

O homem litúrgico, saberá recolher da celebração litúrgica os elementos necessários, para o correto exercício da fé, sem desvincular a vida pessoal da celebração litúrgico-sacramental, e mais, saberá glorificar a Deus em e com a sua vida. Ratzinger endossa esse pensamento da vida espiritual ancorada na ação litúrgica, afirmando:

Antes de tudo, vê-se mais uma vez que o ‘culto’, entendido em sua verdadeira plenitude e profundidade, vai bem além da ação litúrgica. Ele, portanto, abraça a ordem da vida humana inteira, no sentido das palavras de Irineu: o ser humano se torna uma glorificação a Deus, fá-lo sobressair (isso é o culto), quando vive para contemplá-lo. É fato por outro lado, que o direito e a moral não caminham juntos se não forem ancorados no centro litúrgico e não extraírem dele inspiração.³⁵⁹

Na vida da comunidade, na oração litúrgica, na celebração litúrgico-sacramental, o ser humano encontra a indicação e a inspiração para o seu caminho de discipulado de Cristo, que significa viver do modo como Ele viveu, colocando em prática os valores d’Ele recebidos. Ratzinger afirma:

³⁵⁶ Idem.

³⁵⁷ MD, n. 22.

³⁵⁸ Idem.

³⁵⁹ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. p.17.

Podemos, então, ampliar essa visão dando um passo mais adiante: a adoração, a correta modalidade do culto, da relação com Deus, é formadora da correta existência humana no mundo; ela o é exatamente porque através da vida cotidiana nos torna participantes do modo de existir do 'céu', do mundo de Deus, deixando, assim, transparecer a luz do mundo divino em nosso mundo.³⁶⁰

Partindo do pensamento de Ratzinger, para não ter sua espiritualidade derretida por esse mundo líquido moderno, o ser humano precisa render-se em adoração a Deus, pois, desse modo reconhecerá sua pequenez frente a grandiosidade de Deus, percebendo que esse Senhor não pode ser consumido como um objeto ou uma mercadoria. Se deixar transparecer em suas atitudes as virtudes de Cristo Jesus oferecido ao Pai na Cruz, cuja memória se faz em cada celebração litúrgica, ele não será absorvido pela cultura do individualismo, do comércio da fé ou da cultura do descartável. Boselli, enfatiza:

Afirmar, com a constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium*, que a liturgia é cume e fonte da ação da Igreja significa ao mesmo tempo, tomar consciência de que a liturgia é também cume e fonte do agir ético de cada comunidade cristã e de cada fiel individualmente, chamado pela própria liturgia a não esquecer os irmãos que estão em necessidade e todos aqueles que vivem em situações de injustiça. A celebração da Eucaristia não é só ação sacerdotal de um povo de sacerdotes chamado a oferecer a Deus, em nome de toda a humanidade, a ação de graças por seus dons. Mas, a celebração da Eucaristia é também ação profética celebrada por um povo de profetas que, realizando o gesto da *fractio panis* como sinal de partilha, proclama, diante do mundo, em nome de Deus, o dever de compartilhar os dons por ele distribuídos e de partir o pão para saciar o faminto.³⁶¹

Participar do mistério Pascal é assumir o profetismo na vivência diária esteja a pessoa onde estiver, denunciando as injustiças e anunciando a Boa Nova do Reino, de modo que o fiel cuja a espiritualidade haure da liturgia sua força, estará impregnado do compromisso de fazer com os demais consigam percorrer o caminho que leva ao Pai, não sucumbindo frente à liquidez da sociedade. Nessa perspectiva, Ratzinger, afirma a necessidade de que o cotidiano se torne um ambiente litúrgico:

[...] a liturgia da fé vai sempre além do ato cultual até atingir a cotidianidade, a qual, por sua vez, tem de se tornar litúrgica, serviço para a mudança do mundo. Do corpo se pretende muito mais que o simples carregar aleatório de apetrechos ou coisas semelhantes. Pretende-se o seu empenho pleno na cotidianidade da vida. Pede-se a ele que se torne 'capaz da ressurreição', que se oriente para a ressurreição, para o reino de Deus, sintetizada na fórmula: seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu.³⁶²

Assim o fiel possui o mundo inteiro como lugar para realizar a liturgia, servindo a humanidade, do mesmo modo como Cristo o "liturgo"³⁶³ por excelência fez. Não se

³⁶⁰ Idem.

³⁶¹ Boselli, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. p. 164.

³⁶² RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. p. 146.

³⁶³ Cf. CIC, n. 1070.

tem verdadeira espiritualidade se a vivência celebrativa não se estende para a vida cotidiana que constitui lugar privilegiado para o exercício da fé. Castellano, descreve:

Não se pode negar que a oração e a liturgia tenham uma relação com a política como realidade global, porque sua celebração compromete indivíduos e comunidades em um certo modo de se comportar na sociedade, segundo o que se escutou, orou e celebrou. A liturgia é também o momento no qual, pela oração, pela leitura da Bíblia e em sua explicação, confluem as esperanças, os problemas urgentes dos que celebram e estão imersos em um mundo onde tudo é assumido pela política como realidade global.³⁶⁴

Nesse sentido o Papa Francisco tem alertado a Igreja para esse olhar *ad extra*,³⁶⁵ para que todos estejam atentos aos problemas globais,³⁶⁶ se engajem sadiamente na política, que pode se converter em um dos lugares de transformação da realidade e melhoria para a vida da comunidade como um todo. Assim o fiel bem-educado na liturgia desponta como uma luz que brilha, para dissipar as trevas que aprisionam o homem da sociedade líquido moderna. Castellano, enfatiza:

A liturgia celebra o mistério da salvação que se realiza em Cristo. Este é o sentido específico. Porém, o mistério de Cristo é vivido e celebrado, é aplicado e comunicado a indivíduos e comunidades que vivem em determinadas circunstâncias históricas e sociais. Por isso, é também celebração da existência cristã. Se a memória litúrgica torna presente o mistério de Cristo e vislumbra sua realização escatológica, com isso o insere no hoje concreto da Igreja que celebra. Não devemos ver a liturgia como um espaço transcendente ou alienante em nossa vida cotidiana, mas como um pedaço de existência vivida, iluminado pela Palavra de Deus, santificado e potenciado pela presença de Cristo e pelo dom de seu espírito.³⁶⁷

O fiel que vive desse modo sua espiritualidade encarnada³⁶⁸ na vida em sociedade, é sustentado pela liturgia que celebra, retorna para o altar a cada semana levando suas preces, lá encontrar-se com o Divino e participando da comunidade dos irmãos, recebe novamente as “lições” que a Eucaristia assegura.³⁶⁹ Assim o cristão precisa ser um arauto da Boa Nova, que traz esperança e alegria. Torna-se ao mesmo tempo, portador de um novo sentido para a existência, auxiliando na construção do Reino inaugurado por Jesus, cuja espiritualidade litúrgica ajuda a edificar.

³⁶⁴ CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: Teologia, celebração, experiência*. p. 431.

³⁶⁵ Cf. EG, n. 49.

³⁶⁶ Cf. LS, n. 1-16.

³⁶⁷ CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: Teologia, celebração, experiência*. p. 442.

³⁶⁸ Cf. BECKHÄUSER, Alberto. *Os fundamentos da sagrada liturgia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 299.

³⁶⁹ Cf. RATZINGER, Joseph. *A celebração da eucaristia: fonte e cume da vida cristã*. In. *Teologia da liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019, p. 399-414.

Perceber a liturgia como teófora,³⁷⁰ é a chave para dialogar com a sociedade atual, pois a liturgia é presente de Deus, uma dádiva entregue por ele. A compreensão de que a liturgia não é obra de mãos humanas, outrossim, é obra de Deus, pode ajudar o homem marcado pela cultura líquida a descobrir que a liturgia sendo obra de Deus é sólida, duradoura e eterna. Levá-lo-á a recordar também que é Ele quem realiza todas as coisas, haja vista que a liturgia não é invenção humana. Nesse horizonte, Ratzinger, enfatiza:

Mas, a verdadeira liturgia pressupõe que Deus responda e mostre como nós podemos adorá-lo. Ela implica, de alguma maneira, uma espécie de ‘instituição’. Não pode brotar da nossa fantasia, da nossa própria criatividade, sem permanecer como um grito no escuro ou se transformar em uma autoafirmação. Ela pressupõe diante de nós o Destinatário concreto, que se mostra a nós e com isso orienta a nossa existência na direção correta.³⁷¹

Dessa forma o homem não é o agente principal da liturgia, ele não se autocelebra, não fabrica bezerras de ouro, nem se prostra diante de si mesmo ou diante de outra criatura humana ou fabricada por mãos humanas. Mas recebe de Deus como Ele quer ser adorado e a Ele presta o culto verdadeiro. O ser humano assim educado pelo Mistério Pascal, entenderá que sua vida não é passageira, líquida ou fugaz, mas sim, sua vida se encontra escondida com Cristo em Deus.³⁷²

Justamente por apontar para as realidades eternas é que a liturgia possui ainda um caráter escatológico, porque aponta para as realidades do céu e para lá conduz aqueles que se deixam penetrar pelo mistério salvífico. A liturgia é, portanto, um evento soteriológico,³⁷³ um lugar de salvação, onde é possível encontrar-se com a misericórdia de Deus que continua a remir o ser humano pecador.

Nesse horizonte, a liturgia encaminha para a realização da promessa de Deus de ser tudo em todos, pois quer salvar a todos. Desse modo se compreende a liturgia e o homem como um processo em via de realização, pois tanto o homem quanto a liturgia estão a caminho. Nas palavras de Ratzinger: “A liturgia cristã é liturgia da promessa

³⁷⁰ Cf. COSTA, Valeriano dos Santos. *Princípios da ciência litúrgica*. Perspect. Teol., Belo Horizonte, v. 48, n. 2, mai./ago. 2016, p. 317-334. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3551>. Acesso: jun. 2018.

³⁷¹ RATZINGER. Joseph. *O espírito da liturgia uma introdução*. In. *Teologia da liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. p. 37.

³⁷² Cf. Cl 3,3.

³⁷³ Cf. RODRIGUES, José Ribamar. *Mistério pascal de Cristo: salvação operada na liturgia e na vida*. Revista eletrônica espaço teológico. v. 11, n. 19, jan/jun, 2017, p. 151-159. Disponível em: [file:///C:/Users/dws/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/34425-93859-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/dws/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/34425-93859-1-SM%20(1).pdf) Acesso: mai. 2018.

cumprida, do movimento de busca da história das religiões que atingiu a própria meta, mas que permanece liturgia da esperança,”³⁷⁴ ou seja, o homem que dela participa aguarda por realidades que ainda estão por vir. E continua o autor: “A liturgia cristã é liturgia a caminho, liturgia da peregrinação rumo a mudança do mundo, que acontecerá quando Deus for ‘tudo em nós.’”³⁷⁵

Conclusão

Após analisar a espiritualidade litúrgica em tempos líquidos e um possível diálogo do ser humano para não sucumbir frente a essa onda avassaladora que permeia a sociedade, nota-se que o cristão católico educado na celebração litúrgica bem celebrada e bem preparada, será capaz de viver de modo eficaz sua fé autêntica e sua espiritualidade encarnada³⁷⁶ no lugar onde ele vive. Descobrirá que o verdadeiro e único culto se presta a Deus, o único digno de louvor, que ao se revelar mostra como quer ser adorado. Perceberá ainda que não se deve autocelebrar durante as assembleias litúrgicas, mas sim, deve fazer da sua vida um contínuo ato de doação nas situações ordinárias da vida cotidiana. Na oração litúrgica o fiel vai se encaminhando para as realidades do céu que conduzem à salvação. Seguindo o pensamento de Boselli: “A Igreja de amanhã ou será litúrgica ou não será plenamente ela mesma; ou redescobrirá a primazia da ação de Deus, que é primazia da escuta de sua Palavra e primazia da celebração da fé, ou então arriscará perder alguma coisa do essencial.”³⁷⁷

³⁷⁴ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. p. 43.

³⁷⁵ Idem, p. 43.

³⁷⁶ Cf. GE, n. 109.

³⁷⁷ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. p. 207.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças culturais avançam pelos átrios das igrejas questionando o modo de celebrar, o senso de pertença à comunidade, a forma do cristão ser e estar no mundo, sua relação com Deus, consigo mesmo e com as demais pessoas. Percebe-se os desdobramentos na vida litúrgico-celebrativa, uma vez que o fiel que frequenta as celebrações provém desses ambientes impactados pela cultura do mundo líquido moderno.

Após a constatação dessa realidade, se questiona justamente se é possível um diálogo entre a liturgia do pós-Concílio Vaticano II com o mundo atual. Como dialogar com essas realidades que de algum modo questionam a fé e a espiritualidade? Fechar os olhos para essas situações da sociedade líquida é se alienar e relegar à fé um lugar marginal dentro da experiência existencial. Permitir sem reflexão que ela simplesmente adentre avassaladoramente, sem nenhum critério, para o interior da vida celebrativa das comunidades, é correr o risco de instrumentalizar a fé.

O diálogo parece o caminho mais plausível para o fiel que frequenta as celebrações litúrgicas, a fim de não sucumbir frente a liquidez da sociedade. Embora permeada por essa cultura, a liturgia apresenta um conteúdo sólido, haja vista que a história da salvação não se esvai com o tempo, todavia, oferece a perenidade do mistério salvífico realizado em Cristo Jesus.

Nesse sentido, urge, resgatar a dimensão de eternidade que a liturgia oferece, mostrando que ela permanece um porto seguro para os fiéis que dela participam. Por isso, ela não pode ser vista sob a ótica do descartável, do “lixo”, ou do transitório, uma vez que a celebração litúrgico-celebrativa faz memória de acontecimentos passados, de maneira ritual, atualizando-os no presente e encaminhando para o futuro.

Dessa forma a comunidade corpo de Cristo Ressuscitado é o lugar sólido para o fiel não apenas frequentar, porém, constitui um lugar para pertencer, para “chamar de seu,” no “nós” que a comunidade oferece. Enraizados na comunidade e, portanto, enraizados em Cristo, videira verdadeira,³⁷⁸ o fiel poderá nutrir sua fé e sua espiritualidade frente ao convite ao individualismo, ao consumismo e ao ensimesmamento.

³⁷⁸ Cf. Jo 15,1.

Tendo consciência que faz parte do povo de Deus, o fiel poderá perceber-se enquanto pessoa, saindo da zona de invisibilidade que muitas vezes a cultura do mundo líquido moderno o coloca. Na certeza de que Deus vê a todos e conhece cada um, o fiel não precisa ter medo, algo muito frequente na sociedade líquida, pois a promessa de Jesus “eis que estarei convosco todos os dias”³⁷⁹ é acalento e força para não ficar aquém da caminhada dos batizados.

A escuta da Palavra de Deus que conserva a narrativa da salvação, solidez para manter a pessoa íntegra, lhe convida a não só entender o que Deus lhe está dizendo, outrossim, o interpela a sair de si mesmo para ir em direção ao outro, traduzindo em ações concretas aquilo que aprendeu. Para citar uma vez mais o Papa Francisco, dando assentimento à vontade de Deus o fiel poderá crescer na compreensão do Evangelho,³⁸⁰ saindo para periferias existências espalhadas em todo lugar.³⁸¹

Desse modo a liturgia não é um adereço que o fiel usa a seu bel prazer, não é um espetáculo ao qual assiste passivamente, ou um “show da fé” que acaba ao fecharem-se as cortinas do palco. Entretanto, compreenderá que a verdadeira e autêntica espiritualidade o convoca para no seu corpo dar glória a Deus, para que as demais pessoas vendo suas boas obras também possam glorificar o Senhor com suas vidas.³⁸²

No entanto, ninguém ama, adora, escuta e anuncia aquele que ainda não encontrou. Portanto, o encontro com o Ressuscitado é primordial, essencial e determinante para o exercício autêntico da espiritualidade cristã católica, a fim de não reduzi-lá a uma fé intimista ou meramente consumista.

Assim o caminho mistagógico desponta como um itinerário espiritual fecundo para um aprofundamento dessa experiência com o Senhor e Salvador, pois, os sinais e símbolos da fé convidam aquele que por ela foi iniciado a manter-se cada vez mais no seio intra eclesial e a aprofundar cada vez sua espiritualidade.

Na oração litúrgica encontrar-se-á o caminho seguro para a vivência da espiritualidade, se comunicando através dela com o Esposo, de modo que o fiel percebe que não crê sozinho, não reza sozinho, mas o faz em comunhão com toda a Igreja e por toda a Igreja. Assim a espiritualidade recebe da liturgia os ensinamentos para sua vida

³⁷⁹ Cf. Mt 28, 20.

³⁸⁰ Cf. EG, n. 45.

³⁸¹ Cf. GE, n. 135.

³⁸² Cf. Mt 5, 16.

de fé, sendo por ela é educada, pois, por si só a liturgia é catequética e performática. Dessa maneira a liturgia gera o homem litúrgico, que é capaz de transformar todas as situações do seu dia a dia, em gestos litúrgicos, portanto, é capaz de torna-se um servidor da humanidade.

Nesse aspecto, compreenderá que a liturgia é obra de Deus, pois é Ele quem realiza tudo em todos, é Ele quem diz como quer ser adorado e ao mesmo tempo é Ele quem realiza todos os atos sacramentais, prolongando os atos salvíficos no hoje da história. Assim não há o risco de cair no culto ao personalismo, nem no equívoco de querer seduzir para si durante as celebrações, mas se resgatará a urgência de conduzir para Deus nas celebrações litúrgico-celebrativas.

Desse modo a Igreja conduz para aquela liturgia sem ocaso que se realizará na consumação dos tempos, onde Deus será tudo em todos,³⁸³ reunindo em sua casa todos aqueles que nessa terra souberam amá-lo, e conseqüentemente amaram os irmãos e irmãs fazendo de suas vidas um liturgia concretizada no dia a dia de suas ações.

Sem esgotar o tema espiritualidade litúrgica em tempos líquidos, essa pesquisa procurou analisar os desdobramentos da cultura líquido-moderna, assim definida por Bauman, no âmbito da liturgia do pós-Concílio Vaticano II, bem como no modo como a compreensão e vivência da espiritualidade cristã católica estão se desenvolvendo. Longe de encerrar abordagem tão complexa, a presente dissertação buscou estabelecer algumas bases para um possível diálogo com a modernidade líquida, para que os fiéis que participam das celebrações e ao mesmo tempo estão presentes fora do âmbito eclesial não sucumbam frente essa liquidez da sociedade.

O Papa Francisco assim destaca: “Orfeu, para contrastar a música das sereias, fez outra coisa: ele entoou uma melodia mais bonita, que encantou as sereias. Esta é a sua grande tarefa: responder aos refrões paralisantes do consumismo cultural com opções dinâmicas e fortes, com pesquisa, conhecimento e partilha”³⁸⁴. Encontrar outras melodias para “encantar” as pessoas da sociedade líquido moderna, para fazê-las se aproximarem do mistério Pascal, nutrindo uma verdadeira espiritualidade litúrgica e por conseguinte tendo uma autêntica forma de ser e estar no mundo, é o grande desafio para a liturgia dos dias atuais

³⁸³ Cf. 1 Cor 15, 28.

³⁸⁴ CV, n. 223.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Sagrada Escritura

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo, SP: Paulus, 2006.

Livro litúrgico

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missal Romano*. São Paulo, SP: Paulus, 1992.

_____. *Ritual da unção dos enfermos e sua assistência pastoral*. São Paulo, SP: Paulus, 2000.

_____. *Ritual do batismo de crianças*. São Paulo, SP: Paulus, 1999.

Documentos

BENTO XVI. *Deus caritas est*: sobre o amor cristão. Carta Encíclica. São Paulo, SP: Paulus; Loyola: 2006.

_____. *Porta Fidei*. Carta Apostólica sob a forma de motu próprio com a qual se proclama o ano da fé. São Paulo, SP: Paulinas, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, SP: Loyola, 2000.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe 13-31 de maio de 2007. São Paulo, SP: Paulinas, 2007.

_____. *Documento de Medellín*. In. *Documentos do CELAM*: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo, SP: Paulus, 2004, p. 73-224.

_____. *Documento de Santo Domingo*. In. *Documentos do CELAM*: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo, SP: Paulus, 2004, p. 587-782

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. Constituição Dogmática sobre a Igreja. AAS 68. 1966. (GS). In. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 143-156.

_____. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. AAS 57. 1965. (LG). In. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 39-113.

_____. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a liturgia. AAS 54. 1964. (SC). In. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 259-306.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Doc 43. *Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo, SP: Paulinas, 2006.

_____. Doc 84. *Diretório Nacional da catequese*. 3. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2007.

_____. Doc 107. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. São Paulo, SP: Paulinas, 2017.

FRANCISCO. *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. Exortação Apostólica. São Paulo, SP: Loyola, 2016.

_____. *Christus vivit*. Exortação Apostólica pós-sinodal. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019.

_____. *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Exortação Apostólica sobre o anúncio Evangelho nos tempos atuais. São Paulo, SP: Loyola, 2013.

_____. *Gaudete et Exsultate*: sobre o chamado a santidade no mundo atual. Exortação Apostólica. São Paulo, SP: Loyola, 2018.

_____. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. Carta Encíclica. São Paulo, SP: Loyola, 2015.

_____. *Misericordia Vultus*. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo, SP: Loyola, 2015.

JOÃO PAULO II. *Dies Domini*: sobre a santificação do domingo. Carta apostólica. 5. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2005.

_____. *Ecclesia de Eucharistia*: sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. Carta Encíclica. São Paulo, SP: Loyola, 2011.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Dicionários

ELLACURÍA, Ignacio. *Espiritualidade*. In. SAMANES, Cassiano Floristan; TAMAYO, Juan José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo, SP: Paulus, 1999, p. 240-245.

Livros/ artigos/ estudos

AMBRÓSIO DE MILÃO. In. *Antologia litúrgica*: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 599-653.

ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2004.

_____. *Globalização*: as consequências humanas. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1999.

_____. *Identidade*: entrevista a Benetto Vecchi. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2005.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

_____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2007.

_____. *Vida a crédito*: conversas com Citlali Roviroso-Madrado. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2010.

_____. *Vida líquida*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2005.

- _____.; LYON, David. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2013.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Celebrar bem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. *Os fundamentos da sagrada liturgia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- _____. *Sacrosanctum Concilium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BENTO XVI. *Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- BERNARD, Charles André. *Introdução à teologia espiritual*. 3. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2014.
- BIANCHI, Enzo. *Presbíteros: palavra e liturgia*. São Paulo, SP: Paulus, 2010.
- BOFF, Clodovis. *O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*. São Paulo, SP: Paulus, 2014. v.1.
- BOFF, Leonardo. *Sacramentos da vida e a vida dos sacramentos – mínima sacramentalia*. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOGAZ, Antonio Sagrado; HANSEN, João Henrique. *Liturgia no Vaticano II: novos tempos da celebração cristã*. São Paulo, SP: Paulus: 2014.
- BOROBIO, Dionísio. *Dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para celebração*. São Paulo, SP: Paulus, 2010.
- BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Coleção Vida e Liturgia. Brasília, DF: Edições CNBB, 2014.
- BUYST, Ione. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo, SP: Paulinas, 2011.
- _____. *Sinais e símbolos*. In. *A celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. Manual de liturgia. São Paulo, SP: Paulus, 2015. p. 233-274.
- CANTALAMESSA, Raniero. *O poder da cruz: meditações para a Sexta-feira Santa na Basílica de São Pedro*. 7. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2013.
- CARDITA, Ângelo Manoel dos Santos. *Reforma litúrgica para quê? Revisitando a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo, SP: Loyola, 2018.

CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. São Paulo, SP: Paulinas, 2008.

CASTILLO, José M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo, SP: Paulus, 2012.

CIRILO DE ALEXANDRIA. In. *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Ed 2. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1165-1180.

COSTA, Bernardino Ferreira. *Espaço celebrativo*. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de liturgia, 2017.

COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2003.

DESCARTES. *Discurso do método e paixões da alma*. Coleção Os pensadores. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1987. v. 1.

DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. 8. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2008.

FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo, SP: Paulinas, 2006.

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo, SP: Paulus, 2015.

FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*. São Paulo, SP: Loyola, 2018.

GALVÃO, Francisco. *O cultivo espiritual em tempos de conectividade*. São Paulo, SP: 2018.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo, SP: Editora Unesp, 1991.

GIRAUDO, Cesare. *Admiração litúrgica: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica Ecclesia de Eucharistia*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2008.

_____. *Num corpo só: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2014.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo, SP: Loyola, 2008.

GREGÓRIO DE NISSA. In. *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 588-598.

GRILLO, Andrea. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. V. 4. Coleção Vida e Liturgia da Igreja. Brasília: Edições CNBB, 2017.

GUARDINI, Romano. *O espírito da liturgia*. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo, SP: Paulinas, 2004.

LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos dias atuais: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo, SP: Paulus, 2016.

MAÇANEIRO, Marcial. *O labirinto sagrado: ensaios sobre religião, psique e cultura*. São Paulo, SP: Paulus, 2011.

MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MONDIN, Battista. *Curso de filosofia: os filósofos do ocidente*. V. 2. São Paulo, SP: Paulinas, 1982.

MONDONI, Danilo. *História e teologia da espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 2014.

MORAES, Francisco Figueiredo. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo, SP: Loyola, 2009.

MORBIOLO, Rodolfo Gasparini. *A Igreja esposa na eclesiologia do Vaticano II*. Curitiba, PR: Editora Prismas, 2015.

NEUNHEUSER. *Espiritualidade litúrgica*. Madrid: Paulinas, 1983.

PEREIRA, William Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

POWELL, John. *Por que tenho medo de lhe dizer quem sou? Insights sobre o crescimento pessoal*. 30. ed. Belo Horizonte, MG: Crescer, 2013.

RAMPAZZO, Lino. *Antropologia: religiões e valores cristãos*. São Paulo, SP: Paulus, 2014.

RATZINGER, Ioseph. *Introdução ao Espírito da liturgia*. 4. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2015.

_____. *O novo povo de Deus*. São Paulo, SP: Editora Molokai, 2016.

_____. *Teologia da liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: filosofia pagã*. 3. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2007. v. 1.

SÁNCHEZ, Víctor. *Por que celebramos?* In. *A celebração do mistério pascal: introdução à celebração litúrgica*. Manual de liturgia (I). 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2007. v.1.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo, SP: Paulus, 2003.

_____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2011.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus a história de um vivente*. São Paulo, SP: Paulus, 2008.

SPERA, Juan Carlos; RUSSO, Roberto. *A assembleia celebrante*. In. *A celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. Manual de liturgia. São Paulo, SP: Paulus, 2015, p. 111-140. v. 2.

TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgicos-teológicos sobre a eucaristia*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2015.

TEIXEIRA, Faustino. *O potencial libertador da espiritualidade e da experiência religiosa*. In. AMATUZZI, Mauro Martins. *Psicologia e espiritualidade*. 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2008, p. 13-30.

TERTULIANO. In. *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 202-243.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *A teologia depois do Vaticano II: diagnósticos e propostas*. São Paulo, SP: Paulinas, 2015.

TRATADO SOBRE A ORAÇÃO. *Tertuliano, São Cipriano, Orígenes*. Juiz de Fora, MG: Edições Subiaco, 2011.

VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo, SP: Loyola, 2009.

VANIER, Jean. *Comunidade lugar do perdão e da festa*. 9. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2015.

VANUCCHI, Aldo. *Liturgia e libertação*. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2005.

VALLE, João Edênio dos Reis. *Religião e espiritualidade: um olhar psicológico*. In. AMATUZZI, Mauro Martins. *Psicologia e espiritualidade*. 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2008, p. 83-107.

ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e razão*. São Paulo, SP: É realizações, 2011.

_____. *Inteligência e realidade*. São Paulo, SP: É realizações, 2011.

Internet

AQUINO, Francisco de. Abordagens filosóficas sobre Deus. In. Teocomunicação. v. 47, n. 2, jul./dez. 2017. p. 111-124. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/ojs/index.php/teo/article/view/26858> Acesso em: abr. 2017.

BELLO, Joathas Soares. *Deus experiência do homem em Xavier Zubiri*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2005. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6464/6464_1.PDF Acesso em: 13 abr. 2017.

COLA, Gustavo Correa. *A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação: teologia da assembleia litúrgica*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2013. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22398/22398.PDF> Acesso em: 02 mar. 2017.

COSTA, Valeriano dos Santos. *Corporeidade na liturgia*. Revista de Cultura Teológica. São Paulo. n. 25. 1998. p. 19-30. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14615/17207>. Acesso em: 29 jul. 2017.

_____. *Espiritualidade litúrgica*. Revista de Cultura Teológica. v. 13. n. 52. jul./set. 2005. p. 33-47. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/14957/11153>. Acesso em: 14 mar. 2017.

_____. *Liturgia em “tempos líquidos”*. Revista de Cultura Teológica. São Paulo: ano XXIV, n. 87 – jan./ jun. – 2016. p. 70-95. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i87.28552> Acesso em: 14. mai. 2017.

_____. *O espaço litúrgico em sua sacramentalidade Pascal*. Revista de Cultura Teológica. São Paulo. v. 14 – n. 54 – jan./ mar. 2006. p. 49-62. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/viewFile/14968/11164> Acesso em: 15 ago. 2017.

_____. *Princípios da ciência litúrgica*. Perspect. Teol. Belo Horizonte. v. 48 – n. 2 – mai./ago. 2016. p. 317-334. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3551/3637> Acesso em: 23 de mar 2018.

DUMER, Pablo Fernando. “*O Verbo se fez carne*”: entre espiritualidade e corporeidade. Congresso Latino Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 4, 2016. p. 54-61. Disponível em: anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/622. Acesso em: 10 ago. 2018.

FRANCISCO. *Discurso de abertura da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*. Auditório do Sínodo, Roma, out, 2018. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html. Acesso em: 15 de jan. 2018.

_____. *Discurso do papa para os participantes na Assembleia Plenária da Sagrada Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos*. Sala Paulo VI, Roma, fev, 2019. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190214_cong-culto-divino.html Acesso em 15 de mar. 2019.

QUIRINO, Ademilson Tadeu. *A escuta da palavra de Deus na liturgia*. Revista Eletrônica Espaço Teológico. v. 10. n. 18. jul./dez. 2016. p. 06-17. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/31206>. Acesso em: 25 de jan. 2018.

MELO, José Raimundo de. A riqueza de ministérios na Igreja toda ministerial. Revista de Cultura Teológica. v. 16. n. 63. abr./jun. 2008. p. 127-147. Disponível em:

[file:///C:/Users/dws/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/15617-38038-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/dws/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/15617-38038-1-SM%20(1).pdf) Acesso em: 17 de fev. 2018.

PASSOS, João Décio. *As reformas do papa Francisco: conjuntura, significados e perspectivas*. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte. v. 49. n. 2. jan./abr. 2017. p. 353-374. Disponível em: www.gaje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3705. Acesso em: 14 de set. 2018.

PIO XII. *Mediator Dei: sobre a sagrada liturgia*. Carta encíclica. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html Acesso em: 14 de jul. 2017.

RODRIGUES, José Ribamar. *Mistério pascal de Cristo: salvação operada na liturgia e na vida*. Revista eletrônica espaço teológico. v. 11, n. 19, jan/jun, 2017, p. 151-159. Disponível em: [file:///C:/Users/dws/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/34425-93859-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/dws/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/34425-93859-1-SM%20(1).pdf) Acesso: 23 de mai. 2018.

ZILLES, Urbano. *Espiritualidade cristã*. In. *Espiritualidade e qualidade de vida*. PUCRS. Porto Alegre, RS. 2004. p. 10-23. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/irmaosmaristas/espiritualidade.pdf> Acesso em: 20 jan. de 2017.